

**FÁTIMA REGINA MATOS RIBEIRO**

**DROGAS E ALUNOS USUÁRIOS DE DROGAS NA ESCOLA:**  
**ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES DO ENSINO**  
**MÉDIO DA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO.**

São Bernardo do Campo

2008

**FÁTIMA REGINA MATOS RIBEIRO**

**DROGAS E ALUNOS USUÁRIOS DE DROGAS NA ESCOLA:**  
**ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES DO ENSINO**  
**MÉDIO DA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO.**

Dissertação apresentada como exigência parcial ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, sob orientação da Prof. Dra. Marília Claret Geraes Duran, para obtenção do título de Mestre em Educação.

São Bernardo do Campo

2008

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Marília Claret Geraes Duran  
(Presidente)

---

Prof. Dra. Vera Maria Nigro de Souza Placco

---

Prof. Dra. Norinês Panicacci Bahia

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ribeiro, Fátima Regina Matos

DROGAS E ALUNOS USUÁRIOS DE DROGAS NA ESCOLA:  
estudo de representações sociais de professores do ensino  
médio da rede estadual de São Paulo.

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-  
Graduação em Educação da Universidade Metodista de São  
Paulo – UMESP: 2008.

Palavras-chaves: representações sociais; drogas na escola,  
alunos usuários de drogas. CDD - .....

Índice para catálogo sistemático:

- 1.
- 2.

Ao meu pai, **Edgar** (*in memoriam*), sempre em meus pensamentos.

## AGRADECIMENTOS

A meu filho, Angello, por fazer parte de minha vida e compreendido minhas ausências.

À minha mãe, Maria Augusta e a meu irmão Edgar, que me apóiam incondicionalmente em todos os momentos.

À Prof. Dra. Marília Claret Geraes Duran, pela orientação precisa e valiosa durante o percurso para obtenção do mestrado.

À Prof. Dra. Vera Maria Nigro de Souza Placco, inspiradora deste trabalho e pela disponibilidade em participar desta qualificação.

À Prof. Drs. Norinês Panicacci Bahia, por participar deste momento.

À Dra. Zeila de Brito Fabri Demartini, pelos conhecimentos compartilhados durante as aulas e valiosas sugestões durante o exame de qualificação.

À Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, pelo apoio financeiro dado a esta pesquisa.

Aos demais professores do Programa de Pós Graduação em Educação da UMESP pelos ensinamentos que tanto contribuíram para minha formação acadêmica.

Aos colegas de mestrado pelo apoio sempre tão pertinente; em especial à Karen Azevedo.

A todas as pessoas que de forma direta ou indireta fizeram parte desta etapa acadêmica, muitas vezes até mesmo sem saber.

A um poder superior, sem o qual a magia da vida não seria possível.

## RESUMO

Este estudo apresenta uma discussão a respeito de drogas e de alunos usuários de drogas na escola, explorando as Representações Sociais manifestadas por professores que atuam na Rede Estadual de São Paulo, no ensino Médio. O estudo resgata aspectos históricos e sociais que influenciaram representações sociais sobre drogas em diferentes contextos da sociedade, na perspectiva de buscar compreender a maneira como atualmente elas se apresentam. Discute aspectos conceituais da Teoria das Representações Sociais a partir de Moscovici, considerando contribuições de Jodelet, e outros autores. Os dados coletados por meio de questionários e entrevistas foram analisados com o auxílio de dois *softwares*, o ALCESTE para análise lexical e o EVOC para análise de associação de palavras ou expressões, em articulação com uma análise de conteúdo clássica sugerida por Maria Laura Puglisi Barbosa Franco. O resultado identificou que as representações sociais sobre drogas na escola e alunos usuários estão ancoradas no modo como a grande mídia trata o tema, de forma alarmista e sensacionalista, influenciando grande parte dos professores que associa drogas na escola à violência. Verificou-se ainda que objetivação do aluno usuário de drogas é simbolizada como doença e que o grupo pesquisado segue as representações sociais há muito tempo estruturadas na sociedade, tendo a normalidade como sinônimo de saúde e a drogadição como condição desviante, decorrente de patologias. Assim, espera-se estar contribuindo para a reflexão sobre o uso e abuso de drogas nas escolas, um tema indispensável e que precisa ser enfrentado para construir-se uma via que leve a uma Educação justa e democrática.

Palavras-chaves: representações sociais; drogas na escola, alunos usuários de drogas.

## **ABSTRACT**

This study presents a discussion about drugs and students who use them inside the school with a deep study of the social representation by teachers who working for the state teaching for the high school, in public schools in São Paulo. It brings back historical and social aspects that influenced the social representation about drugs in different contexts of the society, aiming to understand the way that they're acting nowadays. It discusses the conceptual aspects of Social Representation Theory by Moscovici, considering the contributions from Jodelet e some other authors. The data collected through questionnaires and interviews were analyzed with the help of two softwares, the ALCESTE for lexical analysis and EVOC for analysis of association of words or phrases and also through a classical content analysis suggested by Maria Laura Puglisi Barbosa Franco. The result identified that social representations about drugs in school and the students that use drugs are anchored to the sensationalism and alarmist way that the mass media treats the subject influencing most of teachers that associate the drugs in schools with the violence. Also we could see that the objectivity of the student who uses drugs is notated as a disease and the researched group follows the social representations structured for a long time in the society, having normality as a synonym of health and the use of drugs as a diverting condition, resulting from the pathologies. So we hope to contribute for the reflection about the use of drugs in schools, an essential theme that needs to be faced to construct a way that leads to a fair and democratic education.

Key-words: social representations, drugs in school, students that use drugs.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO 1 - A CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA</b> .....	7
1.1 Procedimento metodológico. ....	8
1.2. Perfil das escolas pesquisadas .....	11
<b>CAPÍTULO 2 - CONCEPÇÃO HUMANA: ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAI</b> <b>NURAI NO UNIVERSO DAS DROGAS</b> .....	16
2.1 Aspectos históricos e culturais .....	18
2.2 Contexto histórico cultural das drogas .....	20
2.2.1 Cocaína .....	20
2.2.2 Crack .....	22
2.2.3 Cannabis Sativa (Maconha) .....	23
2.3 Contribuição do V Levantamento Nacional sobre Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino. 2004 .....	29
2.4 O papel da escola entre a guerra às drogas e redução de danos.....	34
<b>CAPÍTULO 3 - TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS</b> .....	40
3.1 A Teoria das Representações sociais enquanto opção teórica.....	40
3.2 Fundamentos da Teoria das Representações Sociais (TRS) .....	43
3.3 Ancoragem e objetivação: mecanismos de um processo que gera Representações Sociais.....	45
<b>CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	51
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	76
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	79
<b>ANEXOS</b> .....	83
ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	84
ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO .....	85
ANEXO 3 – RESULTADO DO EVOC .....	89
ANEXO 4 – RESULTADO ALCESTE.....	93

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Porcentagem de alunos das redes municipal e estadual de São Paulo que fazem uso na vida e de forma freqüente de drogas, 2004 .....	33
Figura 2	Dendograma gerado pelo software ALCESTE para o <i>corpus</i> da questão 16 .....	61
Gráfico 1	Estado civil dos professores .....	13
Gráfico 2	Faixa Etária dos professores .....	13
Gráfico 3	Tempo no Magistério .....	14
Gráfico 4	Formação acadêmica – tipo de instituição .....	14
Gráfico 5	Número de professores com formação específica sobre drogas e usuários na escola. ....	15
Gráfico 6	Número de alunos usuários de drogas na escola na visão dos professores pesquisados. ....	56
Gráfico 7	A escola é local possível para abordagem do tema drogas?.....	56
Gráfico 8	Importância de formação específica para lidar com alunos usuários de drogas na escola, segundo os professores.....	57
Gráfico 9	Abordar o assunto das drogas na escola tem o sentido de....	57
Gráfico 10	A maioria dos alunos usuários de drogas tem comportamento... ..	58
Gráfico 11	Para lidar com alunos usuários de drogas acredito ser necessário que o professor.....	58
Gráfico 12	Distribuição de UCEs da questão “Gostaria ainda de dizer que...” .	61
Quadro 1	Características do núcleo central e do sistema periférico .....	53
Quadro 2	Resultados obtidos após evocação “drogado” .....	54
Quadro 3	Resultados obtidos após evocação “drogas na escola” .....	55
Quadro 4	Perfil dos sujeitos .....	66
Quadro 5	Meios que os professores buscam informações a respeito de drogas .....	67
Quadro 6	Saberes e conhecimentos dos professores sobre drogas na escola. ....	68
Quadro 7	A imagem que se tem do aluno usuário de drogas na escola. ....	69

Quadro 8	Atitudes que os professores tomam diante de alunos usuário de drogas na escola.....	70
Quadro 9	Os meios que os professores obtêm informações sobre drogas na escola .....	73
Quadro 10	Conhecimento pelos professores sobre drogas na escola .....	73
Quadro 11	Imagem que os professores têm sobre alunos usuários de drogas .....	74
Quadro 12	Atitudes dos professores com relação aos alunos usuários de drogas.....	74
Tabela 1	Características sócio-demográficas de 3.522 estudantes das redes municipal e estadual de São Paulo .....	32
Tabela 2	Uso de drogas psicotrópicas em geral (exceto álcool e tabaco) Entre 3.522 estudantes das redes municipal e estadual de São Paulo.....	32

*Uma sociedade resulta da resposta que cada um dá à pergunta sobre sua relação com uma verdade e sobre sua relação com os outros (CERTEAU, 1995).*

## INTRODUÇÃO

Atualmente, os educadores vivenciam um fenômeno social que gera preocupação: o uso de drogas nas escolas da rede estadual de ensino. Este tema me impulsionou a entender o ambiente profissional em que estou inserida e a buscar uma possível compreensão dos porquês de muitos professores apresentarem dificuldades, e também, resistência em desenvolver projetos a respeito do uso de drogas na escola.

Faço esta afirmação como representante do quadro docente de uma escola da rede pública e por entender que saber lidar com os jovens alunos usuários de drogas do Ensino Médio não é tarefa fácil, visto que eles estão sujeitos a uma gama de preconceitos presentes na sociedade que considera o uso e abuso de drogas como algo ameaçador, talvez por ser ilegal, o que passa a ser uma questão muitas vezes camuflada devido a complexidade de elementos a ela associados.

Entendo que a discussão sobre esta temática é inadiável no contexto educacional, visto não ser incomum encontrar muitos conceitos desatualizados e uma grande carga moral no modo como os profissionais da educação percebem os alunos usuários de drogas. Assim sendo, não é por acaso que os alunos sintam-se pouco acolhidos na escola e os educadores se mostram resistentes e temerosos em abordar o assunto em sala de aula por não terem recebido uma capacitação adequada e equilibrada durante seu processo de formação.

Desenvolvendo uma ampla mirada na produção acadêmica sobre este tema, constatei que está mais concentrada nos campos do Direito e da Medicina, o que me parece uma visão simplista, ou seja, abordar o uso e abuso de drogas apenas como problema legal ou como doença acaba com a possibilidade de se realizarem pesquisas voltadas para a área educacional.

Portanto, me parece ser uma tarefa desafiadora, de grande relevância acadêmica e social como estarei sinalizando nas discussões que seguem.

Além disso, sendo a escola um espaço concreto na vivência dos jovens, clientela-alvo da droga, cabe aos educadores desempenhar um papel delicado e dispensar um maior cuidado ao discutir este tema necessário, que “transversaliza” as práticas escolares, da mesma forma como as questões relacionadas à

sexualidade, à violência, à destruição do meio ambiente. Tarefa que exige dos educadores um posicionamento claro sobre o assunto e, na medida do possível, que adotem atitudes menos temerosas e mais generosas, principalmente com aqueles alunos usuários que podem apresentar problemas escolares diversos, como: dificuldades em acompanhar o conteúdo das aulas, transtorno de conduta, problemas de adaptação e até mesmo abandono dos estudos, que deveriam ser constantemente acompanhados pela escola.

Ao longo dos quinze anos que leciono na rede estadual de ensino, tenho observado que os professores têm dificuldade em compreender e trabalhar com alunos que apresentam envolvimento com drogas e semelhante a Placco e col. (2005) percebo que os sentimentos dos educadores em relação ao tema droga é de medo, rejeição e preconceito. Além disso, não tive a oportunidade de conhecer ou atuar em projetos de prevenção no uso de drogas suficientemente consistentes e duradouros.

Exceção feita a um curso de prevenção ao uso de drogas para educadores de escola pública oferecido pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo em 2006 para alguns professores efetivos interessados não apenas no assunto, como também no certificado que receberiam ao final de um ano<sup>1</sup>. Essa proposta chamou minha atenção quanto a essa questão e no Mestrado escolhi este tema para entender o mundo profissional a que pertencço, e nesse contexto, encaminhei esta pesquisa sobre as Representações Sociais de um grupo de professores da Rede Estadual de Ensino, buscando respostas às seguintes questões:

O que significa “drogas na escola” no pensamento dos educadores da escola pública?

Quais as representações sociais do grupo de educadores sobre drogas na escola e sobre os alunos usuários?

Ao levantar elementos que possam responder tais questões pretendo contribuir para a área de formação de professores ao identificar e conhecer as Representações Sociais dos professores sobre drogas na escola e alunos usuários,

---

<sup>1</sup> A certificação continua sendo o motivo principal da participação dos professores em atividades de formação contínua. Ainda que não seja este o tema de meu trabalho, considero importante sinalizar aspectos dessa temática, no decorrer deste estudo.

tomando por base a pesquisa “Representação de professores sobre aids, drogas, violência e prevenção”, desenvolvida pelo grupo de pesquisas em Representações Sociais e Educação, do PEPG Educação: Psicologia da Educação, da Puc- SP, sob a coordenação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Maria Nigro de Souza Placco, realizada no ano de 2005, cujo resultado demonstrou que os professores em suas representações colocam a escola como um local para desenvolver a prevenção ao uso de drogas, entendendo que essa tarefa não pode ser feita por qualquer professor, mas apenas, por um educador especializado no assunto.

Também ficou evidenciado nesta pesquisa que os professores não estão habilitados a aplicarem projetos preventivos de médio e longo prazo em suas escolas, e desta forma, não provocam mudança de comportamento de risco nos alunos, sendo as palestras e os projetos de curta duração mais impactantes (PLACCO e col., 2005).

Semelhante à pesquisa referida, pretendo neste estudo contribuir para o aprofundamento sobre a temática *drogas na escola*, mediante uma pesquisa de campo em cinco escolas da rede estadual paulista. As respostas dos 70 professores foram obtidas durante os Horários de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPCs).

Neste trabalho a palavra *drogas* será utilizada para denominar apenas as substâncias psicoativas consideradas ilícitas e as mais consumidas pelos estudantes: maconha, cocaína, crack.

#### • Minha trajetória formativa

Nasci [no ano de 1965](#), período em que o Brasil foi governado por militares que impuseram uma cruel ditadura (1964-1985). Muitos brasileiros foram mortos e torturados pela polícia. O governo militar assumiu posições favoráveis aos interesses do capitalismo norte-americano e ao mesmo tempo ferozmente contrárias às idéias socialistas ou “comunistas”.

A abertura democrática se deu na época de minha adolescência, momento em que diversos setores da sociedade brasileira (sindicatos de trabalhadores, Igreja, associações artísticas, imprensa e universidades) passaram a reivindicar a redemocratização do país. Assisti, de perto, uma das maiores greves dos operários metalúrgicos de São Bernardo do Campo, em São Paulo, sob a liderança sindical do atual presidente Luís Inácio Lula da Silva.

O movimento estudantil manifestava sua rebeldia contra a opressão e o movimento hippie pregava certo retorno à vida simples, despojada, natural e a apologia às drogas, principalmente à maconha. “É proibido proibir” era o lema desta geração.

Todo este contexto histórico me influenciou e ao concluir a Faculdade de Letras não exerci a profissão de professora, pois estava satisfeita em trabalhar na produção de espetáculos. Um dia, em uma das minhas idas e vindas do Rio de Janeiro, fui convidada por um grupo que vinha “da serra” (Mantiqueira), vendedores de queijos e mel, a lecionar para crianças que não tinham professora há algum tempo, não consegui recusar.

Fui trabalhar na roça, em uma comunidade que agregava várias tribos (hippies, *Hare Khrisna*, Santo Daime, entre outras), em Fragária, Município de Itamonte na divisa dos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Lá permaneci por três anos. Em 1993, ao retornar a São Paulo, me inscrevi na Diretoria de Ensino em São Bernardo do Campo e foi neste momento que deparei com os vários problemas existentes em uma escola estadual.

O que mais me chamou atenção foi o número de alunos usuários de drogas e a falta de orientação da comunidade escolar sobre como lidar com este aluno.

Esta situação fez com que refletisse sobre quais seriam os motivos para tanto distanciamento e, por acreditar que a escola é uma das mais importantes instituições sociais, mediadora entre o indivíduo e a sociedade torna-se um lugar privilegiado que possibilita a troca de experiências entre os seres humanos.

Ademais, novas e complexas necessidades são colocadas pela sociedade contemporânea no que se refere à formação de professores pela “necessidade de formar profissionais capazes de ensinar em situações singulares, instáveis, incertas, carregadas de conflitos e de dilemas, que caracteriza o ensino como prática social em contextos historicamente situados” (PIMENTA, 2005, p 21).

Minhas inquietações e a vontade de buscar um maior entendimento destas questões me levaram ao Mestrado em Educação, confiando que a pesquisa sobre Representações Sociais dos professores sobre drogas e alunos usuários na escola seria o melhor caminho para respondê-las.

Hoje, a docência ocupa grande parte de minha vida. Minha experiência é fruto de uma mistura de conhecimentos e valores que adquiri, mas acredito que devemos ter coragem para quebrar medos e preconceitos, mediante a adoção de novas

propostas que representem o que o professor pode e deve fazer para conhecer a ele mesmo e ao “outro”, respeitando e aceitando todos os seres do universo, pois não somos “anjos decaídos”.

#### • Teoria das Representações Sociais: bibliografia

Com a orientação da Professora Doutora Marília Claret Geraes Duran coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Formação de Educadores (FormAção), entrei em contato com a Teoria das Representações Sociais (TRS). A partir da leitura de Serge Moscovici, como um primeiro movimento em direção à construção teórica de meu trabalho de pesquisa, já na introdução, escrita por Gerard Duveen, minha curiosidade foi despertada para compreensão de como o senso comum se torna uma representação e como esta é influenciada pela comunicação, pois segundo Duveen as representações “constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros.” (MOSCOVICI, 2003, p. 8).

Este livro traz várias afirmações “clássicas” sobre a Teoria das Representações Sociais, incluindo a discussão sobre o caráter dinâmico das representações a partir da perspectiva de construção, contrário ao caráter estático das representações coletivas formulado por Durkhem. Para Moscovici, as mudanças dos interesses de um grupo social geram novas representações e “pontos de tensão” (fratura) na cultura, na qual emergem novas representações que não se constituem em opiniões estáticas, mas sim em elaborações mais organizadas sob a forma de discurso (palavras) compartilhado por um grupo e que pode ser reelaborado, conforme o interesse do momento, ou seja, na direção de um tema comum, proveniente de uma idéia primária “que vem instruir e motivar regimes sociais de discurso” (MOSCOVICI, 2003, p.15, 223).

O Capítulo 1 – **A Contextualização da Pesquisa:** traz a motivação e justifica a escolha da teoria das Representações Sociais para embasamento deste estudo; os procedimentos metodológicos e o perfil dos professores e das escolas pesquisadas.

O Capítulo 2 - **Concepção humana: aspectos históricos e culturais no universo das drogas:** aborda alguns conceitos historicamente “cristalizados” em nossa sociedade que vêm dificultando um entendimento mais claro sobre as

questões da relação do ser humano com o uso de drogas. Dentre estes conceitos, destaca-se a questão da proibição, abstinência e prazer, com o objetivo de resgatar as representações dentro de cada momento histórico e como elas influenciam na formação dos educadores nos dias atuais. Também serão apresentados os dados do V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de ensino em 27 capitais brasileiras realizados pelo Cebrid – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, órgão vinculado a UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo. Estes dados são utilizados em pesquisas que pretendem reconhecer o consumo de drogas entre os estudantes da rede pública e para subsidiar campanhas e projetos mais adequados à nossa realidade. No entanto, esta apresentação terá um recorte, destacando apenas o levantamento de São Paulo visando representar a população estudantil da rede pública.

O Capítulo 3 - **Teoria das Representações Sociais** - relaciona as principais linhas de pensamento da Teoria das Representações Sociais ao tema proposto nesta dissertação: drogas (ilícitas) com a colaboração majoritária de Serge Moscovici, com o auxílio de outros autores interessados pelas Representações Sociais como por exemplo Mary Jane P. Spink ( 1995), Celso Pereira de Sá (1998) e Denise Jodelet (2005).

No Capítulo 4 - **Apresentação e Análise dos Dados**, apresenta-se a representação gráfica e a análise dos dados obtidos na pesquisa de campo realizada em cinco escolas, com 70 professores sobre as representações sociais dos professores sobre drogas na escola e alunos usuários de drogas.

Finalizando, as Considerações Finais com a discussão dos dados da pesquisa confrontados com a teoria apresentada.

## **CAPÍTULO 1**

### **A CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA**

Para desenvolver uma reflexão sobre as representações dos educadores sobre drogas na escola e alunos usuários de drogas, neste estudo pretendo identificar e compreender, pelo menos em parte, o complicado problema da relação professor/aluno usuário de drogas.

Meu primeiro contato com o estudo de Representações Sociais dos professores sobre drogas na escola ocorreu com a leitura de trabalhos já elaborados sobre este tema, especialmente com a pesquisa Representações Sociais de Professores do Ensino Médio sobre Drogas na Escola de Placco e col. (2005), que teve como objetivo subsidiar intervenções formativas, na área da formação de professores para ações preventivas, utilizando a técnica do grupo focal como método de pesquisa, para obter as representações de educadores de uma escola pública da rede estadual de São Paulo.

Os dados foram analisados sob a perspectiva da Teoria das Representações Sociais, tratados com o auxílio do programa ALCESTE além da “análise de conteúdo” clássica.

Categorias foram buscadas por meio do agrupamento das frases que surgiram nos grupos focais, sendo as cinco mais preponderantes: a) sentimentos; b) conhecimentos de drogas e seu uso; c) representações que os professores têm da família de usuários; d) posicionamento do professor perante alunos usuários; e) alternativas de atuação frente às drogas (PLACCO e col., 2005, p.63).

A primeira categoria, “sentimentos”, indicou a predominância dos sentimentos de impotência, de tristeza, de humilhação, de pena, de perplexidade, de medo, de rejeição e de empatia, este último, relacionado ao usuário e não à droga.

Na segunda categoria “conhecimento de drogas e seu uso”, demonstrou que a maioria dos professores acredita que a dependência química é algo hereditário, associada à vulnerabilidade social e pessoal, e que a única saída do usuário é a abstinência total das drogas. Os professores também revelaram preconceito e desconhecimento de informações científicas quanto aos efeitos das diversas drogas. Os princípios de redução de danos ou de uso controlado de drogas não foram citados. (PLACCO e col., 2005, p.67-70).

Em relação às categorias 3 e 4: “representações que os professores têm da família de usuários” e “posicionamento do professor perante alunos usuários de drogas”, constatou-se que “quando há um usuário, no seio familiar, (tal fato) é tão problemático e fortemente negativo que pode chegar a dissolver a união de seus entes”. O posicionamento dos professores perante usuários de drogas na escola evidenciou uma atitude de proteção, pois acreditam ser melhor trazer os alunos usuários para a escola do que levá-los para a delegacia, embora os mesmos professores tenham declarado sentirem dificuldades quando se deparam com um aluno usuário na sala de aula (PLACCO e col., 2005, p.75-77).

Nas conclusões preliminares da pesquisa, constatou-se que os professores acreditam que a escola é um lugar possível para uma atuação com trabalhos preventivos, mas que devem ser desenvolvidos por professores especialistas como os de Biologia ou Ciências e não por qualquer professor, por considerarem que este é um trabalho que deve ser mais ligado à conscientização dos estudantes para o não uso de drogas, ou seja, para a abstinência total como única solução apresentada à problemática do uso e abuso de drogas na escola (PLACCO e col., 2005, p.75-77).

Estes pesquisadores também observaram que o grupo de professores pesquisado apresenta certa confusão entre o conceito de prevenção e o de tratamento ao dependente. “Há falta de clareza na distinção entre o uso recreativo e o uso nocivo ou de risco de uma substância psicoativa” (PLACCO e col., 2005, p.80).

Sendo assim, o inter-relacionamento da pesquisa citada com o trabalho que realize torna-se enriquecedor, já que existem poucos trabalhos sobre drogas na área educacional. Desse modo, pretendo contribuir para a construção de um olhar mais crítico e uma formação de professores mais segura que repercute positivamente nas intervenções com os alunos usuários de drogas na escola.

## **1.2 Procedimento metodológico.**

Esta pesquisa foi realizada com a combinação de dois instrumentos: questionários respondidos por 70 professores do Ensino Médio da Rede Pública Estadual de São Paulo e entrevistas com nove professores, que já haviam respondido ao questionário citado.

Na primeira fase da pesquisa, os dados foram obtidos a partir de questionários aplicados em cinco escolas estaduais, quatro localizadas em São Bernardo do Campo, uma localizada na região central e três localizadas na periferia da mesma cidade. Uma escola situa-se no município de Mauá, em um sítio extremamente distante do centro da cidade, e, freqüentada por estudantes de nível socioeconômico baixo. As escolas foram escolhidas por não terem qualquer vínculo com o pesquisador.

Como já referido, as respostas dos 70 professores foram obtidas durante os horários do HTPC – Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo. De antemão, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1), momento em que lhes foi garantido que as informações obtidas eram confidenciais e se destinavam a fins acadêmicos, bem como, que haveria a devolutiva dos resultados da pesquisa.

As visitas às escolas, no início do quarto bimestre do ano letivo (Outubro/2007), facilitaram o trabalho, pois os professores tiveram tempo e disponibilidade para responder aos questionários aplicados. Em vários momentos fui abordada por alguns deles, por conta da curiosidade sobre o tema. Dois professores chamaram minha atenção ao “desabafarem” sobre problemas que vivenciam com seus familiares que são dependentes químicos, na busca, talvez, de um conselho. Tal fato me levou a aprofundar os dados de pesquisa e a estudar mais sobre o assunto, inclusive, considerando a possibilidade de desenvolver entrevistas semi-estruturadas.

O questionário divide-se em quatro partes: a) questão de associação livre; b) questões situacionais preparadas como se fossem respostas a uma carta; c) questionário de perfil; d) coleta de dados sobre os aspectos físicos e estruturais da escola (Anexo 2). As entrevistas semi-estruturadas foram organizadas buscando aprofundamento das dimensões sociais descritas por Moscovici (1978): informações, imagens e atitudes.

O questionário, composto por questões de associação livre de palavras como o desenvolvido por Jung, faz um tipo de investigação aberta que se estrutura na evocação de respostas dadas com base em um ou mais estímulos indutores (ABRIC, 1998)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> ABRIC, JC. – A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, MASP. – **Estudos Interdisciplinares de Representações Sociais**. Goiânia: AB, 1998.

De antemão, os sujeitos foram informados sobre a delimitação da pesquisa – drogas na escola e alunos usuários de drogas na escola. Foram utilizados como indutores à evocação os seguintes termos: (1) *drogado*; (2) *drogas na escola* e (3) *dependência química* (Anexo 2).

No decorrer do estudo optou-se por retirar o termo “dependência química” por este estar vinculado à área de saúde, fora do contexto educacional e também por considerar que poderia confundir o sujeito, já que é comum utilizar-se o termo dependente químico para designar a pessoa drogada.

As questões foram estruturadas como uma carta (Anexo 2), com sete perguntas, sendo uma aberta e seis fechadas, modelo adaptado a partir do caderno de pesquisa elaborado pelo Centro de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade – Educação (Fundação Carlos Chagas) para a primeira fase do Projeto de Pesquisa: Representações Sociais do Trabalho Docente.

Foi ainda aplicado um questionário de perfil dos participantes, contendo cinco questões fechadas (Anexo 2), cujos dados coletados foram transcritos para uma planilha eletrônica (Excel<sup>®</sup>) e elaborados gráficos para permitir melhor visualização dos achados.

A partir da questão aberta: “Gostaria ainda dizer que..., com o auxílio do software ALCESTE, foi possível visualizar as classes de palavras existentes no discurso dos professores, com o propósito de identificar suas representações a respeito do objeto de pesquisa.

O ALCESTE (*Analyse Lexicale par Contexte d’un Ensemble de Segments de Texte*)<sup>3</sup>, programa de informática desenvolvido pelo engenheiro e sócio-lingüista Max Reinert, criado para análise quantitativa de dados textuais. O princípio do seu funcionamento está na “idéia de relação entre contexto lingüístico e representação coletiva ou entre unidade de contexto e contexto típico”. A frequência de um determinado vocábulo específico em um discurso é captada pelo programa e, desta maneira, revela as maneiras de pensar de um grupo acerca de um objeto, com o objetivo de diferenciar classes de palavras que representam distintas formas de discurso a respeito de um assunto ou de um objeto de interesse (NASCIMENTO e MENANDRO, 2006, p 74).

---

<sup>3</sup> Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmentos de Texto.

Já o programa EVOC, *software* de análise de associação livre de palavras ou expressões, permite colocar em destaque o universo semântico do objeto estudado, assim como revelar o núcleo central das representações, por meio da frequência de cada palavra ou expressão evocada e sua ordem média, bem como, a média das ordens médias de evocação.

Neste estudo, o programa EVOC permitiu colocar em evidência as palavras mais evocadas pelos professores pesquisados com o intuito de estudar o seu significado e, desta maneira, identificar a imagem que fazem das drogas na escola e dos alunos usuários de drogas na escola.

## **1.2. Perfil das escolas pesquisadas**

Com base nas questões sobre o espaço físico e estrutural das escolas foi possível traçar o perfil das escolas pesquisadas pelas respostas oferecidas pelos coordenadores de cada uma delas.

Verificou-se que os equipamentos existentes para auxiliar o aprendizado dos estudantes são insatisfatórios, sendo a biblioteca exceção em todas unidades, avaliadas como “muito boa” e “boa”. Todas as escolas dispõem de quadras esportivas e laboratório de informática, embora nas palavras dos coordenadores, muitos computadores por não sofrerem manutenção contínua e adequada ficam ociosos.

Quatro escolas trabalham nos três períodos: manhã, tarde e noite, apenas a escola situada na região central da cidade de São Bernardo do Campo, funciona nos período da manhã e da tarde.

A quantidade de alunos nas escolas varia entre 1000 e 1700, com salas de aula formadas por cerca de 40 a 45 alunos, fator que de certa forma dificulta o reconhecimento de alunos usuários de drogas pelos professores.

As entrevistas foram realizadas para identificar as representações dos professores e aprofundar as discussões sobre drogas e alunos usuários na escola, a partir de um roteiro que proporcionasse a cada professor entrevistado liberdade para falar sobre o tema proposto, já que são “indispensáveis em qualquer estudo sobre representações” (JODELLET, *apud* SÁ, 1998, p. 82).

Para alcançar maior abrangência do contexto analisado e considerando a multiplicidade de condições, bem como, possíveis influências desses contextos nas

representações dos sujeitos sobre o tema, foram feitas entrevistas com professores que lecionam há muito tempo na mesma escola e outros que atuam na instituição há pouco tempo; professores que têm cursos de prevenção de drogas na escola e professores que não tiveram esta formação.

A análise das entrevistas foi feita de forma a trazer à tona o universo de opinião dos professores a respeito de drogas na escola e de alunos usuários de drogas, visando verificar a existência de “três dimensões: a informação, a imagem ou campo de representação e a atitude” (ALVES-MAZZOTTI, 1994, p. 63).

Para extrair estas três dimensões foram elaboradas perguntas visando “provocar respostas suscetíveis de fornecer indícios tão confiáveis quanto possível de suas representações [...] e de modo a que o sujeito seja levado a se colocar no mais alto desses três níveis” (GRIZE, apud SÁ, 1998, p.88), ou seja, as imagens mentais, as representações referenciais e os sistemas de relações.

As duas primeiras perguntas foram formuladas para identificar as informações que os professores têm sobre a questão das drogas na escola e para saber como eles obtiveram estas informações. As perguntas foram as seguintes:

- O que você sabe sobre drogas na escola?
- Onde você buscou informações sobre drogas na escola?

Com relação às representações sobre alunos usuários de drogas, a pergunta escolhida foi:

- O que vêm a sua mente quando eu falo em aluno usuário de drogas na escola?

Com esta pergunta, a intenção foi extrair a imagem que os entrevistados fazem de seus alunos usuários. Para verificar as atitudes dos professores na prática, foi colocada uma situação fictícia:

- Diante de uma situação hipotética: ao entrar na sala de aula você percebe que há alunos sob efeito de drogas. Qual a sua atitude nesta situação?

A construção da pesquisa não foi uma tarefa fácil, pois não privilegiou um método de pesquisa em especial. Foram combinadas diferentes direções metodológicas para alcançar respostas legítimas e isto exigiu “uma seriedade autêntica no engajamento do pesquisador em sua própria aventura metodológica” (Sá, 1998, 80-85).

Foram coletadas informações (Anexo 2), que possibilitaram traçar um perfil dos 70 sujeitos que atuam como professores da rede estadual de São Paulo. Os resultados mostraram que:

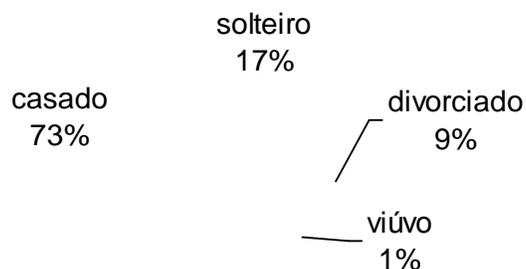


Gráfico 1: Estado civil dos professores

Pode-se observar no Gráfico 1 que, 73% dos sujeitos são casados; 17% dos pesquisados são solteiros; 9% são divorciados e educadores viúvos somam 1%.

A maioria (36%) é composta por sujeitos com idade entre 41 até 51 anos. Em seguida são educadores com idade de 30 a 40 anos (34%). Acima de 51 anos somam-se 14% dos 70 pesquisados. Na faixa etária de 25 a 30 anos (13%) e apenas 3% professores com 20 a 25 anos.

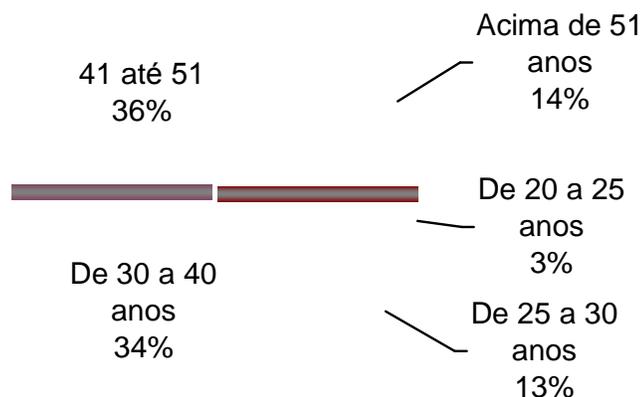


Gráfico 2: Faixa Etária dos professores

Analisando-se os dados da questão tempo de atuação na escola, fica evidente tratar-se de um grupo com experiência inicial na escola onde trabalha atualmente, pois 56 professores leciona na escola entre 0 até 5 anos, o que corresponde 80% dos participantes, sendo os 20% restante composto por um grupo de professores pesquisados que trabalha há mais de 5 anos na escola

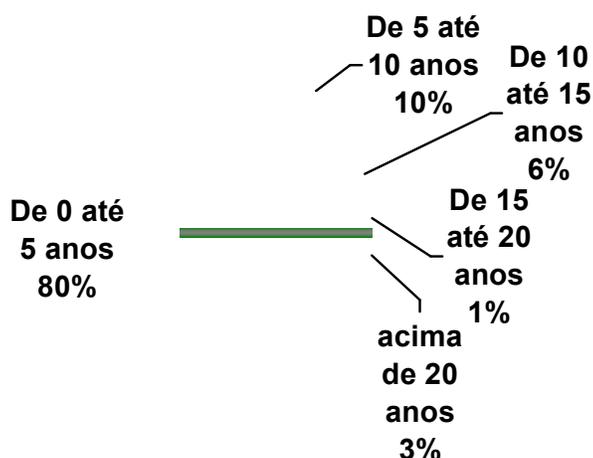


Gráfico 3 – Tempo no Magistério

No que diz respeito à escolaridade, as respostas indicam que apenas um sujeito, entre os 70 professores possui certificado de graduação em uma instituição pública e que os demais professores são formados em instituições privadas, demonstrando que tais instituições não prevêm em seus currículos atividades de cunho preventivo sobre drogas e usuários na escola, conforme demonstrado na Gráfico 4 adiante.



Gráfico 4 - Formação acadêmica – tipo de instituição.



Gráfico 5 – Número de professores com formação específica sobre drogas e usuários na escola.

Como veremos adiante, as drogas estão presentes na maioria dos espaços sociais e o seu consumo é tão antigo quanto a humanidade. A escola reflete esta realidade social e, portanto, há a necessidade de abordar essa questão nas escolas, com o devido cuidado que esta temática exige.

Pode-se observar no Gráfico 5 que, em relação à formação preventiva ao uso de drogas na escola, o grupo formado por 70 professores, apenas 19% teve algum tipo de formação. O que caracteriza uma porcentagem muito pequena para que seja feito um trabalho de prevenção consistente nas escolas.

Para discutirmos esses pontos, o capítulo seguinte trará informações históricas e sociais a respeito das drogas a fim de entendermos algumas propostas preventivas utilizadas nas escolas e os dados do V Levantamento sobre o Uso de Drogas entre Estudantes de Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de ensino em 27 Capitais Brasileiras, de 2004, feito pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) e pelo departamento de Psicobiologia da Escola de Medicina da Universidade Federal de São Paulo, é uma prova incisiva de que elas são elementos do cotidiano escolar e, os resultados contribuirão para traçar o diagnóstico e o perfil do uso de drogas psicotrópicas entre estudantes.

## **CAPÍTULO 2**

### **CONCEPÇÃO HUMANA: ASPECTOS HISTÓRICO-CULTURAIS NO UNIVERSO DAS DROGAS**

Introduzindo o tema, proponho uma situação: a representação de uma peça teatral, um drama que se desenvolve em um palco imenso e que permite a atuação simultânea dos atores em diferentes cenários. Num cenário, atuam os familiares, no outro, os integrantes do grupo social: escola, escritório, clube ou praça pública. Em todos esses cenários, encontramos contrastes: a miséria convivendo com a riqueza; a solidão no meio da multidão e a falta de comunicação no mundo dos “meios de comunicação”. São diferenças que sinalizam a perda de sentidos que marcam a atual sociedade.

No palco onde se apresenta a família, retrata-se o desaparecimento do contexto familiar sadio e estável, que é condição para a saúde emocional, espiritual e também física de cada membro do grupo. Os atores estarão representando a perda de valores genuínos como: a generosidade, a confiança, a liberdade comprometida, o engajamento e em seu lugar, apresentam a rejeição e toda uma vida de tensões.

Já no cenário em que se apresenta o “drama” da vida escolar, os professores aparecem com sentimentos de impotência, medo e rejeição que se revelam no momento que exprimem pena, ao confundir o uso eventual de drogas com a dependência química, um estágio no qual o usuário passa a desenvolver um comportamento que em muitos momentos não pode controlar, comumente chamado de síndrome da dependência.

Em todos os planos da representação do drama apresentado existe um ponto comum em todos eles: a pessoa humana inserida na sociedade contemporânea. Assim, parece importante e necessário o estudo comparativo das representações entre tantos sentimentos diversos, levando-se sempre em consideração a complexidade humana definida por Edgar Morin:

O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e instável. Sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer com objetividade; é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, gozador, ébrio, extático; é um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio; é consciente da morte,

mas que não pode crer nela; que secreta o mito e a magia, mas também a ciência e a filosofia; que é possuído pelos deuses e pelas Idéias, mas que duvida dos deuses e critica as Idéias; nutre-se dos conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e de quimeras (MORIN, 2002, p.59).

Como seres plurais, somos estimulados a viver experiências que têm o poder de nos colocar em contato com diferentes facetas de nós mesmos, pois cada um de nós é habitado por múltiplos personagens dentro de um só ator e, nem sempre eles estão de acordo uns com os outros.

Conhecer a nós mesmos, o que acontece ao nosso redor, ou seja, compreender a nossa situação no universo, a relação com o sujeito/objeto e nossas representações é um ponto importante.

Na sociedade atual é cada vez mais necessário ter um olhar crítico sobre a condição humana diante das angústias e desejos provenientes de sua relação com as drogas.

Assim, refletir sobre a complexidade humana contribui para a compreensão da totalidade da vida, em todas as suas expressões, no comportamento, nos sentimentos, até porque ela vai se constituindo conforme nos desenvolvemos, vivenciamos e nos apropriamos das experiências da vida afetiva, social, cultural e histórica, compartilhando com Serge Moscovici quando este afirma: “a realidade das representações é fácil de ser compreendida e uma das razões é o fato delas serem históricas e é por isso que devemos encarregar os historiadores da tarefa de descobri-las” (MOSCOVICI, 2003, p. 10).

Desta forma, creio que o conhecimento de alguns aspectos históricos ligados ao uso de substâncias entorpecentes ajudará a compreender, pelo menos em parte, atitudes, hábitos e representações sociais que permeiam e/ou permearam o uso de drogas entre os seres humanos.

A análise deste tema requer que sejam considerados muitos significados assumidos pelas drogas nas diversas culturas e épocas, assunto tratado no tópico a seguir, para que se possa refletir e discutir alguns conceitos incorporados e enraizados historicamente na nossa sociedade, que podem em algum momento dificultar a percepção das questões decorrentes da relação do ser humano com o uso de drogas, matéria-prima valiosa para alcançar o objetivo deste estudo e contribuir para a construção de um modelo que possa ser utilizado na formação de

profissionais capazes de trabalhar na prevenção ao uso e abuso de drogas nas escolas, livres de posturas preconceituosas e julgamentos pouco elaborados.

## 2.1. Aspectos histórico-culturais

Se procurarmos estudar as origens do hábito de consumir substâncias entorpecentes, certamente perceberemos que esse costume não nasceu de uma determinada cultura e nem é recente. Nas cerimônias religiosas o uso de drogas era permitido somente pelos líderes religiosos, aos Xamãs<sup>4</sup>, para que estes sentissem a sensação de uma aproximação real dos poderes das entidades divinas.

Além do mais, as drogas ocupam lugar importante na economia da maioria dos povos e sua capacidade de gerar estados de êxtase também assinalou a elas o papel privilegiado de sociabilidade em rituais religiosos, festivos e profanos, que facilita o grau de união entre os participantes, aumenta a cordialidade, fundamentando seu uso com o imaginário da própria felicidade.

A sociedade na época colonial não fez distinção precisa entre droga e comida, o álcool, açúcar, café, coca, mate e chocolate não se distinguem do ponto de vista de sua natureza como produtos de consumo da cultura material. O papel das drogas na cultura da humanidade é pouco enfatizado, embora sua relevância seja enorme. O papel da farmacologia e, especialmente, da psicofarmacologia na história das civilizações não foi suficientemente sublinhado e pesquisado em todas as suas significações... (CARNEIRO, 2005, p.14).

Apreende-se nas palavras deste autor que o contexto sócio-cultural influencia o consumo lícito de drogas moderadas como o tabaco, a cafeína encontrada no café, chá-mate e os refrigerantes do tipo cola, enquanto o uso da cocaína é ilegal na maioria das sociedades, exceto nos países andinos onde é tradicionalmente aceito, constituindo uma prática lícita na cultura desses povos. No caso do consumo de bebidas alcoólicas, aceito em diversos países do mundo, na tradição Islâmica é rigorosamente proibido embora a maconha possa ser consumida. Assim, percebe-se

---

<sup>4</sup> Xamã: Antrop.e Etnol. Entre certos povos, espécie de sacerdote que recorre a forças ou entidades sobrenaturais para realizar curas, adivinhações, encantamentos, etc. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio Século XXI Escolar. O minidicionário da língua portuguesa. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p.720.

que os valores sustentados por cada sociedade influem nas idéias formadas sobre drogas.

Portanto, é preciso ter cuidado para não identificá-las precipitadamente, pois isto implicaria em “priorizar o veredicto sobre o julgamento e do predicado sobre o sujeito” (MOSCOVICI, 2003, p.64), bem como, entender como as drogas são apresentadas como pretextos para minorias, por exemplo, ao associar o grupo negro à cocaína, como veremos adiante, desconsiderando que esta droga foi descoberta e difundida na Europa<sup>5</sup>, ou ainda ao ligar o mexicano à maconha, mesmo que os estudos indiquem que esta planta foi trazida à América pelos colonizadores e reconhecendo seu uso milenar na Ásia e na África.

Segundo Henrique Carneiro:

A palavra ‘droga’ provavelmente deriva do termo holandês droog, que significa produtos secos e servia para designar, dos séculos XVI ao XVIII, um conjunto de substâncias naturais utilizadas, sobretudo, na alimentação e na medicina. Mas o termo também foi usado na tinturaria ou como substância que poderia ser consumida por mero prazer. Tal noção continua presente o Dicionário da Língua Portuguesa Recopilada, de Antônio de Moraes Silva, de 1813, que define droga como: ‘Todo o gênero de especiaria aromática; tintas, óleos, raízes oficiais de tinturaria, e botica (CARNEIRO, 2005, p.11).

Assim, a história do consumo de drogas não é linear, por estar sujeita a rupturas de representações onde práticas antigas desaparecem em razão da pressão das instituições oficiais, como veremos, no Movimento de Temperança<sup>6</sup>, do final do século XIX, que conseguiu impor a Lei Seca, de 1920 à 1933, período “concomitante aos mecanismos puritanos desta lei e a discriminação racial de imigrantes servindo de pretexto para a estigmatização do ópio chinês e da marijuana mexicana nos Estados Unidos” (CARNEIRO, 2005, p.18), ou então, como hoje em dia, submetendo as drogas a uma legislação que permite algumas, como tabaco, álcool, antidepressivos, e proíbe outras como canábis, coca, além de outras plantas de uso sagrado nas culturas indígenas.

Também, há o emprego terapêutico que tem por intenção curar ou aliviar males de um tipo ou de outro, mediante o uso da tradição de ervas e remédios domésticos

---

<sup>5</sup> O isolamento químico da cocaína foi feito por um alemão Albert Newman no ano de 1882. LARANJEIRA, Ronaldo. Drogas, S.Paulo: Contexto 1998,p.27.

<sup>6</sup> Movimento e discursos contra as drogas: o caso da sociedade norte-americana, conf. Levine, H.: The alcohol problem in America: from temperance to alcoholism. British Journal of Addiction 79: 109-119, 1984. In: Beatriz Carlini-Cotrim. **Movimentos e discursos contra as drogas: o caso da sociedade norte-americana.** Revista ABPAPAL 17(3): 93-101, 1995.

até o segundo terço do século XX, “quando o sistema de receita médica tornou-se obrigatório” (ESCOHOTADO,1997, p.31). Assim, para compreendermos as diferenças de enfoque em cada contexto histórico para cada droga e entender melhor o clima social e alguns elementos históricos que serão norteadores de representações sociais.

## **2.2. Contexto histórico cultural das drogas**

### **2.2.1. Cocaína**

O nome da planta coca é derivado do Inca Cuca ou do Aymaran Khoka, que significa “A Árvore” (ROCHA, 1993, p.19), que exerceu grande influência sobre diversas culturas nativas e foi monopolizada por muito tempo pelos Incas para uso palaciano. É um arbusto que pode atingir dois metros de altura, adapta-se em solos argilosos em temperatura média de 20°C.

Desde os tempos dos Incas a coca era considerada uma divindade: “Dizia a lenda que os Filhos do Sol presentearam o homem com a folha da coca para satisfazer a fome, outorgar novo vigor aos cansados e aos fracos e fazer os infelizes se esquecerem de suas misérias” (ISM – INSTITUTO SOCIAL MORUMBI, 1971, p.69;71). Consta que durante o Império dos Incas, a folha de coca era reservada às classes superiores, “reservadas exclusivamente para a corte e outorgadas os servos como prêmio” (ESCOHOTADO, 1997(b), p 27) e, com a queda do Império, a partir de crises políticas, econômicas e principalmente sociais, o costume de mascar a folha espalhou-se pelos camponeses.

Mesmo tendo sido conhecida pelos europeus nos primeiros anos da colonização espanhola, as folhas de coca não conseguiram popularidade nesse continente até o século XIX, quando passou a fazer parte da fórmula de estimulantes e anestésicos, ideais para exaltar o humor, espantar a depressão e “deixar as damas plenas de vivacidade e charme” (ESCOHOTADO, 1997(b), p 154), publicadas nas principais revistas médicas da época e que passaram a ser vendidas livremente e consumidas em cafés e restaurantes, elogiadas por pessoas ilustres como: Julio Verne, Sigmund Freud, que usou a droga durante mais de uma década e o Papa

Leão XIII que no ano de 1878 foi eleito sucessor do Papa Pio IX (SANCHEZ,1982, p.40).

A monografia do então desconhecido cientista Sigmund Freud “Über Coca”, de 1884, fez o primeiro estudo sobre os efeitos da cocaína. Louvava a capacidade da substância de elevar o humor, combater transtornos gástricos, asma, além de ser afrodisíaca e um anestésico local. Freud defendia seu uso como terapia para o tratamento de alcoólatras e farmacodependentes da morfina<sup>7</sup>, ao descrever seus efeitos excitantes e eufóricos. Nesta mesma época, ministrou a cocaína no tratamento do seu amigo Ernest Von Fleischl que tornou-se dependente em morfina. Não obteve êxito, pois Ernest morreu vítima e arruinado pelo uso da cocaína quatro anos depois do início do tratamento. Este acontecimento fez com que Freud retirasse seu apoio à terapia com o uso desta droga em outro escrito, passando a se dedicar à psiquiatria, onde se tornou famoso (ROCHA,1993,p.21 ).

O refrigerante Coca-Cola fabricado em 1885 e lançado em 1890 era produzido a partir de folhas de coca e anunciado como “marcante agente terapêutico” para a melancolia, um remédio supremo, “ *a pausa que refresca*”. Em 1906, o fabricante mudou a fórmula do refrigerante passando a usar cafeína como ingrediente ativo, substituindo a cocaína, mas o nome da bebida continuou o mesmo (ROCHA, 1993, p. 21 ).

Em 1914, o Congresso Americano apontou a ilegalidade da cocaína, tornando seus usuários sujeitos às mesmas penalidades do ópio e da heroína. A campanha contra esta droga ensejou a primeira lei contra seu uso, o chamado *Harrison Act*, que visava legitimar a repressão aos negros norte-americanos.

A associação entre negros e cocaína foi produto de uma campanha dos políticos conservadores sulistas, líderes do movimento proibicionista, que “disseminavam a idéia de que os homens negros, sob efeito da cocaína, tendiam a violentar mulheres brancas” (CARLINI-COTRIM,1998,p.22).

A partir de então, seu uso foi diminuindo até que em 1930 surgiram as anfetaminas com efeitos semelhantes, mais baratas e legais. Entretanto, no momento em que elas passaram a ser controladas e entregues à ilegalidade, a cocaína começou a ser produzida em grande escala, importada e distribuída

---

<sup>7</sup> Chamada assim em homenagem a Morfeu, substância isolada como componente do ópio no início do século XIX. O primeiro emprego maciço do fármaco ocorreu na guerra civil americana (1861 - 1865) – Escototado, Antonio, O livro das drogas ,usos e abusos e preconceitos, São Paulo: Dynamis, 1997, p.63.

novamente, só que controlada pelas organizações de tráfico de drogas, movimento que permanece nos dias atuais.

De 1968 à 1975, período mais violento da repressão política no Brasil, havia uma ligação entre o uso de drogas, principalmente as alucinógenas, e a rebelião libertária dos jovens que disseram “não” ao sistema estabelecido e tentaram criar um estilo de vida alternativo e despojado, os *hippies*, conhecidos através do movimento de contracultura, negavam o nacionalismo e abraçavam aspectos religiosos do budismo e do hinduísmo. As drogas eleitas por esta geração foram a maconha e o LSD. A cocaína, apesar de não ter sido escolhida como a principal, não deixava de ser usada mesmo sendo de alto custo.

Nos anos 1980 veio o susto, substâncias que antes representavam a idéia de “paz e amor” passaram a ser vinculadas às palavras violência, tráfico e morte. Paralelamente, a cocaína apresenta-se como um estimulante basicamente urbano e por ser de alto custo no início desta década, ficou associada como a “droga das elites”, mais especificamente à geração *yuppie*, que surge com ideologias opostas ao movimento hippie, conforme expressado por Alfredo Toscano Junior: “Esta geração de jovens profissionalmente bem sucedida e integrada ao sistema consumista, inalavam-na para dar-lhes energia e ambição social que eram os principais atributos para esses jovens executivos” (TOSCANO, 2000, p.17).

No início dos anos 1990, “a cocaína popularizou-se com o preço mais acessível, atingindo nas camadas sociais mais baixas, faixas etárias cada vez menores” (TOSCANO, 2000, p.17). Sob o prisma da ilegalidade, como um problema de âmbito judicial, é uma questão a ser resolvida no espaço social e sanitário por envolver aspectos psicológicos, políticos e, no que diz respeito à esta dissertação, educativo.

### **2.2.2. Crack**

No decorrer dos anos 1990, precisamente em 1991, ocorreram as “primeiras apreensões de *crack* pela polícia” (TOSCANO, 2000, p.17), entretanto é possível que esta droga tenha sido encontrada em São Paulo, antes de 1989. Ao contrário da maioria das drogas, o *crack* não tem origem ligada a fins medicinais, foi uma droga criada apenas para alterar o estado mental do usuário, também derivada da planta de coca, mais precisamente da sobra do refinamento da cocaína ou da pasta não

refinada misturada ao bicarbonato de sódio e água. Sobre sua origem, é difícil de precisar na literatura quando e onde ele apareceu pela primeira vez, ficando seu histórico limitado. O nome “*crack*” vem do barulho que ele faz quando está sendo queimado para ser consumido.

Segundo Uchoa (1998, p. 37) “... Oficialmente, a aventura do *crack* nos Estados Unidos começou em meados da década de 1980 nas ruas escuras e sujas do Bronx, em Nova York”.

Existe uma variação do *crack*, cujo poder alucinógeno é maior conhecida como *Merla*. Surgiu nas favelas do Grande ABC, na região Metropolitana de São Paulo, no final da década de 1990, fabricada com sobras do refino da cocaína misturada com querosene e gasolina.

Quase duas décadas passadas, um grande problema surge na atual sociedade: “*os filhos do crack*”, configurando uma situação paradoxal, pois apesar “*crack* inibir a vontade de transar, muitas mulheres acabam se prostituindo para conseguir a droga e não conseguem parar quando ficam grávidas” (UCHOA, 1998, p. 42).

### **2.2.3. Canabis Sativa (Maconha).**

A história da *Canabis Sativa*, popularmente conhecida como maconha, é quase tão antiga quanto a civilização. O lendário Shen Nung, um tratado de medicina chinesa escrito no século I (TOSCANO, 2000, p. 12), com sugestões para uso da planta, escrito por Pen Tsao Ching, mostra que os chineses já conheciam as propriedades alucinógenas e medicinais da maconha há milênios, sendo indicada para problemas como asma, cólicas menstruais e inflamações da pele.

No momento que os europeus chegaram à China no século XIII, o hábito de usar maconha para a cura havia caído em desuso, o seu cultivo se manteve para a obtenção de fibras têxteis, a partir do cânhamo, rico em fibras. O cultivo desta planta nas terras portuguesas surgiu por volta do século XIV, pois era matéria- prima para os cabos e velas das embarcações portuguesas (KARNIOL, 2000, p. 131).

Na cultura Hindu, a planta da canábis fora um presente dos deuses aos homens, capaz de promover prazer, coragem e atender a seus desejos sexuais, ou seja, abria uma porta para o nirvana<sup>8</sup>. Segundo a tradição da Índia, a planta teria

---

<sup>8</sup> Nirvana. [ do sânsc. *Nirvana*, ‘extinção(da chama vital)’.] S.m.1. Filos – no budismo, estado de ausência total de sofrimento; paz e plenitude a que se chega por uma evasão de si que é a realização

brotado quando gotas de Amrita<sup>9</sup> se derramaram sobre a Terra. Portanto, a canábis passou a ser usada em muitos rituais religiosos, como continua sendo até os dias atuais. É um dos itens imprescindíveis do hinduísmo, fumada por gurus em forma de Haxixe que aumenta suas propriedades entorpecentes.

Da Índia, a maconha alcança o Oriente Médio, embora não fosse usada em rituais religiosos e sim para recreação, já que no Alcorão, Maomé proibiu expressamente o uso do álcool, a Canábis foi imediatamente escolhida pelos muçulmanos, criando assim, muitos problemas de saúde pública.

Há uma lenda que envolve a história da maconha (ISM – INSTITUTO SOCIAL MORUMBI, 1971, p.94). No Irã, durante o século XI (1090 e 1160) um xeque muito poderoso Hassan Bin Sabbah, conhecido como o “Velho da Montanha” construiu sua fortaleza no alto de uma montanha escarpada, portanto impenetrável, o Monte Alamut. O Velho da Montanha era o fundador da Ordem dos Ismaelitas de Nizar, também conhecida como a ordem dos *haschishins* (TOSCANO, 2000, p10). Esta Ordem mantinha uma disciplina muito rígida. Sabbah treinava homens para guerrear com os cruzados europeus, como o da Ordem dos Templários que obedeciam cegamente às suas ordens, pois o Velho apresentava-lhes com o seu Jardim Terreno das Delícias, os inebriavam com Haxixe e lhes ofereciam belíssimas escravas treinadas para o prazer, segundo Sabbah, essa era apenas uma amostra do céu que ele proporcionava aos seus seguidores. Se eles morressem defendendo a causa Islâmica, ou seja, obedecessem às ordens de Sabbah, viveriam numa orgia de ninfetas e haxixe por toda a eternidade.

Então, a galope, atravessavam o deserto, em direção de Bagdad, “antes de partirem para o combate, recebiam quantidade abundante de hashish” (TOSCANO, 2000, p.10).

Daí a palavra “assassin” trazida para o Ocidente pelos Cavaleiros da Ordem dos Templários que tiveram contato mais próximo com os Ismaelitas, criando o termo “assassino” em português, palavra que muitos supõem seja derivada do nome daquela droga. (TOSCANO, 2000,p.10).

---

da sabedoria 2. Fig.- quietude perpétua... 3. P. Ext apatia, inércia, FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio Século XXI Escolar. O minidicionário da língua portuguesa. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 1409

<sup>9</sup> Néctar - (skt. amrita) literalmente significa “ausência de morte”, cujo poder é descrito como “um remédio para curar nossos estados mentais e outros obstáculos”, conhecido como: o néctar imortal, o néctar da sabedoria, e o néctar não-contaminado. Disponível em: <<http://www.lamacaroline.org/GLOSSARIO.htm>>. Acesso em 11 Mar 2008.

A partir das Cruzadas (séc. XI – XIII) e das grandes navegações (séc. XVIII), o uso das propriedades farmacológicas da maconha foi introduzida na Europa e voltou a ser conhecida no Continente. Estudada e catalogada de maneira mais científica passou a ser utilizada como analgésico ou na fabricação de bebidas. Supostamente foi pelo fato de Cristovão Colombo usar tecidos derivados do cânhamo nas velas e cordas de suas embarcações, as sementes de maconha também vieram para as Américas.

Durante o Iluminismo na Europa, escritores e artistas participavam do rito maçom dos Illuminatti, do qual o alemão Goethe (1749-1832) foi membro. Movimento de curta duração surge em meados do século XVII e vai até o início das guerras Napoleônicas (1804). Inspirado pelo ramo mais radical dos republicanos Iluministas, tinha como argumento que a luz da iluminação a ser obtida provinha do resultado de um estado alterado de consciência. É dessa época o *Club des Haschinchins* (haxixe), fundado em 1845 na França, onde Charles Baudelaire, Eugene Delacroix e Vitor Hugo se encontravam para cultuar o consumo do haxixe (ESCOHOTADO, 1997(b), p.211). No mesmo período, Lewis Carroll publica o livro “Alice no país das maravilhas”, no qual fazia “alusões ao seu consumo a partir de imagens oníricas” (OLIVEIRA,1980, p.33).

Percebe-se que a representação da droga estava ligada à intelectualidade. Baudelaire refere-se assim ao uso da canábis:

Os sentidos tornaram-se extraordinariamente agudos e finos. Os olhos alcançam o infinito. O ouvido percebe o mais imperceptível no meio dos sons mais agudos. As alucinações começam. Objetos externos assumem aspectos monstruosos e se revelam sob formas novas e finalmente entram em vossos seres ou vós entráis neles mesmos. Os equívocos mais singulares e as transposições de idéias mais inexplicáveis têm lugar. Os sons têm cheiro e as cores são musicais... Após uma primeira fase de risadas histéricas e de gritos, uma segunda fase é caracterizada por uma sensação de fraqueza nas extremidades, e de peso na cabeça. As mãos tremem, há uma estupefação geral, os olhos se dilatam, a face empalidece, tornando-se lívida e esverdeada. (Baudelaire *apud* ISM,1971, p.115).

No final do século XIX legitimam-se ações de alguns grupos sociais que lançaram-se à tarefa de desviarem os indivíduos de usarem bebidas alcoólicas e uso de alucinógenos e constituíram o que ficou conhecido como Movimento de Temperança, culpando o álcool e as drogas por todas as mazelas existentes na sociedade. Assim, os grupos conservadores americanos passaram a liderar

campanhas contra o comércio de todos os psicotrópicos, inclusive o álcool. Criaram “casas de sobriedade” para os sujeitos que desejassem parar de beber e palestras eram promovidas pregando a abstinência total. Outra grande luta deste Movimento foi legislativa, pressionando a aprovação de leis que restringissem o acesso ao álcool e às drogas, resultando na famosa Lei Seca (1920 – 1933), muito presente em filmes sobre os *gangsters* e a máfia. (CARLINI-COTRIM, 1998, p.20).

A partir de então, diversas substâncias alucinógenas, antes vendidas em farmácias e consumidas livremente em restaurantes e bares, foram proibidas no território americano. Essa tendência foi adotada pelos países da Europa e das Américas. É sabido que esta medida tratou de “favorecer o crime organizado através da lucrativa venda clandestina de bebidas alcoólicas” (TOSCANO, 2000, p. 16), acarretando em repercussões desastrosas na sociedade.

No entanto, no final da década de 1940, período pós-guerra, a maconha voltou a ser associada à idéia de vanguarda e de contracultura, uma nova geração começava a questionar os valores do *American Way of Life*, mediante uma visão pejorativa do estilo de vida norte-americano. Durante as férias, alguns jovens americanos colocavam o “pé na estrada” com pouco dinheiro, pediam carona, tornando a *Route 66* famosa pelas grandes aventuras destes jovens.

“Em julho de 1947, juntando uns 50 dólares do meu velho seguro de veterano, eu estava pronto para ir à Costa Oeste”, afirma Jack Kerouac, em seu livro “*On the Road*” um dos clássicos da geração *Beatniks*, formada em sua maioria por poetas e escritores que “caiam na estrada” em busca de liberdade e de experiências verdadeiramente humanas, sendo neste contexto o consumo de drogas, em especial a maconha, um meio de contestação e de libertação.

Nos anos 1960, essa tendência continuou e a maconha novamente foi escolhida como a droga da contracultura. Grande parte dos jovens americanos se refugia em comunidades alternativas e auto-suficientes *hippies*, vivendo da agricultura, praticando amor livremente e usando drogas como uma forma de contestação à Guerra do Vietnã, muitos deles eram soldados que voltavam da guerra.

No final dos anos 1970, a maconha estava novamente disseminada em todo o Ocidente. É irresponsável dizer o quanto esse consumo aumentou ou declinou nos últimos anos, porém, pode-se constatar que cresceu bastante depois da revolução de hábitos iniciada com os movimentos “*beatnik*” e “*hippies*”, inclusive o consumo de

álcool, que não está relacionado a esses movimentos culturais (SANCHES, 1982, p.15).

Já no Brasil, desde a época do colonialismo, a sociedade não fazia uma distinção precisa entre droga e comida, ao ponto de alguns historiadores chegarem a afirmar que o uso da maconha era tolerado pelos senhores, uma vez que mantinha os escravos calmos e alienados.

No Brasil, o cânhamo foi introduzido no Sul do país, nos tempos coloniais, para fins têxteis. Depois foi plantado em certas zonas do Norte e Nordeste e os negros no período da escravidão utilizavam as suas folhas para fumar. Durante a Segunda Guerra Mundial a erva desceu para o Sul e passou a ser consumida pelos jovens e adultos (ROCHA, 1993,p.38).

Até o início do século XX, a maconha era considerada como um medicamento útil para várias doenças, como já referido, esse movimento ocorreu em quase todo o Ocidente. Apenas em 1936, ela foi proibida em todo no Brasil, mesmo assim permaneceram milhares de roças cultivadas no Nordeste. Em 1964, foi proibida e “a polícia passou a agir contra os chamados agricultores da “erva maldita”, principalmente nos Estados de Alagoas e Mato Grosso” (ROCHA, 1993, p. 39).

Em um movimento análogo ao ocorrido nos Estados Unidos, no mesmo período do Movimento de Temperança, houve no Brasil, uma coadunação entre demandas sociais proibicionistas e estratégias governamentais de controle social. O consumo de psicoativos como a cocaína, foi largamente tolerado enquanto fez parte dos hábitos de oligarcas e abastados, mas passou a ser atacado com veemência pela mídia e por grupos moralistas quando atingiu prostitutas, pequenos marginais e indivíduos de camadas populares (RODRIGUES, 2005,p 302).

As campanhas que se seguiram, como nos Estados Unidos, tinham cunho racista e sustentavam que a substância era uma ameaça ao povo brasileiro e como o uso da maconha era mais arraigado entre a população negra, “jamais fora aceito pela ‘sociedade de bem’, pela associação direta de seu consumo a negros e mestiços” (RODRIGUES, 2005, p.302).

Atualmente a planta é muito cultivada, principalmente nas “regiões mais pobres do Nordeste e sua importância econômica é incontestável” (KARNIOL, 2000, p.133).

À medida que as campanhas proibicionistas avançavam, o mercado ilícito foi estabelecido no Brasil e o narcotráfico despontou como um grande negócio,

aparecendo em cena no Rio de Janeiro, pelo chamado Comando Vermelho em 1980. O nome fora escolhido por presos comuns como alusão aos presos políticos comunistas com os quais compartilhavam saberes no pátio dos presídios durante a ditadura militar.

Traficantes conectados por meio de redes e contatos tecidos pela filiação ao Comando Vermelho, estabelecem nichos de autoridade nos quais assumiram funções de Estado, legislando e aplicando a lei. Nesse movimento, condiciona à capacidade do grupo narcotraficante em conseguir apoio da população; chancela alcançada em parte pela força – com o medo da repressão violenta aos transgressores, em parte pela filantropia, principalmente pela assistência a necessitados e pelo patrocínio de festas e melhorias da comunidade (RODRIGUES, 2005, p.305).

O Comando Vermelho criado para organizar os lucros do tráfico, hoje controla a maioria das favelas do Rio de Janeiro e possui aliança em outros Estados, como por exemplo, com o PCC (Primeiro Comando da Capital), grupo de presos criado no Centro de Reabilitação de Taubaté, São Paulo. Essas organizações investem “na combinação de intimidação e assistencialismo às comunidades carentes garantindo a sua subsistência” (RODRIGUES, 2005, p.305).

O Estado brasileiro, por sua vez, empenhado com a postura antidrogas implanta a Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD) no ano de 1998, para coordenar ações repressivas “esbarrou na competência constitucional para o combate ao narcotráfico, atribuída à Polícia Federal” (RODRIGUES, 2005, p. 307) e atualmente investe em campanhas e projetos em parceria com a Polícia Federal.

Temos assistido o gigantesco poder ilegal dos cartéis de produtores e comerciantes de drogas ilícitas, bem como uma forte pressão do Estado em legitimar a repressão e o controle a esses grupos. Desta forma, estamos em um contexto que se apresenta com grandes “semelhanças com o vivenciado movimentos de temperança nortes-americanos” (CARLINI-COTRIM,1998,p.24) do início do século XX.

### **2.3. Contribuição do V Levantamento Nacional sobre Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Publica do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino. 2004**

Para abordar o tema transversal<sup>10</sup> - drogas na escola - de forma racional é necessário utilizar informações corretas e propor alternativas para o enfrentamento de questões sociais que fazem parte do cotidiano escolar, já que, a inserção dos temas transversais nos currículos escolares nos Parâmetros Curriculares Nacionais aponta para:

- a dignidade da pessoa humana: observância aos direitos humanos, condições de vida dignas, respeito mútuo nas relações sociais, e repúdio a qualquer tipo de discriminação;
- a igualdade de direitos: garantia da mesma possibilidade de exercício de cidadania a todos, levando-se em conta as diferenças de desigualdades entre as pessoas;
- a participação ativa: complementaridade entre a representação política tradicional e a participação popular no espaço público;
- a co-responsabilidade pela vida social: partilha com os poderes públicos e diferentes grupos sociais da responsabilidade pela construção e ampliação da democracia no país (BRASIL/PCNs., 1999, p. 21).

Este trabalho utilizará um recorte da Pesquisa do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) de 2004, com estudantes do Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras. Apresentar-se-ão apenas os resultados mais significativos da capital do Estado de São Paulo com elementos indicadores da realidade sobre o consumo de drogas nas escolas desta cidade.

O V Levantamento sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre os estudantes da rede pública do Ensino Fundamental (a partir da 5ª série) e do Ensino Médio tem como objetivo fornecer subsídios às escolas por meio de diagnósticos traçados na pesquisa com 3.522 alunos.

O primeiro Levantamento foi realizado no ano de 1987 em dez capitais brasileiras. Somente dois anos depois o II Levantamento foi efetuado. Após quatro anos da execução o Cebriid lançou o terceiro estudo sobre a questão (1993). O IV Levantamento (1997), realizado dez anos após o I Levantamento.

---

<sup>10</sup> Cumpre esclarecer que os “temas transversais”, inseridos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), referem-se à temas sociais presentes no cotidiano e que deverão ser abordados pelas áreas curriculares específicas. São temas transversais: pluralidade cultural, ética, meio ambiente, saúde, orientação sexual, trabalho/consumo.

Mesmo não tendo uma coleta periódica de informações e com uma distância temporal de sete anos do estudo anterior, o V Levantamento abrangeu 27 capitais brasileiras contribui para a evolução do campo da Epidemiologia, fornecendo subsídios para uma análise mais realista a respeito da prevenção e tratamento do uso de drogas entre estudantes brasileiros.

A metodologia utilizada obedeceu aos seguintes critérios:

1. Solicitou-se ao INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira do Ministério da Educação (Brasília), a listagem das escolas estaduais e municipais do Ensino Fundamental e Médio de 27 capitais brasileiras;
2. Foram enviadas cartas aos Secretários Estaduais de Educação, acompanhadas do ofício da Senad (Secretaria Nacional Antidrogas) e do Ministério da Educação, solicitando autorização para pesquisar nas redes estadual e municipal de ensino das cidades e sendo esta concedida era anexada à carta de solicitação da pesquisa aos diretores de cada escola;
3. A partir da listagem do INEP, sortearam-se escolas em cada cidade, enviando correspondência às mesmas com a autorização do Secretário Municipal e Estadual de Educação;
4. Por telefone foi feito contato com cada escola sorteada, para obtenção de uma listagem das turmas (classes) atualizadas e na seqüência foram sorteadas as turmas para a aplicação dos questionários.

O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário fechado, sem identificação pessoal a ser preenchido pelo aluno sem a presença do professor. Os aplicadores, treinados em São Paulo, aplicaram os questionários em sala de aula, após a explicação sobre o objetivo do projeto. O aluno teria a liberdade de devolvê-lo em branco se assim desejasse e, para garantir o anonimato, foi colocada uma urna em frente a sala de aula para que os estudantes devolvessem os questionários.

Para analisar os dados sobre o uso de drogas pelos estudantes pesquisados foram excluídos os dados relativos ao uso do tabaco e álcool e os sujeitos foram divididos em cinco grupos, conforme tipos de uso:

Grupo 1 - Uso na vida: quando a pessoa fez uso de qualquer droga psicotrópica pelo menos uma vez na vida;

Grupo 2 - Uso no ano: quando a pessoa utilizou droga psicotrópica pelo menos uma vez nos doze meses que antecederam a pesquisa;

Grupo 3 - Uso no mês: quando a pessoa utilizou droga psicotrópica pelo menos uma vez nos trinta dias que antecederam a pesquisa;

Grupo 4 - Uso freqüente: quando a pessoa utilizou droga psicotrópica seis ou mais vezes nos últimos trinta dias que antecederam a pesquisa;

Grupo 5 - Uso pesado: quando a pessoa utilizou droga psicotrópica vinte ou mais vezes nos trinta dias que antecederam a pesquisa.

Os resultados dos quatro levantamentos foram submetidos ao teste Qui Quadrado<sup>11</sup> para Tendência, com nível de significância em 5%.

Para análise estatística das características sociais utilizou-se o Teste do  $X^2$  para comparar as classes sociais. Agruparam-se os níveis socioeconômicos em (A+B) e (C+D+E), entre não usuários e usuários. As diferenças estatísticas significativas foram assinaladas com (\*) nas Figuras e Tabelas.

Na capital paulista, a amostra foi constituída de 3.522 estudantes, sendo 48% do sexo feminino com predomínio da faixa etária de 13 a 15 anos (37,2%) e 27,2% pertenciam aos níveis socioeconômicos A e B (tabela 1):

Características			
Sexo	Masculino	1526	43,3
	Feminino	1720	48,8
	Não informado	278	7,8
	Total	3522	100,0
Faixa etária (anos)	10-12	1041	29,6
	13-15	1311	37,2
	16-18	771	21,9
	> 18	131	3,7
	Total	3522	100,0
Nível sócio-econômico	A	105	3,0
	B	851	24,2
	C	1605	45,6

<sup>11</sup> Qui Quadrado: simbolizado por  $X^2$  é um teste de hipóteses que se destina a encontrar um valor de dispensação para duas variáveis: uma freqüência observada e outra esperada. Disponível em: <<http://www.somatemática.com.br/estat/ap24.php>>. Acesso em 3 Mar 2008.

	D	683	19,4
	E	153	4,3
	Não informado	268	7,6
	Total	3522	100,0

Tabela 1 – Características sócio-demográficas de 3.522 estudantes das redes municipal e Estadual de São Paulo.

Tipos de usos	Sexo (%)			Idade (anos)%				
	M	F	NI	10-12	13-15	16-18	>18	NI
<i>Uso na vida</i>	23,7	22,7	22,5	16,4	22,3	27,1	29,1	22,2
<i>Uso no ano</i>	20,1	18,9	19,8	13,4	18,9	23,7	23,8	20,6
<i>Uso no mês</i>	14,3	13,6	13,3	9,5	13,2	17,9	11,5	13,6
<i>Uso freqüente</i>	3,5	2,8	2,3	1,9	2,8	4,1	4,9	2,1
<i>Uso pesado</i>	2,3	1,9	1,5	1,4	2,2	2,6	2,4	1,2

NI significa dados não informados pelos alunos.

Tabela 2 – Uso de drogas psicotrópicas em geral (exceto tabaco e álcool) entre 3.522 estudantes do ensino fundamental e médio das redes municipal e estadual de São Paulo; dados expressos em porcentagem, levando-se em conta os tipos de usos, conforme idade e sexo.

Observa-se nesta tabela que as faixas etárias com maior número de usuários foram de 16 a 18 anos e maior de 18 anos, para todos os tipos de uso e, para a faixa etária de 10 a 12 anos, 23,7% dos alunos pesquisados já tinham feito uso na vida de drogas, exceto tabaco e álcool. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes com relação ao uso de drogas entre os sexos feminino e masculino.

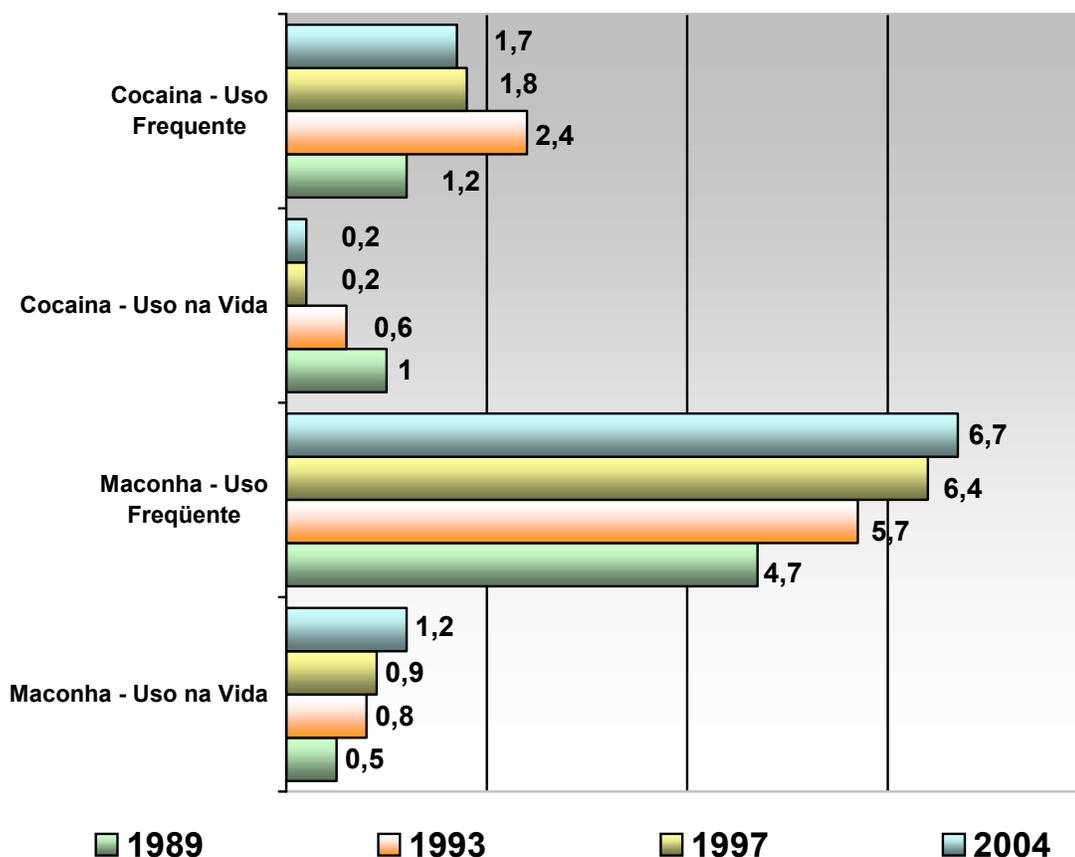


Figura 1 – Porcentagem de alunos das redes municipal e estadual de São Paulo que fizeram uso na vida e de forma freqüente de drogas, 2004.

#### Legenda

Uso na vida: quando a pessoa fez uso de qualquer droga psicotrópica pelo menos uma vez na vida;  
 Uso freqüente: quando a pessoa utilizou droga psicotrópica seis ou mais vezes nos últimos trinta dias que antecederam a pesquisa.

(\*) O V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas Entre Estudantes do Ensino Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras não traz os dados sobre uso pesado, ou seja, quando a pessoa utilizou droga psicotrópica vinte ou mais vezes nos trinta dias que antecederam a pesquisa.

Fonte: Adaptado de GALDURÓZ et al. V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas Entre Estudantes do Ensino Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras, 2004, p. 293-4.

Pode-se notar que houve aumento da tendência ao *uso na vida* e no *uso freqüente* para a maconha na comparação entre os cinco levantamentos.

Muito importante destacar que é solicitação unânime de professores gestores e estudantes para que a iniciativa não terminasse apenas na coleta de dados, que fosse elaborado um programa de como lidar com a questão das drogas entre os

estudantes. Este pedido foi uma constante de Norte a Sul, Leste a Oeste do Brasil (GALDURÓZ et al., 2005, p.373).

#### **2.4. O papel da escola entre a guerra às drogas e redução de danos:**

No artigo “Refletividade e Formação de Professores”, José Carlos Libâneo argumenta que:

...a escola é um lugar de formação da razão crítica através de uma cultura crítica, para além da cultura reflexiva, que propicia a autonomia, autodeterminação, condição de luta pela emancipação intelectual e social. Tanto em relação ao professor crítico reflexivo, ao prático reflexivo” (LIBÂNEO, 2002, p. 76).

Neste sentido, é papel da escola formar cidadãos saudáveis, já que ela é um lugar privilegiado para a tomada de ações de cunho preventivo, educativo e reflexivo, inclusive sobre as questões drogas e usuários e, na medida em que a escola se torna apta a desempenhar tal função, paralelamente ela se instrumentaliza para acolher de forma generosa e serena os alunos usuários.

Embora este estudo não tenha intenção de analisar modelos preventivos de uso de drogas na escola, é importante ressaltar o artigo “*Prevenção ao abuso de drogas na escola: uma revisão da literatura internacional recente*” escrito pelas especialistas Beatriz Carlini-Cotrim e Ilana Pinsk, no mês de maio de 1989, no qual as autoras fazem um levantamento das posturas teóricas na prevenção do abuso de drogas no sistema escolar mais citados na literatura internacional, nossa abordagem limita-se apenas mostrar o panorama de modelos mais freqüentes de educação preventiva ao abuso de drogas, por considerar que este enfoque elucidará nosso problema de pesquisa.

São seis os modelos mais freqüentes nas literaturas internacionais de educação preventiva ao abuso de drogas:

1. *Modelo do princípio moral*: O enfoque deste modelo prega que o abuso de drogas é condenável do ponto de vista ético e moral. Acredita no sacrifício pessoal pelo bem comum. Frequentemente, tem como argumento princípios religiosos e morais;

2. *Modelo do amedrontamento*: através de campanhas de informação que apresentasse somente os lados negativos das drogas a fim de persuadir as pessoas a não experimentá-las;
3. *Modelo do conhecimento científico*: com o propósito de criticar o modelo anterior, este surge para fortalecer as informações sobre drogas de maneira imparcial e científica. A proposta seria de formar jovens que tomem decisões bem fundamentadas sobre drogas;
4. *Modelo da educação afetiva*: este modelo é formado por um conjunto de técnicas que objetivam melhorar ou desenvolver a auto-estima. A droga não é tratada como assunto central, mas é um dos vários argumentos do programa de prevenção;
5. *Modelo do estilo de vida saudável*: a idéia deste modelo é de promover estilos de vida associados à boa saúde, assuntos como poluição, trânsito, perigo atômico, drogas, álcool e tabaco são os principais temas deste modelo;
6. *Modelo da pressão positiva de grupo*: é um modelo recente e visa a pressão do grupo como um fator de influência para não usar drogas. São os próprios jovens que lideram o programa de prevenção e os adultos são afastados desta atividade.

Estes modelos contribuem para uma informação mais adequada aos professores interessados em obter conhecimentos quanto às formas de prevenção contínua preconizadas na literatura internacional sobre prevenção de drogas na área da Educação.

Portanto, as propostas preventivas dividem-se em basicamente duas abordagens: a guerra às drogas e a da redução de danos. A primeira utiliza modelos do princípio moral e do amedrontamento, lugar que não tem espaço para o uso eventual e/ou recreativo, nega evidências históricas de que sempre se usou drogas. Já os modelos de educação afetiva, do estilo de vida saudável e do conhecimento científico, parecem se enquadrarem na abordagem de redução de danos mediante o oferecimento de alternativas ao uso.

O posicionamento contra as drogas apresenta firme intenção de anular qualquer uso de drogas, modelado por práticas de repressão, ou seja, atua no sentido de controlar o comportamento das pessoas, submete as drogas a uma legislação que permite algumas, como o álcool, tabaco, antidepressivos e proíbe

outras como a maconha, coca, *crack*. A proposta desta corrente é mostrar apenas as conseqüências negativas que as drogas proporcionam, amedrontando os jovens e induzindo-os a resistir às tentações de se envolver com substâncias psicotrópicas, principalmente as ilícitas, já que as legais têm grande tolerância na atual sociedade, talvez por serem exaltadas através dos meios de comunicação, gerarem altos lucros aos fabricantes e uma expressiva arrecadação de impostos.

Este tipo de abordagem que propõe “recuperar o conceito de punição, diminuindo a tolerância e aumentando o controle sobre os indivíduos” (COTRIM, PINSK, 1989, p.49) acaba demonstrando um rebaixamento do jovem como cidadão de segunda categoria, incapaz de discernir suas ações, por acreditar que a busca do prazer por meio da droga é nocivo à sociedade e cabe a ela colocar limites nesta busca. Ou talvez, o combate ao consumo das drogas seja apenas pretexto para aumentar o controle social, pois o paradigma do vício significa a perda do controle de si mesmo, especialmente na adolescência, período de incertezas, de tomar suas próprias decisões de forma responsável, sem que os adultos decidam por eles.

Tomemos como exemplo, o Movimento de Temperança, nos Estados Unidos no final do século XIX, que semelhante ao que ocorre nos dias de hoje, submetia as drogas a uma legislação permissiva à algumas substâncias e impedia outras como as ilegais. Nessa direção, no artigo “Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas”, Beatriz Carlini-Cotrim questiona o fato “dos problemas que a bebida e as drogas causavam à sociedade na época da Lei Seca, não ficaram menor quando esta lei foi revogada”, por isso, afirmar que o Movimento de Temperança foi movido pelas indignações dos malefícios do álcool é “proclamar somente meia-verdade”.

Segundo esta autora, foram três fenômenos importantes associados aos processos sociais e políticos da época que fomentaram o movimento:

1. As bebidas alcoólicas eram consumidas pelos trabalhadores e intelectuais nos *sallons*. Lugar de organização dos movimentos trabalhistas e sindicatos emergentes;
2. O sonho americano de igualdade, prosperidade e liberdade estava muito longe da realidade injusta e brutal do país;
3. O avanço tecnológico vivenciado nesse período exigia uma mão-de-obra rápida, ativa e sóbria.

Se por um lado o Movimento incluía pessoas realmente interessadas sobre os malefícios que o uso do álcool trazia à família e sociedade, por outro, existia

interesse em fechar os *sallons* pelo motivo colocado anteriormente, fazendo “do álcool o bode expiatório de “todas” as mazelas na sociedade: desemprego, pobreza, crianças na rua, violência doméstica. Eximindo a culpa de uma política injusta dos setores dominantes” (CARLINI-COTRIM, 1998, p. 21).

Essas informações nos desafiam a refletir criticamente, no sentido de perceber se estamos contribuindo com o interesse político dominante ou seria possível resistir a eles e tentar atuar na redução de danos entendendo que a abstenção total não é a única opção.

No entender dos críticos da Guerra às Drogas, tudo isso casa perfeitamente com o que denominam de onda de histeria contra as drogas. O processo de exclusão do neoliberalismo gera revolta e contestação entre determinados grupos sociais, sejam eles minorias étnicas, desempregados, jovens de periferia, setores de classe média depauperados. Do ponto de vista do sistema, é preciso legitimar a repressão e o controle a esses grupos. E o aspecto das drogas ilegais tem-se constituído num álibi sofisticado e eficiente para tal. (CARLINI- COTRIM, 1998, p. 24).

No entanto, com “uma postura mais tolerante, discreta e sintonizada com as necessidades da população de usuários de drogas” (BASTOS; MESQUITA, 2000, p.181) a abordagem de redução de danos propõe o uso moderado de álcool, não partilhar seringas, escolher cigarros *light*, assumindo uma postura mais comedida, e assegurando o direito humano do usuário a uma melhor qualidade de vida, ainda que ele seja classificado socialmente como “desviante” e não tenha o rótulo de uma pessoa de bom comportamento, merecedora de “privilégios”.

A meta de uma sociedade sem drogas é geralmente inatingível. A magnitude dos esforços e dos recursos necessários à consecução desse objetivo seria tal que ele deve ser considerado não apenas irreal, mas também impossíveis de ser financiado. (...) optar por metas realistas não constitui somente um princípio de boa administração: é também uma forma de garantir que as ações preventivas adotadas signifiquem uma melhoria efetiva da situação. (Gossp; Grant,1990 *apud* CARLINI-COTRIM, 1998, p. 25).

Não podemos negar que a sociedade em que vivemos não foi construída sem drogas e que seu consumo é tão antigo quanto a existência humana. Seria uma postura fora da realidade afirmar que existe a possibilidade de guerrear contra as drogas, pois a sociedade convive com elas alterando períodos de relativa tolerância com períodos de intolerância como nos Estados Unidos da América, a Lei Seca.

A postura voltada para a redução de danos tem como preocupação principal formar o sujeito, capacitando-o a fazer escolhas mais adequadas caso ocorra o uso de drogas estabelecido, intervindo nas condições sociais que facilitam o hábito de consumi-las por meio da promoção de estilo de vida mais saudável e seguro.

Nesta direção, Morlatt (2000) afirma que pretender erradicar o uso de drogas “fere o direito de as pessoas disporem livremente do seu corpo e da sua mente” com a postura de reduzir os riscos dos usuários de drogas, confia na “capacidade de discernimento do cidadão bem formado e informado” (p.191-2).

Carlini-Cotrim compartilha deste posicionamento ao afirmar que:

A guerra contra as drogas fere princípios éticos e direitos civis. Trabalhar no sentido de erradicar todas as formas de uso de drogas é ditar normas de comportamentos e controlar indivíduos e grupos sociais muito além do que é direito do Estado e das Instituições. (CARLINI-COTRIM, 1998, p.25)

A dicotomia entre quem é complacente ao uso está do lado do mal e quem estiver contrário está no lado do bem, estabelece uma divisão entre o que é certo ou errado, moral ou imoral, legal ou ilegal e classifica as pessoas nas categorias: “normais” e “drogadas”. Tal perspectiva nos remete a um paradigma determinista, que fixa a ordem e a estabilidade na sociedade assinalando “também o horizonte cognitivo mais adequado aos interesses da burguesia” (SANTOS, 1986, p.17).

Partindo da premissa de que as representações sociais podem “incutir um sentido ao comportamento, integrá-lo numa rede de relações em que está vinculado ao seu objeto, fornecendo ao mesmo tempo as noções, as teorias e os fundos de observação que tornam estas relações estáveis e eficazes” (MOSCOVICI, 1978, p.49), reitero meu desejo de entender o conhecimento social elaborado a partir do senso comum e compartilhado entre os indivíduos por meio da linguagem, tendo como função orientar e guiar o comportamento de um grupo sobre um objeto que não lhe seja familiar, a fim de assegurar a ordem social conforme afirma este autor:

Certamente existem poder e interesse, mas para serem reconhecidos como tais na sociedade devem existir representações ou valores que lhes dêem sentido e, sobretudo, que se esforcem para que os indivíduos convirjam e se unam através de crenças que garantam sua existência em comum. (MOSCOVICI, 2003, p.173).

O hábito de usar substâncias psicoativas não agrega apenas aspectos psíquicos, mas também sociais, “por maiores que sejam as diferenças entre os

fenômenos naturais e os fenômenos sociais é sempre possível estudar os últimos como se fossem os primeiros” (SANTOS, 1986, p.19).

Este pensamento nos propõe a refletir o quanto as pesquisas devem enfatizar ações neste contexto e pelos argumentos apresentados, talvez possamos estar participando e colaborando para a criação de um novo modo de enxergar a situação das drogas nas escolas, adquirindo e elaborando novos conhecimentos e por que não, quebrando preconceitos a partir de novas propostas no percurso da formação dos professores, que permitam decidir sobre a capacidade de conhecer a si mesmo e ao outro acolhendo e respeitando a especificidade humana.

## **CAPÍTULO 3**

### **TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

Estudos de representações sociais nas pesquisas brasileiras aparecem mais fortemente no decorrer dos anos 1980 e, desde então, seu crescimento avança em várias áreas, inclusive na área da Educação, o que tem possibilitado também um novo olhar sobre o trabalho docente. Nessa perspectiva, a teoria das representações sociais pode constituir-se em uma contribuição importante para o entendimento de um fenômeno que tanto preocupa os educadores das escolas públicas: o uso e abuso de drogas na escola.

#### **3.1. A Teoria das Representações sociais enquanto opção teórica**

O ponto de partida na escolha da Teoria das Representações Sociais (TRS) neste trabalho foi construído ao longo de minha participação no Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Formação de Educadores (FormAção)<sup>12</sup>, no contexto do Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Metodista de São Paulo. Os estudos foram realizados no decorrer dos encontros de discussão, despertando em mim a curiosidade em identificar e conhecer as representações dos professores a respeito de drogas na escola e alunos usuários. Assim, é necessário saber de que forma os educadores são informados sobre a questão das drogas, como eles percebem os alunos usuários de drogas na escola, no sentido de notarem, enxergarem estes alunos e quais suas atitudes diante destes estudantes. Acredito que, por meio da Teoria das Representações Sociais, novas abordagens cognitivas e sociais surjam para possibilitar reflexões acerca deste tema que tem gerado muita preocupação entre os educadores da rede estadual de ensino do São Paulo, onde também atuo como professora do Ensino Médio.

Optar pela Teoria das Representações Sociais (TRS) justifica-se na medida em que esta como forma de conhecimento do senso comum é elaborada cognitivamente

---

<sup>12</sup> O Núcleo FormAção é coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marília Claret Geraes Duran, e a partir de 2006, vem desenvolvendo estudos sistematizados sobre a Teoria das Representações Sociais, em suas articulações com a Linha de Pesquisa: Formação de Educadores.

e socialmente partilhada entre grupos, para a formação de uma realidade comum que facilite a comunicação entre eles.

Nesse sentido, “ela tem uma raiz e um objetivo prático: se apóia na experiência das pessoas e tem um papel de orientar e guiar a conduta das pessoas dentro de sua vida prática e cotidiana” (JODELET, *apud* PARDAL et al. 2007, p.14). As representações sociais, ainda que partam do cognitivo, são fenômenos sociais, o que significa dizer que é preciso entender esse fenômeno a partir do seu contexto de produção e das formas de comunicação do lugar em que circulam. Jodelet (2007) acrescenta uma terceira característica:

[...] a representação social produz, através da comunicação, uma visão comum a um grupo social, seja uma classe social, um grupo cultural ou simplesmente um grupo profissional. Ajuda a manter uma visão comum que é considerada como uma evidência e serve para ler o mundo cotidiano (JODELET, *apud* PARDAL et al., 2007, p.14).

É nessa perspectiva que entendo sua importância no âmbito da escola. Além disso, me pareceu adequada para compreender as representações sociais dos educadores sobre o tema em estudo, pois aprender o que significa drogas na escola e alunos usuários de drogas para os professores é um ponto significativo para o avanço de um conhecimento e que, na medida do possível, possa oferecer elementos para auxiliar os educadores. Na verdade, os professores – especialmente os que atuam no Ensino Médio – solicitam programas específicos de formação deste tema, programas que os orientem sobre “como lidar com o assunto drogas entre os estudantes” (GALDURÓZ et al., 2004, p.373).

Como forma de conhecimento, a Teoria das Representações Sociais é uma vertente teórica da Psicologia Social, portanto, o conhecimento de uma psicossociologia que dá suporte ao entendimento do processo que une ações individuais e coletivas, cabendo-lhe “especialmente superar um duplo obstáculo: pensar o social como cognitivo e as propriedades da cognição como algo social, pensar a parte afetiva do pensamento social” (JODELET, 2005, p.43).

Esta teoria teve início com a publicação da obra de Moscovici: *A Representação Social da Psicanálise* (1961/1976), na qual este autor lança “as bases de uma teoria relevante numa disciplina específica, a Psicologia Social” a fim de restabelecer uma dimensão social da Psicologia Social. Quanto à Educação, há muito tempo já se constituiu como disciplina autônoma e foi “Durkheim quem

inaugurou na Sorbonne, em 1902, os primeiros ensinamentos sobre ‘Ciência da Educação’ –, e como ciência, a Educação acaba solicitando saberes e conhecimentos de outras ciências, notadamente da Psicologia e da Sociologia (JODELET *apud* PARDAL et al., 2007,p.12).

A articulação entre a Psicossociologia e Educação justifica-se na medida em que esta última é construída por meio de uma ação fundada em ideais e valores estabelecidos na sociedade em um determinado momento histórico e, portanto, influencia práticas de ensino “cuja primeira função é ligada à produção de uma determinada cultura” (JODELET, *apud* PARDAL et al.2007, p.14).

Então, considerando o foco deste estudo, ou seja, as representações sociais de professores sobre drogas e alunos usuários na escola é necessário de antemão, que sejam coletadas informações de como os docentes recebem conhecimento sobre esta temática (por intermédio da mídia, da família e de outras instituições nas quais participam) para, na seqüência, identificar como tais representações são construídas e como elas orientam suas ações em relação aos jovens usuários de drogas na escola, na tentativa de não associar o binômio juventude/violência ao uso e ao comércio de substâncias entorpecentes ilícitas, estereótipo que desperta, na maioria dos professores, sentimentos de medo, rejeição e impotência, conforme estudo elaborado a partir do projeto *As Representações Sociais de Professores do Ensino Médio Quanto à Aids, às Drogas, à Violência e à Prevenção*, na Puc-SP, que traz a seguinte conclusão: “enquanto o professor apresentar sentimentos negativos em relação às drogas, que provocam medo e distanciamento da função preventiva, será quase impossível que ele se comprometa com esse trabalho” (PLACCO e col., 2005, p.81).

Nesta direção, Moscovici afirma que:

[...] Todos os nossos ‘preconceitos’, sejam nacionais, raciais, geracionais ou quaisquer que alguém tenha, somente podem ser superados pela mudança de nossas representações sociais da cultura, da ‘natureza humana’ e assim por diante. Se, por outro lado, é a visão dominante que é a correta, a única coisa que precisamos fazer é persuadir os grupos ou indivíduos contrários.... (MOSCOVICI, 2003, p.66).

Desta forma, é importante fazer uma reflexão que articule não apenas o conceito de representações sociais, mas também como se constrói um “mundo de significações” a partir dos discursos e julgamentos muitas vezes preconceituosos

(julgamentos prévios) dos educadores sobre alunos usuários de drogas, pois eles são socialmente partilhados pelo grupo.

### **3.2. Fundamentos da Teoria das Representações Sociais (TRS)**

Uma representação social é sempre uma representação de alguém ou grupo sobre alguma coisa (objeto) ou pessoa, portanto, é a relação sujeito-objeto que prescreve o objeto para ajustá-lo ao seu sistema de valores e referências dependendo do contexto social e histórico a que pertence. “A representação social, em primeiro lugar, exprime uma relação com o objeto e preenche um papel na gênese dessa relação” (MOSCOVICI, 1978, p.57).

Por muito tempo, a representação de alguém ou alguma coisa estava determinada “pela distinção entre a esfera sagrada e uma esfera profana” (Moscovici, 2003, p.49), quando a primeira era digna de respeito, enquanto a esfera profana pertencia a um universo oposto, cujas atividades não eram aceitas nem tampouco aprovadas pela sociedade. Assim ocorreu no momento em que o Cristianismo foi exaltado e as drogas clássicas da época: beladona, haxixe, maconha, cogumelos visionários “caem sob o estigma genérico de ‘plantas infernais e preparações diabólicas e ao mesmo tempo em que o vinho passa a ser glorificado como sangue do Redentor” (ESCOHOTADO, 1997(b), p.49).

Atualmente, esta divisão foi substituída por dois universos trazidos por Moscovici (2003): o universo consensual e o reificado. Lugares distintos nos quais a sociedade trabalha com as ideologias, crenças e valores, facilitando a transição de um universo a outro. A perspectiva moscoviciana nos ajuda a entender tais lugares, pois no universo consensual o ser humano é a medida de todas as coisas, a sociedade é constituída por um grupo de pessoas livres e iguais, que consolidam a sua existência mediante a comunicação feita em voz alta. Cada indivíduo tem a possibilidade de falar em nome do grupo e para tanto, lhe é exigida certa cumplicidade, encorajando relações sociais e formando pessoas que compartilham das mesmas idéias, opiniões e também imagens implícitas “que são consideradas certas e mutuamente aceitas” (MOSCOVICI, 2003, p.51).

Já no universo reificado, “todas as coisas, quaisquer que sejam as circunstâncias, são a medida do ser humano” (MOSCOVICI, 2003, p.50-1). Nesta esfera, “a sociedade é vista como um sistema de diferentes papéis e classes, cujos membros são desiguais” e o pensamento é produzido com objetividade.

É importante salientar, de acordo com Celso Pereira de Sá (*apud* SPINK, 1993, p.29): “a construção de realidades consensuais, que são as representações sociais, provém dos universos reificados” Ou seja, é ali que acontecem as tensões entre os dois universos. É este ponto que Moscovici denomina de “[...] *pontos de clivagem* do sistema representacional duma cultura”, o instante em que emergem novas representações (MOSCOVICI, 2003, p. 16).

De forma complementar, Moscovici (2003) afirma:

[...] Num universo reificado, a sociedade é vista como um sistema de diferentes papéis e classes, cujos membros são desiguais. [...] e quando a alteridade é jogada sobre nós na forma de algo que ‘não é exatamente’ como deveria ser, nós instintivamente a rejeitamos, porque ela ameaça a ordem estabelecida” (MOSCOVICI, 2003, p.56).

Sob o ponto de vista deste autor, o lugar onde se produz e circulam as ciências é o universo reificado. Na questão das drogas, há uma série de dados e proposições em busca de status científico, mediante dados comprobatórios associados ao conceito de Redução de Danos, embora exista uma certa dificuldade de seu entendimento e principalmente a aceitação desta proposta que:

Assegura o direito humano do usuário de drogas a uma melhor qualidade de vida, ainda que este seja considerado socialmente ‘desviante’ e não possa ser enquadrado dentro do que a sociedade classifica como pessoa de bom comportamento (CENTRO DE TRATAMENTO BEZERRA DE MENEZES, 1998, p. 5).

O universo consensual é o lugar no qual predominam as teorias do senso comum por meio do discurso (conversações) e pelos meios de comunicação de massa que divulgam informações que influenciam em maior ou menor grau o senso comum a respeito dos sentidos e significados atribuídos às drogas. Percebe-se a veiculação nas campanhas que transmitem mensagens como: “diga não às drogas”, uma mensagem de que devemos negar as drogas e de forma implícita também seus

usuários, porque o uso drogas é uma ameaça à ordem social estabelecida e um comportamento inadequado.

Também é importante lembrar a influência da mídia no comportamento humano é feita “de maneira geral, indireta, sutil e cumulativa” (GOMIDE; PINSK, 2004, p. 59,) e desta maneira as representações vão sendo criadas. Segundo Moscovici (2003) “o problema da nossa caminhada social e intelectual, não provém da dificuldade de representar coisas ou pessoas, mas do fato que elas são representações” (p.90).

Além dos meios de comunicações, as conversações de grupos sociais também se destacam quando são utilizadas para interpretar e até mesmo construir ou reconstruir uma determinada realidade social. De acordo com Moscovici “a conversação está no centro de nossos universos consensuais, porque ela configura e anima as representações sociais e desse modo lhes dá uma vida própria” (1978, p.90).

Portanto, as representações sociais são construídas, não apenas das teorias científicas, mas também das informações, das experiências e das comunicações cotidianas partilhadas que produzem conhecimentos elaborados objetivando (re)construir uma realidade comum.

Para a Teoria das Representações Sociais, esta realidade social é criada quando o não familiar é incorporado aos universos consensuais, neste sentido, as representações sociais referem-se à produção de sentido que os indivíduos dão às suas vidas.

### **3.3. Ancoragem e objetivação: mecanismos de um processo que gera Representações Sociais.**

A construção das representações sociais ocorre a partir do senso comum e são geradas em um processo por dois mecanismos internos concomitantes: a objetivação e a ancoragem, definidos como mecanismos de natureza psicológica, que “tem por função destacar uma figura e, ao mesmo tempo, carregá-la de um sentido, inscrever o objeto em nosso universo” (MOSCOVICI, 1978, p.65) e de natureza social, na medida em que as representações se “organizam de forma diversa em diferentes classes sociais, culturas e grupos, constituindo diferentes universos de opinião” (ALVES-MAZZOTTI, 1994, p. 63).

Portanto, o movimento representativo compõe um processo psíquico que possibilita tornar idéias, seres, conceitos estranhos em algo familiar no instante em que elas (re)constróem a realidade social por meio das conversações. Por exemplo, parece-me que ao aproximar o usuário de drogas (drogado) à doença de dependência química, o drogado como “marginal” deixa de existir e se converte em um doente, sob o aspecto familiar, ou seja, mais presente no nosso universo, que é consensual.

O primeiro mecanismo tenta amarrar idéias estranhas, ou seja, ancorá-las em algo que nos seja familiar e que esteja na nossa memória. “Ancorar é classificar e dar nome a alguma coisa” (MOSCOVICI, 2003, p.61). A ancoragem rotula, coloca o objeto ou a pessoa que lhe é estranha em uma determinada categoria para dar-lhe um modelo familiar. Conforme este teórico:

[...] escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele [...] O objetivo fundamental da sociedade: criar classes a partir dos indivíduos. Desse modo, nós não podemos nunca dizer que conhecemos um indivíduo, nem que nós tentamos compreendê-lo, mas somente que nós tentamos reconhecê-lo, isto é, descobrir que tipo de pessoa ele é, a que categoria pertence e assim por diante. Isto concretamente significa que ancorar implica também a prioridade do veredicto sobre o julgamento e do predicado sobre o sujeito. (MOSCOVICI, 2003, p.64).

Neste estudo, esta é uma questão importante, porque se a escola é considerada um espaço concreto da vivência dos jovens, na medida em que esta passa a colaborar de qualquer forma para sua rotulação ou emitir pareceres precipitados sobre um aluno usuário, eventual ou assíduo de drogas, provavelmente isto poderá isolá-los. Mesmo nos casos em que pareça que a escola os esteja acolhendo, creio que, na realidade, está se criando um jogo sutil que pretenderei detectar e se possível compreender visto que, em algumas situações “nós não estamos conscientes de algumas coisas bastante óbvias; de que nós não conseguimos ver o que está diante de nossos olhos” (MOSCOVICI, 2003, p.30)

Há duas maneiras de se precipitar tais decisões: generalizando o objeto ou pessoa e a outra, particularizando. Opinar de maneira generalista, a distância entre o objeto e o sujeito é reduzida, desta maneira, classifica-se o indivíduo, comparando-o e depois incluindo-o a uma determinada categoria que possua características similares. Particularizando, nós julgamos por meio da especificidade, “nós mantemos

a distância e mantemos o objeto sob análise” (MOSCOVICI, 2003, p. 65), buscando encontrar a característica que o faça distinto. O desejo de explicar o objeto ou uma pessoa como aberrante ou normal é que nos leva a classificar, seja pela generalização ou pela particularização.

Tomando as observações de Moscovici, classificar estas duas operações acarreta em três conseqüências: a possibilidade de conseguir descrevê-la para poder comunicar; a pessoa ou coisa faz-se distinta de outros objetos e pessoas e; quando se convencionaliza estas pessoas ou objetos para partilharem de significações que as orientam e justificam suas ações.

O segundo mecanismo deste processo representativo é a objetivação que consiste em transformar idéias, opiniões e conceitos em figuras “concretas”, atribuídas de um sentido para que o “objeto” seja inscrito em nosso universo (MOSCOVICI, 1978, p.65), ao tornar um esquema conceptual em algo material, em uma “coisa”, fornece a esse objeto um meio de interpretá-lo, contribuindo na construção daquilo que se chama realidade social.

A coisificação – a conversão de idéias em coisas localizadas fora da mentalidade individual – é proscria (por vezes não invariavelmente) na lógica da ciência, e até em alguma parte do senso comum. Mas é prescrita como um cânone do senso comum do envolvimento cultural (...) Portanto, a coisificação coletiva é a descrição mais concisa e reveladora da idéia cultural tratada em termos de suas fontes comportamentais. Como as pessoas conseguem projetar noções para um público (MOSCOVICI, p. 113, 1978).

A materialização a partir de um processo figurativo é construída socialmente e leva a constituir o núcleo central de uma determinada representação, propagando-a como se fosse o real daqueles que a comunicam, ou seja, “À medida que a conversa coletiva progride, as expressões ganham em precisão, as atitudes ordenam-se, a sociedade começa a ser habitada por novas visões e frases” (MOSCOVICI, 1978, p.53).

Para Serge Moscovici (1978), no momento em que damos respostas aos estímulos operam-se esforços de nossa parte, que são as operações essenciais da objetivação: a construção seletiva, a esquematização e a naturalização. A primeira acontece no momento em que o sujeito se apodera das informações, crenças e idéias acerca do objeto, seleciona alguns elementos que interessa e, ignora outros, tornando-o comunicável e útil. Nessa perspectiva, as informações retidas em um

grupo deverão estar de acordo com as necessidades e sistema de valores desse mesmo grupo.

A esquematização corresponde à organização dos elementos. “A cada elemento de sentido corresponde uma imagem, o que permite a materialização de um conceito ou de uma palavra” (VALA; MONTEIRO, 2004, p.466).

Uma imagem coerente facilita a comunicação dos elementos que formam o objeto da representação. Dela, resulta no chamado núcleo figurativo que é “representado pelo inconsciente e consciente”, coordenando e concretizando cada um dos elementos, como “seres da natureza” (ALVES-MAZZOTI, 1994, p.66)

A naturalização é uma etapa que permite organizar comportamentos decorrentes da formação do núcleo figurativo, possibilita ao indivíduo, materializar os elementos que não lhes sejam familiares para familiarizá-los, torná-los naturais e coerentes à ordem social, bem como rejeitar possíveis contradições de sentido que fragilize a base, já estabelecida, de suas representações.

A análise desses mecanismos do processo representativo contribui na compreensão do sistema cognitivo, sobre como ele funciona nesse entrecruzamento com o social.

O fato da Representação ser considerada como de natureza social, justifica-se por meio das dimensões sociais das representações traçadas por Serge Moscovici (1978, p.67), quando este assinala, hipoteticamente três dimensões para cada universo: a atitude, a informação e a imagem ou campo de representação, por entender que uma das razões da Representação ser social, decorre de um conjunto de “proposições, reações e avaliações” organizado por grupos, classes e culturas que, por meio de opiniões e conversas, contribui para a construção de “universos de opinião”, que originalmente conhecemos como “opinião pública”.

Todas as dimensões auxiliam na orientação de condutas coletivas. A dimensão da informação está relacionada com os conhecimentos que um grupo possui com relação a um objeto social, no caso com o usuário de drogas e drogas na escola. A segunda dimensão é o campo da representação que atribui a idéia de imagem a um aspecto preciso do objeto e a atitude, terceira dimensão é um universo de tomada de posição de um grupo que pode ser favorável ou desfavorável com relação a um objeto da representação. Há também atitudes intermediárias.

Essas três dimensões da Representação Social proporcionam uma “visão global” de seu sentido e a partir delas, pode-se determinar o grau de estruturação e

de coerência da informação, imagem e atitude que delimitará a função representacional dos grupos difundindo suas características.

A análise dimensional justifica, de certa forma, a classificação “social” atribuída à representação, pelo fato de a representação ser produzida coletivamente, com a função de contribuir “exclusivamente para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais” (MOSCOVICI, 1978, p.77).

O entendimento de que as representações individuais são sociais é um ponto importante para compreendê-las, pois as primeiras estão inscritas nas últimas e elas são “sempre filtradas através do discurso, das experiências que vivemos, das coletividades às quais pertencemos” (MOSCOVICI, 2003, p.221).

As representações sociais formam-se e se consolidam a partir do discurso de um conhecimento prático que é chamado de “conhecimento popular”, construído através da memória histórica e da comunicação, cuja duração é determinada pelo tempo necessário para que a ordem na sociedade ou do grupo social seja mantida.

[...] Modos de pensamento aplicados a ‘objetos’ diretamente socializados, mas que, de maneira cognitiva e discursiva, as coletividades são continuamente orientadas a reconstruir nas relações de sentido aplicadas à realidade e a si mesmas (MOSCOVICI, 2003, p.218).

Portanto, da mesma maneira que os discursos de um grupo colaboram na manutenção de uma representação sobre um objeto ou pessoa, outros fatos e acontecimentos surgem e novos discursos poderão alimentá-la ou corrompê-la, caracterizando-se como não estática porque “toda representação social é constituída como um processo em que se pode localizar uma origem, mas uma origem que é sempre inacabada” (MOSCOVICI, 2003, p.218).

Por isto, as representações sociais têm um papel valioso na mediação entre o indivíduo e o social, por desempenhar importantes funções, entre elas a que “*convencionaliza os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram*” mesmo que eles não se enquadrem ao modelo social estabelecido, “*nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria*” (MOSCOVICI, 2003, p.34), para que possa ser comunicável e compreendido.

A segunda função segundo Moscovici (2003) “está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar”, origina-se de “uma tradição que decreta o que deve ser pensado”. Este autor define como representações *prescritas*, aquelas que resultam das imagens e idéias da memória coletiva. “Sob muitos aspectos, o passado é mais

real que o presente” e foram ao longo de muitas gerações compreendidas e partilhadas, porém, não mais pensadas, “são produto de uma seqüência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo” (p.37-8).

Ficou evidenciado que Serge Moscovici nos oferece uma teoria que igualmente privilegia as questões individuais e sociais e quando articulada ao campo da Educação, possibilita maior compreensão das crenças dos professores, seus valores, suas atitudes e representações, decisivas em suas ações, pois a partir do momento em que estigmatiza-se as drogas ilícitas e também os alunos usuários torna-se difícil, senão impossível, que a escola cumpra seu papel de apoiar para a transformação social mais justa e democrática.

## CAPÍTULO 4

### APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A descrição e análise dos dados obtidos na pesquisa de campo realizada em cinco escolas da rede estadual, todas situadas na região do ABC – Estado de São Paulo com 70 professores, acerca de suas representações sobre drogas na escola e alunos usuários de drogas inseridas no contexto da Teoria das Representações Sociais e Análise de Conteúdo, serão apresentadas a partir de cada uma das fases desenvolvidas nos procedimentos metodológicos.

Parte-se do princípio que o que determina um objeto é o tipo de relação que um sujeito ou um grupo mantém com este objeto. Isso significa que um objeto não existe por si mesmo e sim a partir de sua relação com o sujeito, adequando-o ao seu universo, ou seja, ao seu sistema de valores que, por sua vez, é construído no contexto social em que está inserido e, desta maneira, contribui “exclusivamente para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais” (MOSCOVICI, 1978, p. 77).

Embora o presente trabalho esteja orientado pela abordagem processual desenvolvida por Serge Moscovici e Denise Jodelet que analisam a formação das representações sociais por meio dos mecanismos de objetivação e ancoragem que apontam para um núcleo figurativo. Recorri, também, a outro modo de aproximação do objeto por meio da abordagem cognitivo-estrutural desenvolvida por Jean-Claude Abric que alega uma hierarquia dos elementos do conteúdo representativo determinada pelo núcleo central.

Considerando que a abordagem do núcleo central visa o conhecimento da organização interna dos processos representativos de ancoragem e objetivação, a escolha desta metodologia, por meio da técnica de evocação livre de palavras ou expressões, possibilita colocar em evidência o universo semântico e imagético do objeto estudado. Este método é justificado por Abric:

O caráter espontâneo – portanto menos controlado - e a dimensão projetiva dessa produção deveriam, portanto, permitir o acesso, muito mais fácil e rapidamente do que em uma entrevista, aos elementos que constituem o universo semântico do termo ou do objeto estudado. A associação livre permite a atualização de elementos implícitos ou latentes que seriam perdidos ou mascarados nas produções discursivas. (ABRIC, *apud* SÁ, 1998, p.91).

A primeira fase da pesquisa foi a aplicação de um instrumento no qual solicitava-se a evocação de palavras. A técnica de evocação livre de palavras ou expressões foi solicitada aos sujeitos participantes, 70 professores de cinco escolas da rede estadual de ensino, quatro situadas em São Bernardo do Campo e uma em Mauá/SP.

Utilizou-se, como termos indutores, a palavra “drogado” e a expressão “drogas na escola”. A aplicação da técnica consistiu em levar os sujeitos a falarem quatro palavras ou expressões que lhes ocorriam imediatamente à cabeça em relação ao termo referido, sendo que deveriam anotar com o número 1 a palavra mais importante e com o número 2, a de segunda maior importância.

Para o tratamento dos dados coletados foi utilizado o *software* denominado EVOC, versão 2000. A análise do léxico compreende um conjunto de programas. O procedimento inicia-se com a criação de um arquivo no EXCEL registrando todas as palavras evocadas pelos professores. É necessário ressaltar que não é apenas a frequência delas que determina a sua maior importância, mas sim, o nível de distribuição entre as duas mais importantes que foram marcadas pelo programa por um asterisco à palavra considerada mais importante e por dois asteriscos à de segunda maior importância, embora os sujeitos pesquisados marcassem com números. Assim, estas palavras são reagrupadas permitindo a comparação entre a sua frequência e distribuição de nível, para indicar quais são os elementos mais centrais de uma representação, os mais estáveis e os mais periféricos.

O resultado das evocações foi organizado previamente para constituir um *corpus* para análise. Assim, o material foi tratado para revelar a frequência de cada palavra evocada e sua distribuição de nível, partindo desses dados foi construído um quadro com quatro quadrantes.

No quadrante superior esquerdo, estão localizadas as palavras verdadeiramente significativas para os professores pesquisados, que constituem o núcleo central da representação. Os termos situados no quadrante superior direito e inferior esquerdo são os elementos intermediários, que estão próximos ao núcleo central e desempenham “um papel essencial no funcionamento e na dinâmica das representações” e as palavras localizadas no quadrante inferior direito são os elementos periféricos da representação que “constituem a parte operatória das representações” e que é por meio destes elementos que o núcleo central passa a

ser compreendido. O Quadro1 resume as características desses dois sistemas (MAZZOTTI<sup>13</sup>, 1994, p.22-3).

Quadro 1- Características do núcleo central e do sistema periférico

<b>NÚCLEO CENTRAL</b>	<b>SISTEMA PERIFÉRICO</b>
Ligado à memória e à história do grupo	Permite a integração das experiências e das histórias individuais
Consensual: define a homogeneidade do grupo	Suporta a heterogeneidade do grupo
Estável, coerente e rígido	Flexível, suporta contradições
Resistente à mudança	Se transforma
Pouco sensível ao contexto imediato	Sensível ao contexto imediato
Gera a significação da representação e determina sua organização	Permite a adaptação à realidade concreta e a diferenciação de conteúdo; protege o sistema central

A composição desta estrutura, que distingue elementos centrais e periféricos da representação social, possibilita estudar suas relações com as práticas de um grupo e suas possíveis transformações. Segundo a teoria do núcleo central, “a transformação das representações começa sempre pelo sistema periférico” (SÁ, 1998, p.77).

Em relação ao *corpus* formado pela evocação do termo indutor “drogado”, 279 é o número total de palavras citadas, sendo 110 palavras diferentes. A média das ordens médias de evocações foi igual a 2.49 e a frequência média ficou estabelecida em 10 e a mínima 3, conforme ilustrado no Quadro 2.

<sup>13</sup> (Alda Judith Alves Mazzotti, in: Psicologia da Educação, 1995,p.22).

Quadro 2 – Resultados obtidos após evocação “drogado”.

ELEMENTOS CENTRAIS			ELEMENTOS INTERMEDIÁRIOS		
Frequência > = 10/Rang < 2,5			Frequência > = 10/Rang < = 2,5		
	Frequência	Rang		Frequência	Rang
Dependente	12	1,9	Família	11	2,5
Doença	20	2,1	Insatisfação	10	2,5
Tristeza	10	2,1			
Viciado	13	1,6			
ELEMENTOS INTERMEDIÁRIOS			ELEMENTOS PERIFÉRICOS		
Frequência > = 10/Rang < 2,5			Frequência > = 10/Rang < = 2,5		
	Frequência	Rang		Frequência	Rang
Adolescente	3	2,0	Ajuda	7	2,5
Carente	4	2,0	Aluno	3	3,0
Conflito	3	2,3	Carência	4	3,2
Cuidado	3	2,3	Excluído	3	2,6
Desespero	8	2,3	Falta	3	2,6
Droga	4	1,2	Fraco	4	3,0
Jovem	4	2,0	Fuga	4	3,0
Medo	3	2,0	Pena	3	2,6
Morte	8	2,2	Rebeldia	3	3,0
Problema	7	2,4	Sofrimento	4	2,5
Ruim	3	1,6	Solidão	4	2,5
			Violência	8	2,7

Entre as palavras que fizeram parte do núcleo central das representações dos professores, o termo “doente” foi o mais freqüente. Dessa maneira, pode-se acreditar que a atribuição da drogadição como doença obedece a estereótipos sociais cristalizados, que tendem a colocar a normalidade como sinônimo de saúde e a drogadição como desvio, decorrente de patologias.

Em relação ao *corpus* formado pela evocação do termo indutor “drogas na escola”, 278 é o número total de palavras citadas, sendo 107 palavras diferentes. A média das ordens médias de evocações, foi igual a 2.5 e a freqüência média ficou estabelecida em 9 e a mínima 4, conforme ilustrado no Quadro 3.

Quadro 3 – Resultados obtidos após evocação “drogas na escola”.

ELEMENTOS CENTRAIS			ELEMENTOS INTERMEDIÁRIOS		
Frequência > = 9/Rang < 2,5			Frequência > = 9/Rang < = 2,5		
	Frequência	Rang		Frequência	Rang
Dificuldade	15	1,5	Amizade	14	2,6
Doença	10	2,3	Carente	9	2,6
Violência	20	2,4	Família	13	2,7
			Orientação	21	2,9
ELEMENTOS INTERMEDIÁRIOS			ELEMENTOS PERIFÉRICOS		
Frequência > = 9/Rang < 2,5			Frequência > = 9/Rang < = 2,5		
	Frequência	Rang		Frequência	Rang
Adolescente	4	1,5	Combate	6	3,0
Aluno	8	2,1	Desmotivação	5	3,0
Diálogo	5	2,4	Indisciplina	5	2,8
Revoltado	4	1,0	Influência	8	2,5
Tráfico	8	2,1	Insegurança	4	2,5

No Quadro 3, ficou evidenciado que os professores associam drogas na escola, principalmente, à violência, seguida do conceito de doença e da palavra dificuldade, sugerindo que este tema agrega significados negativos e que os professores ainda têm dificuldades de enfrentar esta questão com seus alunos.

No quadrante inferior direito, foram identificados os elementos periféricos: combate e desmotivação, segundo o nível de distribuição das classes por palavras (Rang). Estes elementos são mais sensíveis às condições do contexto em que são produzidos e, portanto, mais passíveis às mudanças, ou seja, são elementos que podem ser trabalhados e transformados pela escola.

No segundo instrumento foram elaboradas questões pontuais como se fossem respostas a uma carta para possibilitar um mapeamento das primeiras informações que revelam o que os professores acreditam e sabem a respeito do tema desta pesquisa. Os gráficos são auto-explicativos e foram organizados de forma que se possa visualizar com clareza as informações que os educadores possuem sobre drogas na escola e alunos usuários de drogas.

Na pergunta 1 - Na escola há alunos usuários de drogas? Os resultados mostram que:

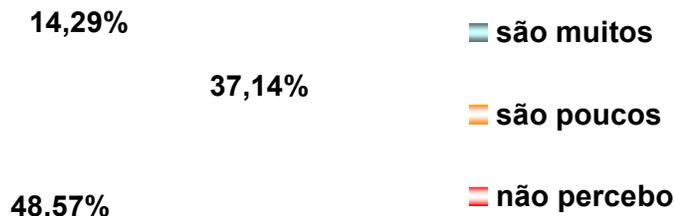


Gráfico 6 – Número de alunos usuáries de drogas

as na escola na visão dos professores pesquisados.

Na afirmativa da questão 2 - Acredito que a escola é um lugar possível para abordar o tema sobre drogas, a maioria dos sujeitos concordou, apenas um sujeito discorda.

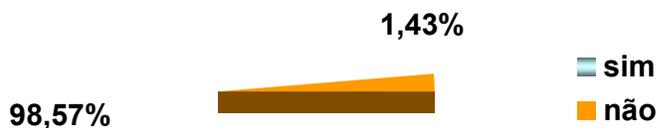


Gráfico 7 – A escola é local possível para abordagem do tema drogas?

Ao serem indagados na questão 3 - Faz diferença ter formação para lidar com alunos usuáries de drogas na escola? Todos afirmaram que sim.

Na questão 4, foi solicitado que os sujeitos completassem a frase: O conhecimento que tenho sobre drogas vêm ..., com as seguintes opções: a) da experiência profissional; b) da influência da mídia; e c) de ambos. Os resultados mostram que a maioria (81,43%) tem acesso a informações sobre drogas e usuáries pela mídia; 10% da experiência pessoal e 8,57% de ambos.

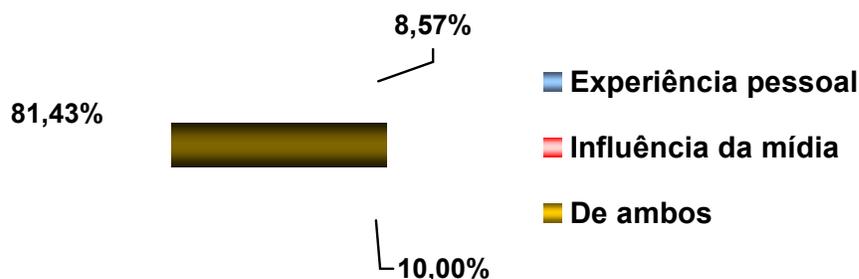


Gráfico 8 – Importância de formação específica para lidar com alunos usuários de drogas na escola, segundo os professores.

Ao serem indagados na questão 5: Abordar o assunto das drogas na escola tem o sentido de..., tendo como opções a) do aluno não usar drogas; b) de redução de riscos associados ao uso das drogas; c) para promover estilos de vida ligados à saúde; e) para informar os malefícios do uso das drogas, as respostas evidenciaram que:

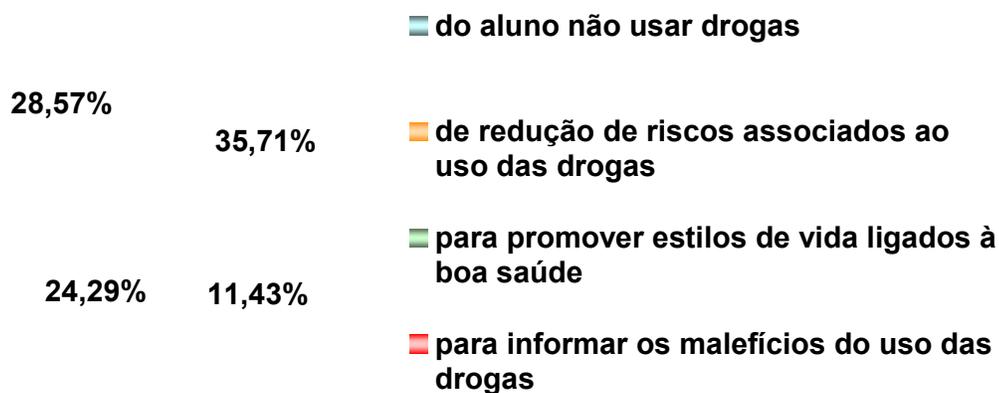
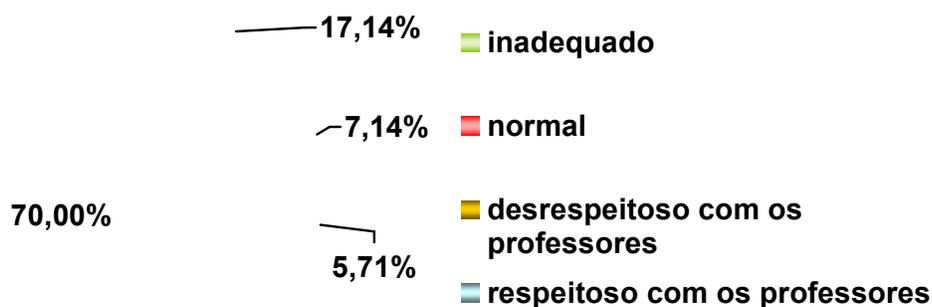


Gráfico 9 - Abordar o assunto das drogas na escola tem o sentido de....,

Para os professores participantes da pesquisa, na questão 6 - A maioria dos alunos usuários de drogas tem comportamento...



alunos usuários de drogas tem comportamento...

Para lidar com alunos usuários de drogas acredito ser necessário que o professor...

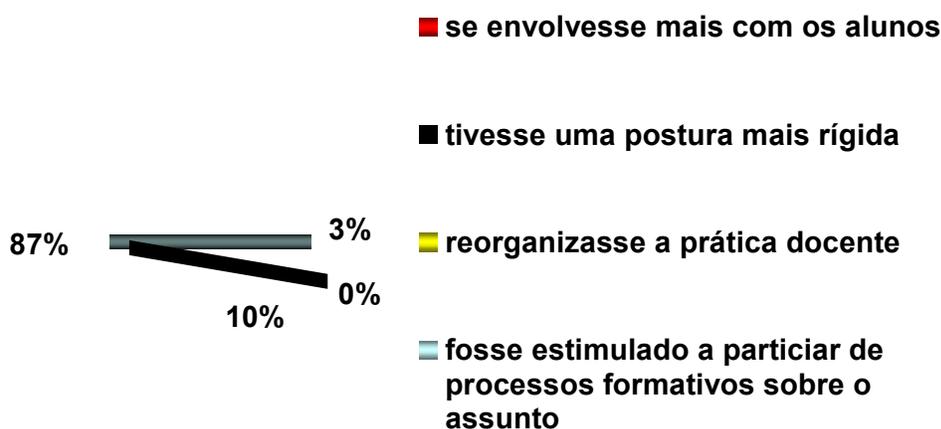


Gráfico 11- Para lidar com alunos usuários de drogas acredito ser necessário que o professor...

Observa-se nos gráficos apresentados que os professores acreditam que a escola é um lugar privilegiado para a abordagem do tema do uso e abuso de drogas entre os jovens e para implementar ações que estimulem uma formação adequada para os professores, um possível caminho para oferecer orientações e atividades a serem desenvolvidas na escola com os alunos.

No gráfico 1, quase a metade dos professores considera que o número de alunos usuários de drogas é baixo, enquanto, mais de um terço acredita que esse número é alto. Assim, é possível perceber que os professores desconhecem o grau

de disseminação das drogas entre os alunos, pois não percebem, ou seja, não notam se um aluno é usuário, a não ser que este tenha um comportamento inadequado. Em termos de educação, esta é uma representação perigosa pois associa o aluno usuário de drogas à rebeldia e o não-usuário como aliado à ordem social.

A mídia é uma das maiores fontes de conhecimento da questão das drogas para a grande maioria dos educadores e, sem dúvida, exerce imensa influência nas representações que eles têm sobre drogas na escola e alunos usuários de drogas. Ao afirmarem que os alunos usuários de drogas na escola têm comportamento inadequado pode estar ligado à imagem que a mídia retrata, na maioria das vezes, dos usuários de drogas como pessoas inadequadas, pois a “sociedade assume, de antemão, que a droga gera violência e pessoas agressivas, procurando encontrar nas substâncias psicoativas a explicação para uma violência que pode ter tantas outras causas” (VIVARTA, 2005, p.19).

Para a maioria dos professores, abordar o tema drogas na escola tem o sentido de informar os malefícios que o uso e abuso de drogas trazem os jovens. Esta idéia apresenta-se compatível com o Modelo do Conhecimento Científico que acredita que a educação que discute os aspectos negativos das drogas seria eficiente para as pessoas evitassem usá-las. Porém, ao responderem que promover estilo de vida ligado à boa saúde somado com a abordagem de redução de riscos ligado ao uso das drogas, mostra que os professores começam a se aproximar da idéia do Modelo de Redução de Danos associada às drogas, corrente que desenvolve as noções de qualidade de vida e cidadania, evidenciando que esta proposta poderia ser aceita pelos educadores pesquisados.

O tratamento da resposta da última questão aberta do questionário “*Gostaria ainda de dizer...*”, teve o auxílio do software ALCESTE que permitiu a visualização das classes de palavras existentes no discurso dos professores, auxiliando na análise das respostas.

O programa faz uma “leitura” do *corpus*, ou seja, o conjunto de respostas fornecidas pelos professores à questão, para identificar as unidades contextuais iniciais (UCIs), que são uma espécie de representação elementar ou um enunciado mínimo em um discurso. Na seqüência, classifica as palavras por meio do seu valor semântico e, desta maneira, identifica diferentes conjugações verbais, diferenciando palavras com função puramente sintática (pronomes, artigos, advérbios) daquelas

com “conteúdo” (verbos, substantivos, adjetivos). É justamente com essa segunda classe de palavras que o programa trabalha. Agrupa o radical destas palavras que passa a ser tratado como unidade de contexto elementar (UCEs) (NASCIMENTO; MENANDRO, 2006, p.75).

De acordo com a proximidade semântica das palavras o programa realiza um cálculo da matriz de dados, indicando a ausência ou presença de determinada palavra. O conjunto total de unidades contextuais na matriz constitui a primeira classe e, a próxima etapa é “conseguir uma divisão dessa classe em duas, que separem, de maneira nítida, as classes resultantes, de tal modo que as duas classes contenham diferentes vocábulos.” Este procedimento é realizado até que não resulte em novas classes. Por meio dos critérios de frequência e associação de palavras estas classes são efetuadas mediante um processo de classificação hierárquica descendente (CHD), seguido pela realização do teste Qui-quadrado (NASCIMENTO; MENANDRO, 2006, p.75).

Após esta verificação, as classes são apresentadas por meio de tabelas, denominadas *dendogramas*, que exibe as relações entre todas as seqüências da análise de agrupamento, possibilitando apontar as relações existentes entre as mesmas. Por fim, as enunciações dos sujeitos pesquisados são apresentadas nas suas diversas classes, o que oferece indícios de suas representações a respeito do assunto pesquisado.

Deve-se ressaltar que, embora o programa auxilie na análise de conteúdo lingüístico, cabendo ao pesquisador fazer uma leitura mais abrangente e ter a sensibilidade ao dar sentido às palavras no tratamento dos dados.

Ao tratar a resposta à questão “*Gostaria ainda de dizer que...*”, o programa ALCESTE não encontrou co-ocorrência de palavras com a frequência igual ou maior a 50% e resultado do Qui-quadrado igual ou superior a 2,2. Portanto, foi necessário duplicar cada resposta, para que o programa estabelecesse relações entre as quatro classes encontradas. Contudo, as informações apresentadas pelo software, possibilitaram o reconhecimento de vários indícios das representações dos professores pesquisados.

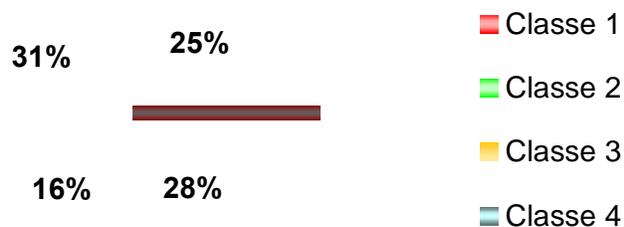


Gráfico 12 - Distribuição de UCEs da questão “Gostaria ainda de dizer...”.

Seguindo um padrão de co-ocorrência de palavras, o programa classificou o *corpus* em 4 classes, como é apresentado no *dendograma* a seguir:



Figura 2 – Quadro gerado pelo software ALCESTE para o *corpus* da questão 16.

Essas primeiras informações preparam o material (vocábulo) a serem processados pelo software e, desta forma, torna-se necessário determinar categorias ou nomeá-las de acordo com contextos semânticos caracterizados por grupos de palavras.

A análise da classe 1: Gostaria de saber lidar com esta situação, ajudar e ter orientações. Abrangeu 16 unidades de contexto elementar (UCEs) analisadas, correspondendo a 25% do total. As palavras mais significativas desta classe são:

- gostaria;
- ajudar;
- lidar;
- orientação.

Esta classe é marcada por respostas que corroboram ao que é explicitado na Discussão dos Aspectos Gerais do V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas Entre Estudantes do Ensino Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras, no qual os autores apontam que a falta de capacitação dos profissionais da educação, de condições para lidar com a questão das drogas e muitos pedidos de orientações que são necessárias para o enfrentamento do problema (Galduróz et al., 2005, p. 361).

Foram respostas típicas dessa categoria, os seguintes fragmentos:

***Gostaria** de saber **lidar** com esta situação já que os alunos usuários de drogas tornam-se agressivos. (Suj. 61)*

*Acredito que os professores tenham certo medo de **lidar** com alunos usuários de drogas, pois não foram capacitados, ou seja, não tiveram uma formação para **lidar** com essa situação sem sair prejudicado. (Suj. 64)*

*Com certeza é necessário maior apoio ao profissional da educação em relação a cursos e **orientações** referentes ao assunto. (Suj.04)*

*Quanto mais sabemos **lidar** com drogas, acaba sendo pouco. Temos sempre de procurar **orientações**. (Suj.23)*

*Se uma formação mais adequada fosse dada aos docentes, talvez melhorasse a situação em que nos deparamos quando entramos em sala de aula, **lidando** de uma maneira mais adequada com este aluno. Para desenvolver melhor uma pedagogia que vai ao encontro dos problemas que encontramos hoje em dia nas escolas. (Suj.26)*

*Acredito que precisamos de **orientações** de como **ajudar** estes alunos. Informações técnicas sobre as drogas e os seus efeitos não são suficientes para **ajudá**-los. Nunca tive uma **orientação** na faculdade, durante o estágio ou em qualquer outro momento sobre este assunto. (Suj. 31)*

***Gostaria** muito de participar de cursos informativos a respeito do assunto. (Suj.32)*

As palavras dos professores revelam que estes sentem a falta de uma capacitação sobre o tema drogas e usuários e esperam por uma orientação técnica adequada.

Percebe-se também que, a falta de formação/capacitação causa um sentimento de impotência nos professores, que o convívio e eventual ajuda ao aluno usuário na escola se dá sem recursos técnico ou acadêmico.

Análise da classe 2: Também é um problema social, abrangeu 18 UCEs analisadas, correspondendo a 28% do total.

As palavras mais significativas desta classe são:

- também;

- problema;
- social.

Nessa classe, encontram-se professores que acreditam que a questão das drogas na escola é também um problema social, ligado ao cotidiano prático das pessoas e ainda, que projetos de prevenção deveriam levar em conta a preocupação social, abrindo possibilidades de participação ativa da comunidade da qual a escola faz parte. Isso pode ser observado em respostas como:

*A escola pode ajudar, mas nunca resolver, pois faltou o principal, a atenção e, a educação como um todo do círculo **social** formador. (Suj.33)*

*O uso das drogas na escola deve ser visto com muito cuidado e responsabilidade, porque faz parte do cotidiano de todos os professores, diretores, coordenadores e **também** da parte administrativa, visto tratar-se de uma questão social. (Suj.47)*

*Existe também um sério **problema social** envolvido nesse assunto. (Suj. 56)*

*O **problema** está além da escola. É um problema de causa **social** e que deveria ser assistido de perto por nossas autoridades. (Suj.08)*

*O **problema** é muito mais grave do que parece. É **social** e de educação com a desestrutura de famílias inteiras. (Suj. 60)*

O uso do vocábulo **também** evidencia que os professores entendem a problemática das drogas na escola como uma parte de um problema social mais amplo, que repercute em outras esferas da sociedade, envolvendo diversos atores sociais (família, trabalho, relações interpessoais, saúde e segurança pública).

Análise da classe 3: Participação da família, com 10 UCEs analisadas, correspondendo a 18% do total. As palavras mais significativas desta classe são:

- participação;
- família;
- assunto.

Seguem exemplos de respostas presentes nessa classe:

*Tanto educadores quanto os pais, precisam **participar** mais de trabalhos direcionados ao **assunto**. Quanto aos jovens usuários, teriam que ter melhor oportunidade de interagir no meio social e **familiar**. (Suj. 49)*

*Uma boa orientação por parte da **família** e também por parte da escola é primordial para que este cidadão não venha a ser destruído e consumido pelas drogas. (Suj.50)*

*Acho que a **família** não está interessada ou acredita que o filho não está envolvido, ou finge que não sabe.” (Suj.57)*

*O quanto é difícil falar ou fazer com que os pais percebam que o filho está usando drogas. Normalmente, a **família** não acredita ou não*

*querem acreditar. Sempre colocam que, em casa é o filho perfeito e que o problema está nas companhias. Existe também, em muitos casos, a ausência dos pais. (Suj. 58)*

*Quando o aluno chega drogado, é porque faltou algo enquanto participante de uma **família**. Ser aluno é apenas uma passagem. (Suj.33)*

Nessa classe, as respostas realçaram principalmente a importância da parceria família e escola nos projetos oferecidos nas escolas para professores, equipe gestora, usuários da escola, trabalhadores da escola pudessem aprender a lidar com alunos usuários de drogas.

Outros referem a omissão dos pais, que em muitos casos insistem não relacionar seu filho ao uso e/ou dependência de drogas. Isto causa uma série de dificuldades aos professores em abordar o assunto com o aluno e sua família, fato que acaba gerando sentimentos de insegurança entre os educadores e inviabilizando a parceria ressaltada acima.

Análise da classe 4: O combate na escola é difícil. É preciso de mais projetos. Foram 20 UCEs analisadas, correspondendo a 31% do total. As palavras mais significativas desta classe são:

- combate;
- precisar;
- projetos.

Nos fragmentos abaixo, encontramos:

*A escola sozinha não pode **combater** o uso de drogas na escola. É **preciso** um trabalho bem feito em todos os segmentos da sociedade. (Suj.23)*

*O **combate** às drogas é mais um de tantos **projetos** a ser trabalhado na escola. (Suj.29)*

*Entendo que os meios de comunicação, especialmente a televisão, são incapazes de **combater** o problema das drogas. (Suj.06)*

Na classe 4, podemos perceber que os professores necessitam que ofereçam mais projetos relacionados ao combate às drogas. Entretanto, esta concepção de que o correto é não usar drogas está equivocada, pois sabemos que é impossível anular a possibilidade do uso de drogas entre os seres humanos, pois a “história ensina que nenhuma droga desapareceu ou deixou de ser consumida em decorrência de sua proibição” (ESCOHOTADO, 1997(a), p.41).

Além disso, percebe-se que os programas oferecidos carregam concepções e juízos de valores relacionados ou servindo aos interesses da entidade a que está vinculado (religiosas, NA – Narcóticos Anônimos, Secretaria da Segurança Pública, entre outros), trazendo à tona a necessidade de identificar as diferentes representações sociais contidas em cada um destes grupos, sem o que não será possível ter um referencial confiável para “combater” as drogas, inclusive na escola.

Na quarta fase foram realizadas entrevistas com nove professores que já haviam respondido às questões situacionais elaboradas, como se fossem respostas a uma carta. Para facilitar a identificação dos sujeitos no curso da pesquisa foram utilizados os mesmos números do questionário, preservando suas identidades.

Utilizou-se como recurso uma entrevista semi-estruturada para alcançar respostas que possibilitem identificar as três dimensões sociais das representações sociais: a informação que está relacionada “com a organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social” (MOSCOVICI, p.67-70, 1978), o campo de representação, expressão esta que remete-nos à idéia de imagem e a atitude que consegue “destacar a orientação global em relação ao objeto da representação social”.

Inicialmente, para conhecer e identificar as representações sociais dos professores a respeito de drogas na escola e alunos usuários, foi necessário investigar as três dimensões citadas, que constituem o universo de opiniões que este grupo possui, por meio das seguintes questões:

**Onde você buscou informações sobre drogas na escola?** Visando identificar os meios que os professores dispõem das informações que se tem sobre drogas na escola. “Cujas respostas apontam para o estudo das condições de circulação das representações sociais” (JODELET *apud* SÁ, 1998, p.32).

**O que você sabe sobre drogas na escola?** Com a finalidade específica de saber quais as informações os professores têm sobre drogas na escola, pois a informação “relaciona-se com a organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social” (MOSCOVICI, 1978,p.67).

**O que vêm à sua mente quando eu digo: alunos usuários de drogas na escola.** Considerada uma questão importante para a identificação do campo da representação, ou seja, da imagem que os professores constroem sobre alunos usuários de drogas na escola.

**Diante de uma situação hipotética: ao entrar na sala de aula, alunos sob efeito de drogas... Qual a sua atitude nesta situação?** Para identificar as atitudes que os professores tomam com relação aos alunos usuários de drogas na escola. Um ponto importante, pois elas, segundo a teoria da representação social correspondem à maneira em que o grupo se orienta, seja favoravelmente ou não, com relação ao tema.

A partir das respostas obtidas, foram elaborados quadros ilustrativos para facilitar os agrupamentos e as classificações necessárias para criar categorias que possibilitem interpretar e analisar os dados por meio da Análise de Conteúdo segundo Maria Laura Puglisi Barbosa Franco (2003).

Quadro 4 – Perfil dos sujeitos pesquisados

IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS PROF./GÊNERO	INSTITUIÇÃO ONDE SE FORMOU	DISCIPLINA ATUAL	TEMPO DE ATUAÇÃO NA ESCOLA
Prof. 3 - feminino	Privada	Língua Portuguesa	8 anos
Prof. 46 - feminino	Privada	Geografia	3 anos
Prof. 53 - feminino	Privada	Biologia	1 ano
Prof. 59 - feminino	Privada	Biologia	1 ano
Prof. 14 - feminino	Privada	Biologia	3 anos
Prof. 50 - feminino	Privada	Geografia	18 anos
Prof. 52 - masculino	Pública	Matemática	20 anos
Prof. 60 - masculino	Privada	Filosofia	3 anos
Prof. 64 - feminino	Privada	Língua Portuguesa	5 anos

Como pode ser observado, as respostas indicam que oito dos professores entrevistados tiveram a sua formação na rede privada de ensino, apenas um dos entrevistados possui formação acadêmica na rede pública. O quadro indica que sete sujeitos lecionam a menos de dez anos na mesma escola. Desse grupo, dois professores declararam lecionar há mais de 15 anos.

Quadro 5 - Meios que os professores buscam informações a respeito de drogas.

Prof.	Onde você buscou informações sobre drogas na escola?
3	Muito do que eu sei vem da minha experiência pessoal, mas, busquei informações precisas junto ao curso oferecido pelo SENAD, em 2006.
46	Me inscrevi no curso do SENAD quando foi oferecido na escola, mas, como tenho experiência pessoal com usuário de drogas na família, conheço bem o assunto.
53	Várias fontes forneceram material para pesquisa como: revistas, Internet, jornais, rádio, televisão e relatos de usuários de drogas. Como professora de Biologia, este conteúdo faz parte da disciplina, tanto nos tipos de drogas e efeitos no organismo, quanto a prevenção ao uso esporádico e consumo regular.
59	Através de palestras com especialistas e leituras de revistas, tanto especializadas quanto do tipo: Super Interessante, Veja, Nova Escola, são revistas que eu utilizo para preparar a aula sobre este assunto, para ter um embasamento teórico e de qualidade para eu poder conversar com o meu aluno.
14	Na faculdade tive algumas palestras, mas nada muito aprofundado. O que sei vem das pesquisas que faço na internet.
50	Eu nunca procurei me informar sobre este assunto. É pela televisão o pouco que conheço sobre drogas. Os noticiários falam muito sobre a violência nas escolas, morte de professor, drogas e tudo mais.
52	Nunca busquei este tipo de informação e também nunca recebi. O Estado nunca possibilitou informações a respeito deste assunto. Há 33 anos que eu leciono na rede estadual e nunca ofereceram cursos de prevenção ou de como lidar com alunos usuários de drogas. O que eu sei é através da mídia.
60	Não busquei informações a esse respeito.
64	Eu pesquiso bastante sobre drogas, eu busco informações através da televisão, leituras que eu mesmo faço e de experiência na escola mesmo, porque tem bastantes usuários. Através de amigos e familiares, pois tenho um familiar que é dependente de drogas.

Quadro 6 – Saberes e conhecimentos dos professores sobre drogas na escola.

Prof.	O que você sabe sobre drogas na escola?
3	As drogas fazem parte de um processo social e cultural, elas estão aí. Então a gente tem que saber como lidar com a utilização das drogas nas escolas. A maneira como as informações são passadas nas escolas é a da propaganda antidrogas e toda essa ideologia que a gente percebe que está sendo articulada para uma manipulação social e econômica para a discriminação dos alunos usuários.
46	As informações não são claras, ela parecem fragmentadas. Existem muitas confusões a respeito dos efeitos de cada droga. O que eu sei, é que tem alunos que usam e para entender melhor sobre esta situação, eu fui procurar e me informar no curso do SENAD, e em revistas especializadas como da Instituição Bezerra de Menezes aqui em São Bernardo.
53	Percebo um aumento no número usuários de drogas nas escolas. Sou professora na rede estadual de ensino há 20 anos e por ensinar Biologia, eu preciso saber sobre os tipos de drogas e os efeitos de cada uma delas, mas, como aparece novos tipos de drogas a todo momento, procuro aprender com revistas especializadas e internet.
59	Saber mesmo, efetivamente, ninguém sabe, o que você tem são noções e percepções de alunos que estão usando, mas eu não posso afirmar se é usuário ou não, a não ser que ele venha e fale do assunto. Mas, você percebe que o aluno está mudando o seu comportamento. As atitudes tornam-se diferentes porque você convive com este aluno no dia-a-dia e estas mudanças não são apenas físicas, mas também comportamentais ou mesmo em termos de emoções: flechas repentinos de emoções que você começa a perceber o que está acontecendo. Afirmar que há tráfico ou que o aluno é usuário não dá para afirmar. Você pode sentir e perceber que acontece, mas afirmar só se você realmente ver e mesmo assim... não devemos nos comprometer.
14	Na escola em que eu trabalho tem muitos usuários de drogas, é um escola que fica entre a Favela Naval e a Favela da Coca, tenho aluna que trafica, mas eu ignoro. O que eu sei, são os principais sintomas e efeitos de cada uma das drogas, pelo menos as “clássicas”: maconha, cocaína e crack, através de livros, palestras e internet. Sei que a maioria dos alunos que usa crack, não fica na escola, logo vão embora.
52	O que sei é que tem alunos que usam e até traficam na escola. Nunca vi, acho que é a minoria que usa drogas na escola. O que eu sei sobre drogas é através da mídia ou de alguns colegas que falam sobre os efeitos. Nunca vi ninguém usando e não sei direito como funciona.
60	Não sei muitas coisas. Boa parte dos alunos já teve contato com algum tipo de droga. Acredito que a maioria dos jovens toma contato com elas na escola; são muitos jovens reunidos na escola e sei que as drogas apresentam um lado “romântico”, algo legal que de certa forma dá um status para quem usa, faz com que o aluno faça parte de um grupo. Por outro lado, as drogas servem como um “anestésico social”, e isso deveria ser abordado na escola como conscientização. O que sei vem da minha experiência pessoal, na periferia, onde moro, convivemos com tráfico e com diversos usuários e, esses, fazem parte da nossa família. Na escola também tomamos contato com esses alunos que usam drogas e você acaba aprendendo alguma coisa, na prática.
50	Realmente existem drogas nas escolas e, os alunos usam no banheiro, no pátio na hora do intervalo, ficam na praça da escola usando drogas. Sobre drogas, efeitos eu não conheço, o que eu sei vem do que eu vejo na televisão, noticiários, jornais e revistas do tipo “Veja”, “Super Interessante”.
64	Eu sei que tem bastantes alunos usuários de drogas na escola. Muitos fumam maconha, muitas vezes eu sinto o cheiro que vem de fora para dentro da sala de aula. Quando eu passo na pracinha aqui na frente, sempre tem uma rodinha puxando fumo e, também sei que tem alguns que usam drogas mais fortes do tipo crack,

cocaína.

Quadro 7 - A imagem que se tem do aluno usuário de drogas na escola.

Prof.	O que vêm à sua mente quando eu falo: alunos usuários de drogas?
3	Há vários tipos de alunos usuários. Eu tenho alunos ótimos e que usam drogas e eles estão ali. A maioria dos alunos que experimentar, conhecer como é fumar maconha ou outras drogas. Na comunidade deles é um processo normal, as drogas são acessíveis e devemos saber lidar com esses alunos.
46	Depende. Ao mesmo tempo vem a imagem de um aluno mais descolado, mas, ao mesmo tempo, a imagem de um aluno triste e carente, quando o uso se torna problema como o da dependência química.
53	Muitos de meus alunos que ficam apáticos em sala de aula e a de inúmeros que pararam de estudar.
59	Carente, uma pessoa que necessita de ajuda e que às vezes, ele até pede para os professores e também para a família. O que vem na minha cabeça é uma pessoa carente que está pedindo socorro, muitas vezes implicitamente.
14	Pena, medo, ameaça, insegurança. Não tem o que fazer com este aluno.
50	Violência e desinteresse pelo estudo.
52	Eu sinto muita pena, porque o aluno usuário de drogas numa escola pública geralmente é carente e pobre e não tem idade para estar nesta situação., porque é uma roubada, não tem mais saída.
60	Eu vejo os alunos usuários e me lembro do meu tempo de escola, eu tinha amigos que usavam. Eu mesmo quando aluno, enchi a cara antes de entrar na sala e entrei em coma alcoólico na sala de aula. Isso na oitava série. Também tive contato com outros tipos de drogas. Tudo isso na escola.
64	Medo, ameaça, desencorajada, não tem muito o que fazer com eles, não tem possibilidade e não tem amparo da direção da escola.

Quadro 8 - Atitudes que os professores tomam diante de alunos usuário de drogas na escola.

Prof.	Diante de uma situação hipotética: Ao entrar na sala de aula dois alunos sob efeito de drogas. Qual a sua atitude nesta situação?
3	Eu sempre vou tratá-lo normalmente como o aluno que seja limpo. O fato de ele estar sob efeito de alguma droga, não significa nada pra mim. Não significa que este aluno é menor. Ele é tão bom como os outros, eu parto desse princípio: ele pode a qualquer momento parar de usar, mas nesse momento ele usa e há outras futuras possibilidades.
46	Tento controlar a situação, tratar o aluno com respeito. Ele deve saber que eu não tenho nada a ver com o fato dele usar drogas ou não. Ele precisa saber se portar no lugar. Então, eu converso com o aluno e tento manter a ordem na classe com o máximo de respeito para com esse aluno que está drogado.
53	Procuo fazer de conta que eu não percebi, deixo eles se acalmar e tomar seus lugares. Não vou provocá-los com piadinhas ou insinuações. Quando possível, em situação melhor, procuro conversar, sem recriminá-los.
59	Se não há agressão física e mesmo que aconteça, eu não me envolvo, eu peço ajuda, eu observo e peço ajuda para o inspetor ou coordenador. Eu peço para os outros alunos se afastarem e peço para os dois saírem da sala.
14	Tive um aluno que ia drogado na aula. Ele aprontava, respondia, agredia e o medo dele era ser mandado para fora da escola porque, assim, ele não poderia fazer o tráfico na escola. Quando ele fumava maconha ele ficava tranqüilo na aula inteira, mas quando era crack ou cocaína, ele ficava muito agitado. Eu geralmente o ignorava e, quando não tinha mais condições eu colocava pra fora da sala para não colocar em risco nem a mim e nem aos alunos da sala. Hoje mesmo, tinha um aluno tomando perfume na escola e aí foi levado para a diretoria.
50	No ano passado, peguei uma classe que havia vários alunos que usavam drogas, eu sei porque eles não tinham vergonha de falar mas, eu nunca vi eles usando. No começo, eu achei que poderia ajudar, encaminhar para algum lugar. Mas como não houve apoio da direção e também por parte dos pais, eu desisti das aulas. É uma situação difícil, a gente não tem apoio. Hoje prefiro fingir que não percebo que o aluno está drogado, porque é complicado.
52	Tive alunos que me deram trabalho na sala de aula, como eu não sei distinguir se estava drogado ou não, mesmo assim eu chamo a direção e, se ela não está presente na escola, como já aconteceu, eu chamo a polícia. Eu não tenho a mínima experiência neste assunto e, por não saber o que fazer, eu já chamei a polícia duas vezes. Eu realmente não percebo se o aluno está drogado, sei que o cara fica com os olhos vermelhos e lacrimejantes, mas eu não sei mesmo como é o efeito das drogas. Tive um aluno que chegou a falar pra mim que fumava maconha antes de assistir a aula. Mas ele não parecia que estava drogado, ele chegou e falou que era dependente e que usava mesmo antes de entrar na sala.
60	Não sei o que fazer, não sei como agir, sei que isso vai além da escola, é um problema social. Sozinho e com atitudes autoritárias só criei inimizades. E esse não é o propósito da escola e do educador.
64	Eu deixo eles fazerem o que querem, se quiser fazer a lição eles fazem, se quiser sair da sala, eles saem. A todo momento, eles ameaçam e a gente não sabe o que pode acontecer fora da escola. Não sou agressiva com eles. Não faço comentário nenhum e procuro não me envolver porque não vou ter amparo de ninguém, então, finjo que é um aluno a mais na sala e não dou atenção.

A escolha de articular as entrevistas com a análise de conteúdo, justifica-se, principalmente, por ser o método “mais comum de pesquisa – quase o ‘romeu e julieta’ das representações sociais” (SÁ, 1998, p.86). Esta opção garante a rigorosidade e confiabilidade necessária para obter as representações sociais dos professores a respeito de drogas na escola e alunos usuários de drogas na escola.

O ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem verbal, oral, escrita ou gestual que expressa um significado e um sentido vinculado às condições contextuais dos sujeitos que a produz, resultando em expressões carregadas de componentes cognitivos, afetivos, valorativos, históricos e ideológicos que estão:

...impregnados nas mensagens socialmente construídas, via *objetivação* do discurso, mas com a possibilidade de serem ultrapassadas ou ‘desconstruídas’, mediante um processo trabalhoso (mas, não impossível), tendo em vista a explicitação do processo de *ancoragem* (FRANCO, 2003, p.14)

Com base na mensagem, contida nas respostas das perguntas: O que você sabe? Onde buscou informações? Qual imagem que se tem sobre o aluno usuário de drogas? Quais as atitudes tomadas na relação professor/aluno usuário?, a análise de conteúdo possibilita fazer inferências sobre as representações sociais dos professores, pois:

Toda mensagem falada, escrita ou sensorial contém, potencialmente, uma grande quantidade de informações sobre seu autor: suas filiações teóricas, concepções de mundo, interesses de classe, traços psicológicos, representações sociais, motivações, expectativas, etc. (FRANCO, 2003, p.21)

O processo da análise dos resultados da entrevista deve iniciar com o conteúdo explícito da mensagem oferecida pelos pesquisados, todavia, não podemos “descartar a possibilidade de se realizar uma sólida análise acerca do conteúdo ‘oculto’ das mensagens” (FRANCO, 2003, p.24). A leitura das entrelinhas é importante, “especialmente se a interpretação do conteúdo ‘latente’ estipular, como parâmetro, os contextos sociais e históricos nos quais foram produzidos” (p.24).

O conceito de inferências, segundo Franco (2003), implica em interpretar os conhecimentos que extrapolam o conteúdo manifesto nas mensagens. Um procedimento de relevância teórica, pois a comparação de dados do conteúdo de uma mensagem a outros dados dá sentido à análise. Esses “outros dados” podem

ser também comparados com as opiniões de especialistas sobre assunto. A autora, denomina este padrão como *índices de não-conteúdo*, inferência pode garantir a fidedignidade do conteúdo analisado.

O próximo passo é definir Unidades de Análise divididas em: Unidades de Registro e Unidades de Contexto. A primeira é a menor parte do conteúdo apresentada por meio de palavras, temas, item ou personagens, enquanto a segunda é a parte mais ampla do conteúdo da mensagem a ser analisada e que possibilita “estabelecer a necessária diferenciação resultante dos conceitos de ‘significado’ e de ‘sentido’ os quais devem ser consistentemente respeitados” (FRANCO, 2003, p.40). Tais unidades podem ser combinadas com a finalidade de ampliar as interpretações e no que diz respeito a este trabalho, foi eleito o *tema* como Unidade de Registro, valendo-se do referencial teórico (TRS).

A partir das respostas dos professores, foram criadas categorias que procuraram o sentido e o significado dos discursos latentes e explícitos, valendo-se da Teoria das Representações Sociais, segundo Moscovici (2003), conforme apresentado na seqüência.

O lugar e saberes que os professores obtêm informações sobre drogas na escola, com a finalidade específica de identificar os meios que os professores dispõem de informações sobre drogas na escola e identificar quais são esta informações. Os tipos de comparações serão abordados por meio de:

- Mensagem fonte tipo A: informações provenientes dos meios de comunicação.
- Mensagem fonte tipo B: informações provenientes de experiências pessoais.
- Mensagem fonte tipo C: informações provenientes de cursos de prevenção.

Quadro 9 - Os meios que os professores obtêm informações sobre drogas na escola

SITUAÇÕES EXPLICITADAS	SUJEITOS		
	A	B	C
Informações oferecidas pelo SENAD			02
Experiência pessoal com usuário de drogas na família.		03	
Informações oferecidas pelos meios de comunicação em massa	05		
Informação por meio de palestras e leitura de livros especializados no assunto			02

Três professores responderam a mais de uma alternativa. Como pode ser verificado no Quadro 9, cinco deles declararam obter informações por meio de meios de comunicação em massa; três relataram que receberam informações por meio de experiências pessoais, pois lidam com usuário de drogas no contexto familiar; a busca de informações no curso oferecido pelo SENAD e por meio de palestras e leitura especializada no assunto, foi respondido igualmente por dois sujeitos em cada categoria.

Ao serem indagados a respeito de drogas na escola, sete sujeitos responderam que percebem o aumento no número de alunos usuários e dois responderam que não percebem a existência de alunos que usam drogas na escola.

- Mensagem fonte tipo A: Não sabe sobre o assunto.
- Mensagem fonte tipo B: Sabe que existem vários alunos usuários na escola.

Quadro 10 - Conhecimento pelos professores sobre drogas na escola.

SITUAÇÕES EXPLICITADAS	SUJEITOS	
	A	B
Não percebem a existência de drogas na escola	02	
Percebem o aumento no número de alunos usuários na escola.		07

Os dados do Quadro 10 demonstra a imagem que os professores têm sobre alunos usuários de drogas, designada como “campo da representação”, um dos processos representativos, segundo Moscovici (1978), que “tem por função destacar uma figura e, ao mesmo tempo, carregá-la de um sentido”, com o propósito de tornar o objeto inteligível, possibilitando assim a comunicação entre os indivíduos do grupo.

- Mensagem fonte tipo A: imagem negativa do aluno usuário de drogas na escola.
- Mensagem fonte tipo B: imagem positiva do aluno usuário de drogas na escola.

Quadro 11 - Imagem que os professores têm sobre alunos usuários de drogas

SITUAÇÕES EXPLICITADAS	SUJEITOS	A	B
Violento, apático, triste, carente. Os professores sentem pena e medo		07	
Descolado, ótimo aluno, curtidão.			03

Um sujeito respondeu as duas possibilidades. Em relação às respostas da questão “O que vem à sua mente quando eu falo: alunos usuários de drogas na escola? Em sete respostas os professores alegaram que fazem dos alunos usuários de drogas a imagem de alunos carentes, apáticos, violentos e tristes. Três respostas demonstram que os professores têm a imagem positiva dos alunos: são ótimos alunos, “descolados” no seu contexto social e que “curtem” esta situação de drogadição.

No que diz respeito as atitudes dos professores com relação aos alunos usuários de drogas. Foi colocada uma situação hipotética aos professores representando uma das dimensões das representações sociais, que corresponde às atitudes, favoráveis ou não, do grupo de professores com relação ao objeto da representação, ou seja, para com os alunos usuários de drogas na escola.

- Mensagem fonte tipo A: atitudes favoráveis frente ao aluno usuário de drogas.
- Mensagem fonte tipo B: atitudes desfavoráveis frente ao aluno usuário de drogas.

Quadro 12 - Atitudes dos professores com relação aos alunos usuários de drogas.

SITUAÇÕES EXPLICITADAS	SUJEITOS	A	B
Converso com o aluno, ajo com naturalidade.		02	
Ignoro, finjo não perceber que está drogado.			05
Chamo a polícia, mando para fora da sala de aula.			03

Ao solicitar que os professores, em uma situação hipotética: Ao entrar na sala de aula dois alunos sob efeito do uso de drogas. Qual a sua atitude?. Observa-se os dados acima que a cinco professores ignoram ou fingem que não percebem que os alunos estão sob efeito de drogas. Três deles tomam atitudes mais severas como chamar a polícia ou mandar os alunos para fora da sala de aula e dois procuram conversar com o aluno e agem com naturalidade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou identificar e conhecer as representações sociais de um grupo de professores do Ensino Médio da rede estadual do Estado de São Paulo sobre drogas na escola e alunos usuários de drogas na escola. Para tanto foi necessário de antemão perceber as condições históricas e sociais que influenciaram as representações sociais sobre drogas em diferentes contextos da sociedade, a fim de compreender a maneira como atualmente elas se apresentam.

Ficou evidenciado que os professores indicam a escola como um lugar possível para a abordagem do tema e reclamam por uma formação adequada, que certamente faria diferença no convívio com alunos usuários de drogas na escola.

Assim como alguns professores entrevistados, a literatura de referência também sugere que a questão das drogas na escola não se restringe apenas aos alunos usuários, nem à escola e que esta questão ancora-se a um problema social maior, que passa pela desigualdade social, pela criminalidade e a outros tantos fatores, que podem levar os educadores se sentirem amedrontados e impotentes para lidar com esta questão, gerando insegurança ao trabalhar este tema na escola.

Ligar a questão das drogas na escola apenas a um poder criminoso existente na sociedade deve-se ao modo como a grande mídia trata o tema, pois “a maioria dos noticiários de televisão retrata o senso comum e trata esta questão de maneira alarmista e sensacionalista” (SODELLI, 2006, p.79), contribuindo de maneira significativa para o aumento do preconceito e estigmatização do usuário de drogas e influenciando os professores a associarem as drogas na escola e alunos usuários à violência.

A influência da mídia, ao vincular drogas com violência, foi percebida nas representações do grupo de professores pesquisado conforme o resultado do EVOC (Anexo 3) para o termo “drogas na escola” e quando os professores alegaram considerarem inadequado o comportamento da maioria dos alunos usuários de drogas na escola (Gráfico 4), constroem uma representação que dificulta a atuação e eventual auxílio por parte dos educadores com relação aos alunos usuários.

Para a maioria dos professores pesquisados, tratar o tema drogas na escola tem o sentido de informar os malefícios que o uso e abuso trazem aos alunos, porém na prática fica a sensação de que é necessário banir qualquer uso entre os jovens e

fazer com que eles tenham as conseqüências e as penalidades que são impostas pela sociedade.

Em relação aos resultados revelados pelo programa EVOC, para identificar o processo da objetivação na representação social, os dados apurados mostram que os professores comparam drogadição com doença. Segundo Moscovici (2003, p.72) comparar já é representar. Dessa maneira, conclui-se que o grupo pesquisado obedece às representações sociais muito estruturadas em torno da normalidade como sinônimo de saúde e da drogadição como condição desviante, decorrente de patologias.

Pelo programa ALCESTE, verificou-se que os professores relacionam a questão das drogas na escola aos diversos fatores sociais em que o indivíduo está inserido. Neste sentido, o contexto sociocultural torna-se um fator importante no discurso dos professores. Conforme levantado no Capítulo 2, as drogas adquirem diferentes significados, que variam de acordo com as circunstâncias e interesses do meio social a que pertence.

Os professores enfatizam a importância da interação família/escola para abordagem do tema drogas na escola. Porém, a maioria revela dificuldade e insegurança de comunicarem aos pais sobre o envolvimento de seu filho/aluno com drogas no interior da escola.

De modo geral, os professores lamentam por não terem uma formação acadêmica específica sobre drogas na escola e de não possuírem condições adequadas de trabalho, talvez devido ao grande número de alunos por classe; inexistência de materiais de qualidade sobre o assunto ou sobrecarga de conteúdos das áreas curriculares a serem trabalhados, fatores que dificultam o desenvolvimento de programas que permitam oferecer melhor instrumentalização teórica para a formação de educadores na questão das drogas na escola.

Nas entrevistas, observa-se que a imagem do aluno usuário de drogas construída pelos professores se dá por meio de uma visão fatalista, pois acreditam que estes estudantes sejam violentos, apáticos, tristes e carentes. Contudo, há professores que associam os alunos usuários de drogas na escola como sujeitos “descolados”, que mesmo usando drogas são ótimos alunos.

Estas imagens diferenciadas, provavelmente revelam o caráter dinâmico das representações, a diversidade de idéias que existe em uma sociedade moderna, “pontos de clivagem” de onde emergem novas representações.

Alguns professores notaram aumento no número de alunos usuários de drogas na escola e demonstraram que preferem se omitir, chegam a ignorá-los e em casos extremos agem de forma repressora, mandam os alunos para fora da sala de aula ou chamam a polícia. Tais atitudes talvez sejam motivadas pelo pouco conhecimento sobre drogas e pela relação que fazem do usuário com marginalidade.

Na finalização desta pesquisa ficou claro que os professores precisam refletir e avaliar suas representações por meio “de um trabalho de informação científica sobre a temática, reforçado por ações que possam diminuir essa carga emocional preconceituosa quanto ao usuário e às próprias substâncias” (PLACCO e col., 2005, p.82) para desmistificar meias verdades e estigmas consolidados, bem como, construir novas idéias e sentidos sobre o uso e abuso de drogas nas escolas, pois a abordagem deste tema deve ser desenvolvida por todos educadores visando à construção coletiva de um modelo de educação verdadeiramente justo e democrático.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Em aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan/mar. p. 60-78. 1994.

BASTOS, Inácio Francisco; MESQUITA, Fábio. Estratégias de redução de danos. In: SEIBEL, Sergio Dario (Org). **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília:MEC, 1999.

CARLINI-COTRIM, Beatriz, PINSK, Ilana. Prevenção ao abuso de drogas na escola: uma revisão da literatura internacional recente. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, N.69, p. 48-52; maio 1989.

CARLINI-COTRIM, Beatriz. Drogas na escola: prevenção, tolerância e pluralidade. In: AQUINO, Júlio Groppa. (Org.).**Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

CARNEIRO, Henrique. Transformações do significado da palavra “droga”, das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo. In: VENÂNCIO, Renato Pinto; CARNEIRO, Henrique. **Álcool e drogas na história do Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Puc/Minas, 2005.

CENTRO DE TRATAMENTO BEZERRA DE MENEZES. Redução de danos: ruim com ela ou pior sem ela. Rev. Mind, a. III, n. 17, mai/jun 1998.

DUVEEN, G. Introdução: o poder das idéias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

ESCOHOTADO, Antonio. A proibição: princípios e conseqüências. In: RIBEIRO, Maurides de Melo e SEIBEL, Sérgio Dario (Orgs.). **Drogas: a hegemonia do cinismo**. São Paulo: Memorial, 1997(a).

\_\_\_\_\_. **O livro das drogas: usos e abusos, desafios e preconceitos**. São Paulo: Dynamis, 1997(b).

EVOC/2000. **Manual: conjunto de programas para a análise das evocações**, Versão 15 de outubro 2003.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

GALDURÓZ José Carlos F. et al. (Eds.). **V Levantamento Nacional sobre Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras – 2004**. São Paulo: Cebrid/Unifesp, 2005.

GOMIDE, Paula Inês Cunha; PINSKY, Ilana. A influência da mídia e o uso das drogas na adolescência. BESSA, Marco Antonio; PINSKY, Ilana (Orgs). **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004.

ISM/INSTITUTO SOCIAL “MORUMBI”. **Entorpecentes: estudos sobre tóxicos e toxicomania**. São Paulo: Loyola, 1971.

JODELET, Denise. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. Contribuições das representações sociais para a análise das relações entre educação e trabalho. In: PARDAL, L. et al. (org.) **Educação e trabalho: Representações, competências e trajetórias**. Portugal: Theoria Poesis Praxis, 2007.

KARNIOL, Isac Germano. *Cannabis sativa* e derivados. In: SEIBEL, S. D.; TOSCANO, A. Jr. (orgs.). **Dependência de drogas**. São Paulo: Athenas, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2005.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MORLATT, Beatriz Carlini. Estratégias preventivas nas escolas. In: SEIBEL, S.D.; TOSCANO, A. Jr. (Orgs.). **Dependência de drogas**. São Paulo: Athenas, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso, MENANDRO, Paulo Rogério Meira. **Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada.** UERJ, Rio de Janeiro, ano 6, n.2, 2º semestre de 2006.

OLIVEIRA, Antenor Santos de: **Fumo, alcoolismo e drogas.** São Paulo: Planimpress, 1980.

PARDAL, L.; MARTINS, A.; SOUZA, C., DUJO, A.; PLACCO, V. M. N. S. (Orgs.). **Educação e Trabalho: representações, competências e trajetórias.** Aveiro/Portugal: Theoria Poiesis Praxis, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo; construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GLEDIN, Evandro (Orgs.): **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** São Paulo: Cortez, 2005.

PLACCO, Vera M. N. S. **Projeto de pesquisa: as Representações Sociais de professores do ensino médio quanto à Aids, às drogas, à violência e à prevenção.** Relatório Fapesp, nov. 2005.

ROCHA, Luiz Carlos. **As drogas.** São Paulo: Ática, 1993.

RODRIGUES, Thiago. Narcotráfico um esboço. In: VENÂNCIO, Renato Pinto Carneiro, Henrique (coord.). **Álcool e drogas na história do Brasil.** São Paulo: Alameda, 2005.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SÁ, Celso Pereira de. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (org.). **O conhecimento no cotidiano – as representações sociais na perspectiva da psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

SANCHEZ, Amauri M. T. (org.); **Drogas e drogados: o indivíduo a família e a sociedade.** São Paulo: Pedagogia Universitária, 1992.

SANTOS, Boaventura de Souza: **Um discurso sobre as ciências.** Porto, Portugal: Afrontamento, 1996.

SEIBEL, Sergio Dario (Org). **Dependência de drogas.** São Paulo: Atheneu, 2000.

SODELLI, Marcelo. **Aproximando sentidos: formação de professores, educação, drogas e ações redutoras de vulnerabilidade**. Tese de Doutorado em Psicologia da Educação. São Paulo. Puc-SP, 2006.

SPINK, Mary Jane P. (Org). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TOSCANO, Alfredo Jr. Um breve histórico sobre o uso de drogas. In: SEIBEL, S. D.; TOSCANO Jr., A. **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, 2000.

UCHÔA, Marco Antônio. **Crack: o caminho das pedras**. São Paulo: Ática, 1998.

VALA, Jorge. Representações Sociais e Psicologia social do conhecimento do cotidiano. In: VALA, Jorge, MONTEIRO, Maria Benedita. (coords.). **Psicologia Social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

VIVARTA, Veet (Coord.). **Mídia & drogas: o perfil do uso e do usuário na imprensa brasileira**. Brasília: Agência de Notícias dos Direitos da Infância; Ministério da Saúde, 2005.

# **ANEXOS**

ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO

ANEXO 3 – RESULTADO DO EVOC

ANEXO 4 – RESULTADO ALCESTE

**ANEXO 1****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Nome da Pesquisadora: Fátima Regina Matos Ribeiro

Você está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa. Ao integrar este estudo estará permitindo a utilização dos dados aqui fornecidos. Você tem liberdade de se recusar, sem qualquer prejuízo pessoal.

*Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais, você não precisará se identificar. Somente a pesquisadora terá acesso às informações.*

Consentimento Livre e Esclarecido

*Tendo em vista o esclarecimento acima apresentados, eu, eu manifesto livremente meu consentimento em participar da pesquisa.*

**ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO**  
**Modelo de questionário aplicado aos professores**

**Aguarde instruções orais para começar a responder**

**Exemplo** (acompanhe as instruções)

Escreva as primeiras quatro palavras que vêm a sua mente quando eu falo a palavra

**PORTA:**

( ) \_\_\_\_\_ ( ) \_\_\_\_\_ ( ) \_\_\_\_\_ ( ) \_\_\_\_\_

Agora, aponte as duas de maior importância para você, colocando o número **1** para a **mais importante** e **2** para a de **segunda importância**.

*Ouvindo as palavras que serão apresentadas a seguir, proceda da mesma forma que na questão anterior.*

*Escreva as quatro palavras que vêm a sua mente **cada vez** que eu apresentar uma nova palavra. Coloque o **número 1** para a **mais importante** e **2** para a de **segunda importância**.*

a) ( ) \_\_\_\_\_ ( ) \_\_\_\_\_ ( ) \_\_\_\_\_ ( ) \_\_\_\_\_.

b) ( ) \_\_\_\_\_ ( ) \_\_\_\_\_ ( ) \_\_\_\_\_ ( ) \_\_\_\_\_.

c) ( ) \_\_\_\_\_ ( ) \_\_\_\_\_ ( ) \_\_\_\_\_ ( ) \_\_\_\_\_.

Nas questões a seguir, responda como se você estivesse escrevendo uma carta a um novo colega de escola que pediu informações sobre como lidar com alunos usuários de drogas na escola.

Marque com um **X APENAS** na alternativa que **VOCÊ** considera mais importante, melhor.

Atenção: Responda também o questionário de perfil

**Prezado colega**

Tudo bem, Como você solicitou urgência, respondo rapidamente as questões que você fez sobre como lidar com usuários de drogas na escola.

1. Na escola há usuários de drogas:

- a) e são muitos
- b) mas são poucos
- c) eu não percebo

2. Como eu lido com os usuários de drogas na escola?

- a) tenho medo e rejeito
- b) converso com o aluno sobre o assunto
- c) mando para a diretoria e chamo os pais
- d) Outros – Quais? \_\_\_\_\_

3. Acredito que a escola é um lugar possível par abordar o tema sobre drogas:

- ( ) sim
- ( ) não

3 O conhecimento que tenho sobre drogas vêm:

- ( ) da experiência pessoal

- da influência da mídia  
 dos dois, a porcentagem que cada um deles deve ter no meu conhecimento:  
\_\_\_\_\_ experiência pessoal , \_\_\_\_\_ da influência da mídia. (total 100%).

4 Trabalhar com o uso de drogas na escola tem o sentido:

- do aluno não usar drogas  
 de redução de riscos associados ao uso das drogas  
 para promover estilos de vida ligados à boa saúde  
 para informar os malefícios do uso das drogas

5 Geralmente quando deparo com um aluno drogado na sala de aula eu:

- mando se retirar da sala.  
 num outro momento converso com o aluno sobre o assunto  
 aproveito e dou informações sobre as drogas (história, efeitos)  
 finjo que não percebo e continuo a matéria  
 Outros -

Quais? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6 A maioria dos usuários de drogas na escola tem comportamento:

- inadequado  
 normal, como os que não são usuários  
 desrespeitoso com os professores  
 desrespeitoso com os colegas de classe  
 respeitoso com os professores e colegas

7) Gostaria ainda de dizer que

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Parte II – Perfil**

1. Estado civil:  
 solteiro (a)  separado ( desquitado, divorciado)  
 viúvo (a)  outro. Qual? \_\_\_\_\_  
 casado (a) ou união estável
  
2. Qual sua faixa de idade:  
 entre 20 a 25 anos  entre 30 a 40 anos  
 entre 25 a 30 anos  entre 41 51 anos ou mais
  
3. Tempo de atuação no Magistério  
 De 0 até 5 anos  De 5 até 10 anos  De 10 até 15 anos  
 De 15 até 20 anos  acima de 20 anos
  
4. Sua formação acadêmica se deu em:  
 Instituição Pública  Instituição Particular
  
5. Durante sua formação acadêmica você recebeu informações ou frequentou disciplinas que abordavam o tema drogas.  
 Sim  Não.

**Questionário aplicado a Coordenador e Diretor**

Perguntas sobre a escola pesquisada:

Nome da escola:

Nome da diretora da escola:

1.Os equipamentos com relação ao espaço físico da escola são:

( ) satisfatório; ( ) insatisfatório; ( ) bom; ( ) muito bom; ( ) ruim

2.Quanto à biblioteca:

( ) boa; ( ) muito boa; ( ) satisfatória, ( ) insatisfatória; ( ) ruim.

3.A escola mantém laboratório de informática:

( ) sim ( ) não

4.Há quadras esportivas? ( ) sim ( ) não - Quantas? \_\_\_\_\_

5. Existe laboratório de Ciências? ( ) sim ( ) não

6. Tem auditório? ( ) sim ( ) não

7. As salas de aula têm cortinas e ventiladores? ( ) sim ( ) não

8. Quais os períodos existentes na escola?

( ) manhã ( ) tarde ( ) noite

9. Quantos alunos há na escola? \_\_\_\_\_

### ANEXO 3 – RESULTADO DO EVOC

Les 3 colonnes correspondent respectivement :

- au Mot
- à sa Fréquence
- à son Rang Moyen

Le Fréquence minimale des mots est 3

\*\*\*\*\*

Cas ou la Fréquence  $\geq 11$   
et  
le Rang Moyen  $< 2,5$

ajuda	13	2,385
dependente	12	1,917
doenca	20	2,150
tristeza	14	2,214

\*\*\*\*\*

Cas ou la Fréquence  $\geq 11$   
et  
le Rang Moyen  $\geq 2,5$

familia	11	2,545
violencia	13	2,846

\*\*\*\*\*

Cas ou la Fréquence  $< 11$   
et  
le Rang Moyen  $< 2,5$

adolescente	10	2,300
conflito	3	2,333
depressivo	3	2,000
desespero	10	2,300
dificuldade	4	2,000
droga	5	1,600
medo	4	2,000
morte	8	2,250
problema	7	2,429
ruim	3	1,667
viciado	6	1,500
vicio	8	1,875

\*\*\*\*\*

Cas ou la Fréquence  $< 11$   
et  
le Rang Moyen  $\geq 2,5$

carente	8	2,625
excluido	3	2,667
falta-informacao	3	2,667
fraco	5	3,200
fuga	9	2,556
insatisfacao	10	2,500
pena	3	2,667
rebeldia	3	3,000
solidao	4	2,500

v  
 fichier initial : C:\Marila\Drogado.Tm2  
 NOUS ALLONS RECHERCHER LES RANGS  
 Nous avons en entree le fichier : C:\Marila\Drogado.Tm2  
 ON CREE LE FICHER : C:\Marila\Drogado.dis et C:\Marila\Drogado.tm3

ENSEMBLE DES MOTS		RANGS					
		:FREQ.:	1 *	2 *	3 *	4 *	5 *
abandono		: 2 :	0*	1*	1*		
abismo		: 1 :	0*	0*	1*		
adolescente		: 10 :	5*	0*	2*	3*	
	moyenne : 2.30						
ajuda		: 13 :	3*	5*	2*	3*	
	moyenne : 2.38						
amor		: 1 :	0*	0*	0*	1*	
ausente		: 1 :	0*	0*	1*		
busca		: 1 :	0*	0*	0*	1*	
carater		: 2 :	0*	0*	2*		
carente		: 8 :	2*	2*	1*	3*	
	moyenne : 2.63						
carinho		: 1 :	1*				
conflito		: 3 :	0*	2*	1*		
consequencia		: 1 :	0*	0*	0*	1*	
consumo		: 1 :	0*	0*	1*		
contaminado		: 1 :	0*	1*			
crianca		: 1 :	1*				
curticao		: 1 :	0*	1*			
decadencia		: 2 :	1*	0*	0*	1*	
dependente		: 12 :	5*	4*	2*	1*	
	moyenne : 1.92						
depressivo		: 3 :	2*	0*	0*	1*	
derrota		: 1 :	1*				
desespero		: 10 :	2*	5*	1*	2*	
	moyenne : 2.30						
desprezo		: 1 :	0*	0*	0*	1*	
destruicao		: 2 :	0*	1*	0*	1*	
deus		: 1 :	0*	0*	0*	1*	
dialogo		: 2 :	1*	0*	1*		
dificuldade		: 4 :	2*	0*	2*		
diversao		: 1 :	0*	0*	0*	1*	
doenca		: 20 :	9*	4*	2*	5*	
	moyenne : 2.15						

Les 3 colonnes correspondent respectivement :  
 au Mot  
 à sa Fréquence  
 à son Rang Moyen

Le Fréquence minimale des mots est 3

\*\*\*\*\*

Cas ou la Fréquence  $\geq 10$

et  
 le Rang Moyen  $< 2,5$

dependente	12	1,917
doenca	20	2,150
tristeza	10	2,100
viciado	13	1,692

\*\*\*\*\*

Cas ou la Fréquence  $\geq 10$

et  
 le Rang Moyen  $\geq 2,5$

familia	11	2,545
insatisfacao	10	2,500

\*\*\*\*\*

Cas ou la Fréquence  $< 10$

et  
 le Rang Moyen  $< 2,5$

adolescente	3	2,000
carente	4	2,000
conflito	3	2,333
cuidado	3	2,333
desespero	8	2,375
droga	4	1,250
jovem	4	2,000
medo	3	2,000
morte	8	2,250
problema	7	2,429
ruim	3	1,667

\*\*\*\*\*

Cas ou la Fréquence  $< 10$

et  
 le Rang Moyen  $\geq 2,5$

ajuda	7	2,571
aluno	3	3,000
carencia	4	3,250
excluido	3	2,667
falta	3	2,667
fraco	4	3,000
fuga	9	2,556
pena (1)	3	2,667
rebeldia	3	3,000
sofrimento	4	2,500
solidao	4	2,500
violencia	8	2,750

**Drogasdo**

DISTRIBUTION TOTALE : 279 : 70\* 71\* 70\* 68\* 0\*  
 RANGS 6 ... 15 0\* 0\* 0\* 0\* 0\* 0\* 0\* 0\* 0\* 0\* 0\*  
 RANGS 16 ... 25 0\* 0\* 0\* 0\* 0\* 0\* 0\* 0\* 0\* 0\* 0\*  
 RANGS 26 ... 30 0\* 0\* 0\* 0\* 0\*

Nombre total de mots differents : 110  
 Nombre total de mots cites : 279

moyenne generale : 2.49

## DISTRIBUTION DES FREQUENCES

freq. *	nb. mots	* Cumul evocations et	cumul inverse
1 *	64	64 22.9 %	279 100.0 %
2 *	17	98 35.1 %	215 77.1 %
3 *	10	128 45.9 %	181 64.9 %
4 *	7	156 55.9 %	151 54.1 %
7 *	2	170 60.9 %	123 44.1 %
8 *	3	194 69.5 %	109 39.1 %
9 *	1	203 72.8 %	85 30.5 %
10 *	2	223 79.9 %	76 27.2 %
11 *	1	234 83.9 %	56 20.1 %
12 *	1	246 88.2 %	45 16.1 %
13 *	1	259 92.8 %	33 11.8 %
20 *	1	279 100.0 %	20 7.2 %

**ANEXO 4 – RESULTADO ALCESTE**

<b>PROFESSOR</b>	<b>RESPOSTA EM FORMA DE TEXTO/ OMISSÃO DIGITE O</b>
01	Trabalho é amor em ação. Mas...quem não tem mais nada para dar, dá só amor
02	Não só estimular a participação de processos formativos do professor sobre temas específicos mas, principalmente compreender o seu propósito e projeto de vida estimulando e aumentando a auto-estima do professorado.
03	O curso que foi oferecido pelo Senad foi bom, mas contribuiu pouco pois não teve devolutiva e parece que não houve a finalização dele
04	Com certeza é necessário maior apoio ao profissional da educação em relação a cursos e capacitações referentes ao assunto principalmente, pois em muitas vezes o professor faz o papel da família.
05	Seria bom se dentro da grade curricular das escolas tivesse uma disciplina voltada exclusivamente para as atividades ligadas à saúde e o desenvolvimento pessoal de cada indivíduo. Uma disciplina que ligasse Ciências, Biologia, Educação Física e Civismo, mostrando quais as possibilidades de crescimento e aperfeiçoamento que cada um tem e é capaz de obter se observar a prática do bom convívio, do bem estar consigo e com os outros e principalmente a formação de um caráter cheio de virtude e que possa fazer a diferença.
06	Entendo que os meios de comunicação, especialmente a televisão são incansáveis propagandistas ao uso de drogas, não combatem o problema das drogas.
07	Em relação às drogas, os professores principalmente de Biologia, deveriam explorar mais esse assunto com os alunos.
08	O problema está além da escola. É um problema de causa social que deveria se assistido de perto por nossas autoridades.
09	Muitas vezes, as políticas públicas são destinadas apenas as drogas ilícitas, deixando de lado as drogas lícitas. Outra coisa que devemos nos preocupar é com os vícios de diversas ordens que este sistema social nos obriga, como o vício de consumir certos produtos.
10	O
11	O
12	O
13	O
14	A realidade onde está inserida esta U.E. é muito próxima à realidade do dia-a-dia dos nossos alunos. Estamos a alguns metros da “Favela Naval”, um dos maiores pontos de tráfico da cidade. Muitos deles vivem disso...usam... é muito difícil fazê-lo perceber a diferença de espaço... muitos encaram a escola como um prolongamento da favela. Isso dificulta a nossa ação.
15	O
16	O
17	O
18	O
19	É um assunto sério e delicado que vem afetando não só as classes mais baixas ( temos alunos que moram nas favelas próximas e são usuários de drogas) como também os alunos mais privilegiados moradores de boas casas e com pais bem remunerados e que também são usuários de drogas. E que temos que competir com um mundo muito atraente para o usuário e funcionário do mundo da droga.

20	O
21	A realidade brasileira não permite em tese que análise ou aumente a percepção de várias realidades “brasileiras” que existe, como a divisão de classes, consistindo uma sociedade fragmentada, com poucas possibilidades em estudar o real.
22	A escola sozinha não pode combater o uso de drogas. É preciso um trabalho bem feito em todos os segmentos da sociedade.
23	Quanto mais sabemos lidar com a droga, acaba sendo pouco. Temos sempre que procurarmos orientações.
24	O
25	Deveriam ocorrer mais palestras e informações dos danos causados ao uso de drogas.
26	Se a formação mais adequada fosse dada aos docentes, talvez melhorasse a situação em que nos deparamos quando entramos em sala de aula, lidando de uma maneira mais adequada com este aluno. Para desenvolver melhor uma pedagogia que vai de encontro aos problemas que encontramos hoje em dia nas escolas.
27	Todo aluno precisa de esclarecimento e prevenção, desde a quinta série, pois eles se envolvem com drogas cada vez mais cedo.
28	Os alunos que utilizam drogas são por motivos diversos e não cabe aqui uma discussão sobre estes motivos. Alguns destes alunos utilizam e aparentemente não apresentam sinais brutos. Orientação e carinho; acredito que estes itens acabam ajudando e sendo bem relevantes nestas situações, entretanto, em outros casos por experiência própria acaba não tendo efeito.
29	O combate às drogas é mais um de tantos projetos a serem trabalhados na escola. Entretanto, é notório expor que o professor muitas vezes tem condição de realizar tal trabalho, mas as formas tradicionais muitas vezes ao estimula o aluno. Há uma cobrança muito grande do governo em cima da escola em desenvolver itens como este, e ainda o professor não pode deixar de lado o seu conteúdo. O que sobrecarrega o profissional. É preciso mais envolvimento e interessados para trabalhar este tema.
30	O
31	Acredito que precisamos de orientações de como ajudar este aluno. Informações técnicas sobre as drogas e os seus efeitos não são suficientes para ajudá-los. Nunca teve uma orientação na faculdade, durante o estágio ou em qualquer outro momento sobre o assunto.
32	Gostaria muito de participar de cursos informativos a respeito do assunto.
33	Quando o aluno chega drogado é porque faltou algo enquanto participante de uma família, ser aluno é só uma passagem. A escola pode ajudar mas, nunca resolver, pois faltou o principal a atenção e educação como um todo do círculo social formador. Lar não é uma questão econômica.
34	O
35	O
36	O
37	O
38	O
39	O
40	Sinto piedade das pessoas que escolhem este caminho.
41	Infelizmente, essa nova geração que estão aí tem muitas informações mas, não tem interesse em usá-las para seu bem.

42	É difícil trabalhar com essas pessoas sem estar preparado.
43	O
44	O
45	O
46	O preconceito que os professores têm com alunos drogados reforça ainda mais o medo e assim fingem não ver o problema que depara no seu dia-a-dia na escola.
47	O uso de drogas nas escolas dever ser visto com muito cuidado e responsabilidade pois, parte de todos os professores, diretores, coordenadores e parte administrativa, visto que trata-se de uma questão social.
48	É preciso realizar um trabalho diferenciado de recuperação na sociedade, criar ocupação, vínculo real com a cidadania, valores e trabalho para todos, por fim compreendê-los e resgatá-los para o bem comum.
49	Todos os educadores quanto aos pais precisariam participar mais de trabalhos direcionados ao assunto. Quanto aos jovens usuários, teriam que ter uma melhor oportunidade de serem interagidos no meio social e familiar.
50	Acho que as drogas também têm muito a ver com a situação econômica do país, principalmente nos países subdesenvolvidos porque a falta de emprego, o ócio muitas vezes leva o indivíduo a procura do que é mais fácil, até para atender suas necessidades básicas. Por isso, uma boa orientação tanto por parte da família como por parte da escola é primordial para que este cidadão não venha a ser destruído, consumido pelas drogas.
51	Os professores em sua maioria não estão preparados para tratar um aluno usuário de drogas, pois nem sempre o mesmo é agressivo, como já é pré-conceituado. Na sua maioria, nossos alunos estão felizes e bem aceitos no seu meio o que aos olhos não nos parece ter problemas. Por isso acredito que trata-se de prevenção, muitas palestras para fazer com que o jovem tenha opinião própria de ser aceito no seu meio como ele é, e não deixar-se levar pela cabeça dos outros.
52	O problema é grave e aumenta a cada ano. Algo tem que ser feito e a escola é o lugar ideal. Mas, há de ser feito de cima para baixo, inclusive com psicólogos e especialistas.
53	Liberdade para que os professores venham a se empenhar mais. É restrito.
54	Palestras em outras escolas, já assisti mas, na prática com os alunos não presenciei.
55	Também existem muitos professores usuários de drogas.
56	Existe também um sério problema social envolvido nesse assunto.
57	Gostaria de auxiliar os alunos, mas me sinto impotente pois não sei se a minha ajuda adiantaria, tenho medo de represálias e também acho que a família não está interessada ou acredita que o filho não está envolvido, ou finge que não sabe.
58	O quanto é difícil falar ou fazer com que os pais percebam que o filho está sendo usuário de drogas. Normalmente, não acreditam ou não querem acreditar. Sempre colocam que em casa é o filho perfeito e que o problema está nas companhias. Existe também em outros casos a ausência dos pais. Falta também uma ação para o encaminhamento médico. A saúde está distante da educação.
59	A falta de perspectiva no futuro faz com que muitos jovens

	procurem caminhos rápidos à vida social e a liberdade de viver o imediato. É uma questão ampla para aceitar e procurar uma saída familiar e educacional.
60	O assunto droga não é bem trabalhado pelos veículos de comunicação, muito menos pelo Ministério da Educação e da Saúde. O problema é muito mais grave do que parece. É social e de educação com a desestrutura de famílias inteiras.
61	Hoje em dia está se tornando cada vez mais fácil usar drogas dentro das escolas. Gostaria de saber como lidar com esta situação já que os usuários se tornam agressivos.
62	O uso de droga em si já é um absurdo, uma violência contra a própria vida; na escola então é pior ainda pois, sempre é um mau exemplo para os outros alunos, pela proximidade entre eles.
63	A relação professor/aluno quando existe casos com drogas, fica meio conturbada, pois ao mesmo tempo que o aluno tem uma certa carência de atenção, ele também tem uma aversão à figura de autoridade, do professor, por isso muitas vezes fica complicado atingir esse aluno ao ponto de ajudá-lo.
64	Acredito que os professores tenham um certo medo de lidar com usuários de drogas, pois não foram capacitados, ou seja, não tiveram uma formação para lidar com essa situação sem sair prejudicado.
65	É necessário um maior envolvimento do aluno com a atividade da escola, para estimular a elevação da auto-estima e voltar ao seu interesse para coisa mais saudáveis que também são prazerosas. Esse estímulo é dado por nós professores. Preciso voltar a trabalhar com projetos voltados à Dependência Química.
66	O
67	O
68	O
69	O
70	O

-----  
 \* Logiciel ALCESTE (4.7 - 01/12/02) \*  
 -----

Plan de l'analyse :fatima.pl ; Date : 21/ 5/\*\*; Heure : 12:08:23

C:\Arquivos de programas\ADT-Image\marilia\&&\_0\  
 fatima.txt

```

ET 1 1 1 1
A 1 1 1
B 1 1 1
C 1 1 1
D 1 1 1 0 0
A1 1 0 0
A2 3 0
A3 1 1 0
B1 0 4 0 1 1 0 1 1 0
B2 2 2 0 0 0 0 0 0
B3 10 4 1 1 0 0 0 0 0 0
C1 0 121
C2 0 2
C3 0 0 1 1 1 2
D1 0 2 2
D2 0
D3 5 a 2
D4 1 -2 1
D5 0 0

```

-----  
 A1: Lecture du corpus  
 -----

A12 : Traitement des fins de ligne du corpus :  
 N° marque de la fin de ligne :

Nombre de lignes étoilées : 135

-----  
 A2: Calcul du dictionnaire  
 -----

Nombre de formes distinctes	:	609
Nombre d'occurrences	:	3246
Fréquence moyenne par forme	:	5
Nombre de hapax	:	0
Fréquence maximum d'une forme	:	162

68.64% des formes de fréq. <	2 recouvrent	25.75% des occur.;
68.64% des formes de fréq. <	3 recouvrent	25.75% des occur.;
81.44% des formes de fréq. <	4 recouvrent	35.37% des occur.;
88.01% des formes de fréq. <	6 recouvrent	42.76% des occur.;
92.78% des formes de fréq. <	12 recouvrent	51.51% des occur.;
96.72% des formes de fréq. <	22 recouvrent	64.63% des occur.;
97.87% des formes de fréq. <	38 recouvrent	70.98% des occur.;
99.01% des formes de fréq. <	60 recouvrent	81.18% des occur.;
99.67% des formes de fréq. <	90 recouvrent	91.31% des occur.;
100.00% des formes de fréq. <	162 recouvrent	100.00% des occur.;

-----  
 A3 : Liste des clés et valeurs d'analyse (ALC\_CLE) :  
 -----

K 0 Nombres en chiffre  
 M 2 Mots en majuscules  
 U 0 Mots non trouvés dans DICIN (si existe)  
 X 1 formes non reconnues et fréquentes  
 0 2 Auxiliaire ESTAR  
 1 2 Auxiliaire TER  
 2 2 Auxiliaire HAVER  
 3 2 Auxiliaire SER  
 4 2 Prépositions simples et locutions prépositives  
 5 2 Conjonctions et locutions conjonctives  
 6 2 Interjections  
 7 2 Pronoms  
 8 2 Numéraux  
 9 2 Adverbes  
   1 Formes non reconnues

A34 : Fréquence maximale d'un mot analysé : .3000

Nombre de mots analysés	:	388	
Nombre de mots supplémentaires de type "r"	:	134	
Nombre de mots supplémentaires de type "s"	:	139	
Nombre d'occurrences retenues	:	3242	
Moyenne par mot	:	5.256705	
Nombre d'occurrences analysables (fréq.> 3)	:	1225	soit 44.642860%
Nombre d'occurrences supplémentaires	:	1519	
Nombre d'occurrences hors fenêtre fréquence	:	498	

-----  
 B1: Sélection des uce et calcul des données  
 -----

B11: Le nom du dossier des résultats est &&_0		
B12: Fréquence minimum d'un "mot" analysé	:	4
B13: Fréquence maximum d'un "mot" retenu	:	9999
B14: Fréquence minimum d'un "mot étoilé"	:	1
B15: Code de fin d'U.C.E.	:	1
B16: Nombre d'occurrences par U.C.E.	:	20
B17: Elimination des U.C.E. de longueur	<	0

Fréquence minimum finale d'un "mot" analysé	:	4
Fréquence minimum finale d'un "mot étoilé"	:	1

Nombre de mots analysés	:	139
Nombre de mots supplémentaires de type "r"	:	71
Nombre total de mots	:	210
Nombre de mots supplémentaires de type "s"	:	139
Nombre de lignes de B1_DICB	:	349

Nombre d'occurrences analysées : 1225

Nombre d'u.c.i.	:	135
Nombre moyen de "mots" analysés / u.c.e.	:	7.000000
Nombre d'u.c.e.	:	175
Nombre d'u.c.e. sélectionnées	:	175
100.00% des u.c.e. sont sélectionnées		
Nombre de couples	:	2309

-----  
 B2: Calcul de DONN.1

```

-----
Nombre de mots par unité de contexte      :      10
Nombre d'unités de contexte               :      116

```

```

-----
B2: Calcul de DONN.2
-----

```

```

Nombre de mots par unité de contexte      :      12
Nombre d'unités de contexte               :      110

```

```

-----
B3: Classification descendante hiérarchique de DONN.1
-----

```

```

Elimination des mots de fréquence > 3000 et < 4
  0 mots éliminés au hasard soit .00 % de la fenêtre
Nombre d'items analysables              :      65
Nombre d'unités de contexte              :      116
Nombre de "1"                            :     1062

```

```

-----
B3: Classification descendante hiérarchique de DONN.2
-----

```

```

Elimination des mots de fréquence > 3000 et < 4
  0 mots éliminés au hasard soit .00 % de la fenêtre
Nombre d'items analysables              :      65
Nombre d'unités de contexte              :      110
Nombre de "1"                            :     1046

```

```

-----
C1: intersection des classes
-----

```

```

  Nom du dossier traité                   C:\Arquivos de programas\ADT-
Image\marilia\&&

```

```

_0\
Suffixe de l'analyse                      :121
Date de l'analyse :21/ 5/**
Intersection des classes RCDH1 et RCDH2

```

```

Nombre minimum d'uce par classe           :    10

```

```

DONN.1 Nombre de mots par uc              :    10
      Nombre d'uc                          :    50

```

```

DONN.2 Nombre de mots par uc              :    12
      Nombre d'uc                          :    46

```

```

  64 u.c.e classées sur 175 soit 36.57 %

```

```

Nombre d'u.c.e. distribuées:              72

```

```

Tableau croisant les deux partitions :

```

```

  RCDH1 *   RCDH2
classe *
  1     2     3     4
poids *
  18    22    10    22
1  20 *
  16     4     0     0

```

```

2  20 *   0  18   0   2
3  10 *   0   0  10   0
4  22 *   2   0   0  20

```

Tableau des chi2 (signés) :

```

RCDH1 *   RCDH2
classe *   1   2   3   4
poids *   18  22  10  22

1  20 *   44  -1  -4  -12
2  20 *   -9  46  -4  -5
3  10 *   -3  -5  72  -5
4  22 *   -4 -13  -5  54

```

Classification Descendante Hiérarchique...

Dendrogramme des classes stables (à partir de B3\_rcdh1) :

```

      ----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|
Cl. 1 ( 16uce) |-----+-----+
Cl. 2 ( 18uce) |-----+-----+
      14      |-----+-----+
      12      |-----+-----+
Cl. 3 ( 10uce) |-----+-----+
      16      |-----+-----+
Cl. 4 ( 20uce) |-----+-----+

```

Classification Descendante Hiérarchique...

Dendrogramme des classes stables (à partir de B3\_rcdh2) :

```

      ----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|
Cl. 1 ( 16uce) |-----+-----+
      12      |-----+-----+
Cl. 2 ( 18uce) |-----+-----+
      16      |-----+-----+
Cl. 3 ( 10uce) |-----+-----+
      15      |-----+-----+
Cl. 4 ( 20uce) |-----+-----+

```

-----  
C2: profil des classes  
-----

```

Chi2 minimum pour la sélection d'un mot      :          2.00

Nombre de mots (formes réduites)             :          210
Nombre de mots analysés                       :          139
Nombre de mots "hors-corpus"                 :          139
Nombre de classes                             :           4

```

64 u.c.e. classées soit 36.571430%

```

Nombre de "1" analysés                       :          520
Nombre de "1" suppl. ("r")                   :          508

```

Distribution des u.c.e. par classe...

1eme classe : 16. u.c.e. 160. "1" analysés ; 142. "1" suppl..  
 2eme classe : 18. u.c.e. 140. "1" analysés ; 136. "1" suppl..  
 3eme classe : 10. u.c.e. 70. "1" analysés ; 72. "1" suppl..  
 4eme classe : 20. u.c.e. 150. "1" analysés ; 158. "1" suppl..

-----  
 Classe n° 1 => Contexte A  
 -----

Nombre d'u.c.e. : 16. soit : 25.00 % *VCE*  
 Nombre de "uns" (a+r) : 302. soit : 29.38 %  
 Nombre de mots analysés par uce : 10.00

num	effectifs		pourc.	chi2	identification
1	4.	4.	100.00	12.80	acab+
5	6.	6.	100.00	19.86	acredit+
9	6.	6.	100.00	19.86	ajud+
49	10.	28.	35.71	3.05	drog+
53	4.	4.	100.00	12.80	efeito+
71	4.	6.	66.67	6.13	gostaria
79	6.	6.	100.00	19.86	lidar
81	4.	4.	100.00	12.80	med+
88	10.	10.	100.00	35.56	orientac+
89	8.	20.	40.00	3.49	os
117	6.	6.	100.00	19.86	sab+
120	6.	6.	100.00	19.86	situac+
124	4.	4.	100.00	12.80	tenh+
128	6.	14.	42.86	3.05	uma
131	6.	14.	42.86	3.05	usuario+
149 *	4.	8.	50.00	3.05 *	3 sao
150 *	4.	4.	100.00	12.80 *	3 sendo
158 *	4.	6.	66.67	6.13 *	4 por
159 *	4.	4.	100.00	12.80 *	4 sobre
161 *	6.	14.	42.86	3.05 *	5 como
165 *	6.	6.	100.00	19.86 *	5 ou
172 *	10.	20.	50.00	9.70 *	5 que
173 *	4.	4.	100.00	12.80 *	5 se
181 *	4.	4.	100.00	12.80 *	7 esta
182 *	6.	12.	50.00	4.92 *	7 este
203 *	10.	24.	41.67	5.69 *	9 nao
212 *	14.	44.	31.82	3.49 *	*for_2

Nombre de mots sélectionnés : 27

-----  
 Classe n° 2 => Contexte B  
 -----

Nombre d'u.c.e. : 18. soit : 28.13 % *VCE*  
 Nombre de "uns" (a+r) : 276. soit : 26.85 %  
 Nombre de mots analysés par uce : 7.78

num	effectifs		pourc.	chi2	identification
10	8.	20.	40.00	2.03	aluno+
12	4.	6.	66.67	4.87	ao
13	4.	4.	100.00	10.90	aos
14	4.	8.	50.00	2.16	as
60	4.	4.	100.00	10.90	exist+
80	4.	6.	66.67	4.87	maior+
82	4.	4.	100.00	10.90	meio+
89	10.	20.	50.00	6.89	os
105	4.	6.	66.67	4.87	problema+

107	10.	20.	50.00	6.89	professor+
121	6.	8.	75.00	9.94	social
143 *	4.	4.	100.00	10.90 *	0 estao
146 *	4.	4.	100.00	10.90 *	1 ter
149 *	4.	8.	50.00	2.16 *	3 sao
180 *	4.	6.	66.67	4.87 *	7 esse
185 *	4.	8.	50.00	2.16 *	7 muitas
188 *	4.	4.	100.00	10.90 *	7 no
189 *	4.	6.	66.67	4.87 *	7 nos
194 *	4.	4.	100.00	10.90 *	7 sua
207 *	6.	10.	60.00	5.96 *	9 tambem
212 *	18.	44.	40.91	11.38 *	*for_2
213 *	14.	28.	50.00	11.78 *	*reg_1

Nombre de mots sélectionnés : 22

-----  
 Classe n° 3 => Contexte C  
 -----

Nombre d'u.c.e. : 10. soit : 15.63 %  
 Nombre de "uns" (a+r) : 142. soit : 13.81 %  
 Nombre de mots analysés par uce : 7.00

num	effectifs	pourc.	chi2	identification	
15	6.	14.	42.86	10.08	assunto
34	6.	6.	100.00	35.75	curso+
35	4.	14.	28.57	2.28	da
46	4.	8.	50.00	8.19	do
51	6.	6.	100.00	35.75	educacao
63	4.	10.	40.00	5.34	famili+
92	4.	6.	66.67	13.08	parece
93	2.	4.	50.00	3.82	particip+
108	2.	4.	50.00	3.82	profissional
116	2.	4.	50.00	3.82	relacao
125	2.	4.	50.00	3.82	teve
140 *	8.	26.	30.77	7.62 *	a
157 *	4.	4.	100.00	23.04 *	4 pelo
168 *	4.	6.	66.67	13.08 *	5 porque
192 *	2.	4.	50.00	3.82 *	7 pouco
202 *	6.	10.	60.00	17.70 *	9 muito
210 *	6.	8.	75.00	24.45 *	M O

Nombre de mots sélectionnés : 17

-----  
 Classe n° 4 => Contexte D  
 -----

Nombre d'u.c.e. : 20. soit : 31.25 %  
 Nombre de "uns" (a+r) : 308. soit : 29.96 %  
 Nombre de mots analysés par uce : 7.50

num	effectifs	pourc.	chi2	identification	
2	4.	4.	100.00	9.39	acao
31	4.	4.	100.00	9.39	combat+
35	8.	14.	57.14	5.59	da
44	4.	4.	100.00	9.39	dificil
57	8.	12.	66.67	8.62	escola+
59	4.	4.	100.00	9.39	estimul+
97	4.	4.	100.00	9.39	pode
101	8.	10.	80.00	13.11	precis+
109	4.	4.	100.00	9.39	projeto+

113	4.	4.	100.00	9.39	real
115	4.	4.	100.00	9.39	realizar
122	6.	6.	100.00	14.57	sociedade
127	14.	16.	87.50	31.42	trabalh+
142 *	10.	20.	50.00	4.76 *	o
144 *	4.	6.	66.67	3.87 *	1 tem
152 *	10.	22.	45.45	3.15 *	4 com
154 *	10.	18.	55.56	6.89 *	4 em
196 *	4.	6.	66.67	3.87 *	7 todos
197 *	8.	12.	66.67	8.62 *	8 um
209 *	10.	14.	71.43	13.46 *	M E
211 *	14.	20.	70.00	20.33 *	*for_1
214 *	18.	36.	50.00	13.46 *	*reg_2
243 *	3.	3.	100.00	6.92 *	*suj_029
313 *	3.	3.	100.00	6.92 *	*suj_099

Nombre de mots sélectionnés : 24  
 Nombre de mots marqués : 166 sur 210 soit 79.05%

Liste des valeurs de clé :

0 si  $\chi^2 < 2.71$   
 1 si  $\chi^2 < 3.84$   
 2 si  $\chi^2 < 5.02$   
 3 si  $\chi^2 < 6.63$   
 4 si  $\chi^2 < 10.80$   
 5 si  $\chi^2 < 20.00$   
 6 si  $\chi^2 < 30.00$   
 7 si  $\chi^2 < 40.00$   
 8 si  $\chi^2 < 50.00$

Tableau croisant classes et clés :

* Classes *		1	2	3	4
Clés	* Poids *	124	118	54	126
M *	24 *	0	2	8	14
0 *	4 *	0	4	0	0
1 *	12 *	2	6	0	4
2 *	4 *	2	0	0	2
3 *	16 *	10	4	2	0
4 *	100 *	28	22	14	36
5 *	84 *	42	20	10	12
6 *	2 *	0	0	2	0
7 *	82 *	16	36	4	26
8 *	12 *	0	4	0	8
9 *	82 *	24	20	14	24

Tableau des  $\chi^2$  (signés) :

* Classes *		1	2	3	4
Clés	* Poids *	124	118	54	126
M *	24 *	-10	-4	9	9
0 *	4 *	-1	10	0	-1
1 *	12 *	0	2	-1	0
2 *	4 *	0	-1	0	0
3 *	16 *	8	0	0	-7
4 *	100 *	0	-2	0	2

5 *	84 *	21	0	0	-12
6 *	2 *	0	0	13	0
7 *	82 *	-4	12	-5	0
8 *	12 *	-5	0	-1	7
9 *	82 *	0	0	1	0

Chi2 du tableau : 115.328800

Nombre de "1" distribués : 422 soit 41 %

-----  
C2: Reclassement des uce et uci  
-----

Type de reclassement choisi pour les uce :  
Classement d'origine

Tableaux des clés (TUCE et TUCI) :

Nombre d'uce enregistrées : 175  
Nombre d'uce classées : 64 soit : 36.57%

Nombre d'uci enregistrées : 135  
Nombre d'uci classées : 56 soit : 41.48%

-----  
C3: A.F.C. du tableau C2\_DICB.121  
-----

A.F.C. de C:\Arquivos de programas\ADT-Image\marilia\&&\_0\C2\_I

Effectif minimum d'un mot : 8  
Nombre d'uce minimum par classe : 10  
Nombre de lignes analysées : 41  
Nombre total de lignes : 83  
Nombre de colonnes analysées : 4

\*\*\*\*\*  
\* Num.\* Valeur Propre \* Pourcentage \* Cumul \*  
\*\*\*\*\*  
\* 1 \* .50456350 \* 41.30545 \* 41.305 \*  
\* 2 \* .42821520 \* 35.05529 \* 76.361 \*  
\* 3 \* .28876360 \* 23.63926 \* 100.000 \*  
\*\*\*\*\*

Seuls les mots à valeur de clé >= 0 sont représentés  
Nombre total de mots retenus : 83  
Nombre de mots pleins retenus : 41  
Nombre total de points : 87

Représentation séparée car plus de 60 points